

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC - SP

Christina Mello Amorim Costa

A parentalidade invertida em famílias com idosos à luz das lealdades invisíveis

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC - SP

Christina Mello Amorim Costa

A parentalidade invertida em famílias com idosos à luz das lealdades invisíveis

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob orientação da Prof.^a Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cervený.

São Paulo

2017

Banca Examinadora



Dedico este trabalho aos meus antepassados, que mesmo ausentes, se fazem presentes na minha vida. Aos meus amados filhos, Sophia e Henrique, continuação linda dos elos de amor, frutos mais preciosos da minha existência.

Ao Eduardo Bittencourt, que sonhou comigo na juventude esse mesmo sonho e que pôde estar presente na parte mais importante dele. Essa conquista, “é pra ti”, pois como escreveu Guimarães Rosa, “Os outros eu conheci por acaso. Você eu encontrei porque era preciso”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de realizar esse sonho antigo, por ter me sustentado diante de várias dificuldades vividas neste período.

A querida Prof.^a Dra. Ceneide Cerveny, orientadora dessa pesquisa, mas também minha orientadora na vida, com suas palavras certas na hora certa. Um prazer enorme ter estado na sua companhia e saber que estamos ainda no início da nossa jornada.

À prof.^a Dra. Rosa Macedo, por ser um modelo para mim de sabedoria, de força, de dedicação extrema ao trabalho feito com amor. Obrigada por toda a sua generosidade em compartilhar seus conhecimentos e sua escuta e leitura cuidadosa de todos os trabalhos que fizemos.

À prof.^a Dra. Wanda Rogéria Campos Lima Assis por ter participado de aulas e da qualificação, mostrando-me sempre como a sabedoria unida à alegria, sensibilidade e doçura torna tudo melhor.

Aos meus pais, por terem me transmitido os valores da honestidade, da fé, da persistência, do amor e dedicação ao trabalho, os quais conseguiram absorver e transmitir aos meus filhos com alegria.

À Sophia e ao Henrique, meus filhos amados. Se antes era um sonho, a presença de vocês me fez ter coragem para escrever esse trabalho. Vocês me transformaram e me transformam constantemente, diante do desejo provocado pela existência de vocês, em me tornar uma pessoa e profissional melhor.

Aos meus irmãos Marcelo, Maurício e Márcio, por toda ajuda durante esse período, por me apoiar em tudo o que precisei.

À minha avó Nair, que me ensinou o amor, a dedicação e a delicadeza. Nossa relação tão próxima inspirou esse trabalho.

À minha avó Ivete, (in memoriam) uma mulher corajosa e respeitosa com as escolhas de cada um, sem julgar ninguém.

Aos amigos incríveis que conheci na PUC e que levarei para diante, especialmente – minha dupla Damião, Magda Guerato, minha irmã preta Rosângela Matos e Tatiane Maeda.

À irmã que ganhei depois de grande, Andréa Baroni Santi, que me ajudou com sua leitura e correção cuidadosa, e que esteve comigo nos dias mais difíceis e alegres da minha vida durante o mestrado. Lágrimas e risos compartilhados na certeza da nossa eterna amizade.

Às famílias participantes desse trabalho, que confiaram em mim, contando suas experiências de vida e abrindo seus corações de maneira tão generosa e afetuosa.

À Teresinha Macedo, por suas correções na hora mais primordial. Gratidão eterna.

A parentalidade invertida em famílias com idosos à luz das lealdades invisíveis

RESUMO

Esta dissertação foi elaborada com o intuito de conhecer as experiências vividas dos familiares junto ao idoso, no que se refere aos cuidados dispensados a eles, numa perspectiva intergeracional, enfatizando o conceito de lealdades invisíveis. A dissertação foi executada a partir da revisão sistemática de literatura em família e idosos; realizamos um breve histórico da família no Brasil, incluindo questões jurídicas. Tratamos, na sociedade brasileira, das deslealdades e violência sofridas pelos idosos, bem como das contribuições da teoria do ciclo vital familiar, enfatizando a fase última, a partir de uma reflexão acerca das vivências das pessoas com mais de oitenta anos. Discorremos sobre a situação dos cuidadores familiares e profissionais, como eles se portam e seus impactos dentro do núcleo familiar. Dentro do parâmetro psicológico familiar, as lealdades invisíveis apresentam uma dinâmica de interação entre os elementos que compõem a família, por meio das gerações, que, na convivência, confere uma adesão ao sistema relacional. Contamos com a participação de quatro famílias que com suas experiências enriqueceram a compreensão e elucidação do tratamento dado aos idosos, por meio da construção de genogramas e entrevistas, que nos mostra a qualidade da relação entre filhos e pais idosos são consequências de toda uma história de gerações passadas.

Palavras-chave: Idoso. Família e intergeracionalidade.

Inverted parenting in families with elderly members in the light of invisible loyalties

ABSTRACT

This dissertation was elaborated with the intention of knowing lived experiences of the relatives along the elderly people, in relation to the dismissed care to them, in a intergenerational perspective, emphasizing the concept of invisible loyalties. The dissertation was executed from the systematic review of literature about the family and elderly people; we conducted a brief history of family in Brazil, including the legal questions. We treat the unfairness and violence suffered by the elderly in Brazilian society, as well as the contributions of the family vital cycle theory, emphasizing the last phase, from a reflection about experiences of people with more than eighty years old. We discussed about the situation of family and professional caregivers, how they behave and their impacts inside the family nucleus. Inside the family psychological parameter, the invisible loyalties present a dynamic interaction among the elements which compose a family, through generations that, in coexistence, confers an adherence to the relation system. We count with the participation of four families, which their experiences enriched the comprehension and elucidation of the treatment given to the old people through one construction of genograms and interviews, that shows us the quality of the relationship between sons and elderly parents are the consequences of a whole history of past generations.

Keywords: Elderly. Family and intergenerational.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - UM PANORAMA HISTÓRICO DA FAMÍLIA E FILIAÇÃO NO BRASIL – DE ONDE VIEMOS E PARA ONDE ESTAMOS CAMINHANDO?.....	18
1.1 Dos tempos primórdios à civilização.....	20
1.2 A Família e a Filiação no Brasil Colonial.....	22
1.3 Filiação.....	26
1.4 Evolução das leis acerca da filiação no Brasil.....	29
1.5 O lugar do idoso na história.....	30
CAPÍTULO 2 - AS DESLEALDADES.....	32
2.1 As leis dos idosos e suas relações familiares.....	33
2.2 A violência intergeracional e a violência contra idosos.....	34
CAPÍTULO 3 - AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DO CICLO VITAL FAMILIAR PARA A COMPREENSÃO DOS FENÔMENOS ESTUDADOS.....	38
CAPÍTULO 4 - O LIVRO DE CONTAS DA FAMÍLIA.....	45
4.1 A justiça e o livro maior familiar.....	50
CAPÍTULO 5 - A QUARTA IDADE: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS COM MAIS DE 80 ANOS.....	53
5.1 O envelhecer.....	56
5.2 O envelhecimento e relações de poder.....	57
CAPÍTULO 6 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE POSSÍVEIS DINÂMICAS FAMILIARES DIANTE DA PESSOA MUITO IDOSA E A PARENTALIDADE INVERTIDA.....	59
CAPÍTULO 7 - OS CUIDADORES FAMILIARES OU PROFISSIONAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	63
7.1 O cuidador familiar.....	63
7.2 Políticas Sociais de cuidado ao Idoso.....	66
7.3 Cuidado Domiciliar.....	67
7.4 Cuidador Formal.....	67
7.5. Formação de cuidadores.....	68

CAPÍTULO 8 - OBJETIVOS.....	70
8.1 Objetivos específicos.....	70
CAPÍTULO 9 - MÉTODO.....	71
9.1 Tipo de Pesquisa.....	71
9.2 Instrumentos.....	71
9.3 Participantes.....	72
9.4 Procedimento.....	72
9.5 Considerações éticas.....	73
9.6 Análise das narrativas.....	73
CAPÍTULO 10 - GENOGRAMA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS PESQUISAS POR FAMÍLIA.....	74
10.1 Família A.....	74
10.2 Família B.....	78
10.3 Família C.....	82
10.4 Família D.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	97
APÊNDICES.....	102
1 - CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA.....	102
2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	103
3 - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	105
4 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	106

INTRODUÇÃO

“Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e a viver: uma planta, um animal, uma criança, um idoso, o planeta Terra”.

(LEONARDO BOFF)

Em caminhadas pelo bairro que fazia depois de deixar meus filhos na escola, passava em frente a mais de uma casa de longa permanência para idosos e podia observá-los pelo quintal. Também via chegar alguns filhos e parentes para visitá-los. Comecei a refletir na complexidade da vida contemporânea, a partir das minhas experiências, tentando conciliar trabalho, voltar a estudar, cuidar de duas crianças que ainda necessitam de bastante atenção e cuidado, e me perguntei: Se é difícil darmos conta dos nossos filhos, quem irá cuidar dos mais velhos, nossos pais e avós?

A maioria das mulheres, além de se manter como cuidadora da família, trabalha, estuda, e frequentemente é responsável pelo sustento do lar. Entretanto, como aponta Camarano (2010), ela continua a ser responsável pelo cuidado com os membros dependentes. A autora nos coloca um problema, ao demonstrar que *“essas mudanças afetam, substancialmente, a capacidade de as famílias ofertarem cuidados à população idosa”* (p.14).

No consultório, pude acompanhar a sobrecarga de alguns pacientes por volta dos 60 anos, que tinham os pais necessitados de cuidados. E percebi como nessa fase, era custoso realizar todas as demandas. Alguns outros começavam a vislumbrar essa outra etapa da vida e percebiam que seus pais estavam envelhecendo, que muitas vezes não tinham mais a mesma energia e disposição de outrora e, como era impactante dar-se conta da finitude da vida deles.

Perceber o envelhecimento dos nossos pais, eventualmente seu adoecimento, nos faz pensar na nossa própria finitude, o que não escapa ao nosso próprio conflito. Isso pode explicar a dificuldade que percebi na minha prática, das famílias conversarem sobre o envelhecimento, conhecer os desejos dos idosos quanto ao tipo de cuidado que desejam/precisam receber, sobre a disponibilidade de cada um ajudar ou não.

No início do mestrado, na disciplina “Intergeracionalidade – Heranças na Produção de Conhecimento”, ministrada pela Prof. Dra. Ceneide Cervený ao construir com ela meu genograma, pude ter mais consciência do quanto minha *ligação* afetiva com minhas avós

materna e paterna – a primeira viva, idosa, ativa e sobrevivente de uma vida com acontecimentos que eu considero difíceis e perdas prematuras; a outra, falecida há pouco por dificuldades decorrentes da doença de Alzheimer e Parkinson, mas igualmente forte, uma mulher livre, que se reinventou e amou mesmo após a morte trágica de um filho, me deixam à vontade e interessada nas histórias de vida dos idosos. Sinto um genuíno interesse em ouvi-los desde a minha infância. As lembranças de longas conversas com a minha avó na cozinha, enquanto ela preparava e comíamos o que eu considerava os melhores bolinhos de chuva e chá mate quentinho, sinônimo de intimidade, aconchego, afeto. Sei que recebi e aceitei o legado de ser a guardiã da memória da vida dos meus antepassados, como a filha e neta mais velha, a única da família que conheceu bisavós, que viu chegar todas as crianças, e que pela relação próxima e amorosa com minha avó materna, principalmente, me deu todo o sentido de compreender meu interesse em estudar as relações dos familiares com idosos da família, nesse caso, filhos e netos. Essa experiência é bastante valorosa, já que entendemos que a pessoa do terapeuta, e nesse caso, pesquisador, é parte do sistema pesquisado. Abraçamos o conceito da não neutralidade, da responsabilidade da nossa presença, do saber de si em contexto, que nos ajuda a estar no lugar de pesquisador de forma mais consciente e cuidadosa.

Somados às insuficientes ações governamentais que poderiam contribuir com as famílias na tarefa de atender às necessidades das pessoas idosas, as dificuldades econômicas, suas rendas e aposentadorias, o empobrecimento dos filhos (que muitas vezes ainda contam com a ajuda dos pais idosos para complementar o orçamento familiar), questões de gênero entendi ser urgente estudar, como pesquisadora, o assunto com o intuito de buscar caminhos úteis para a construção de conversas transformadoras partindo do meu lugar como psicóloga e terapeuta de família.

O envelhecimento populacional é um fato mundial, porém está crescendo numa velocidade ainda maior nos países em desenvolvimento (dentre os quais o Brasil), que carece maior preocupação, já que esses países enfrentam situações econômicas e sociais significativas. Não obstante, ainda parte das famílias depende financeiramente dos idosos, o que não deixa de desonerar sua pouca liberdade financeira. O envelhecimento da população e a queda da natalidade provocam cada vez mais mudanças na economia, moradia, saúde, educação, comunicação, relacionamentos familiares e sociais.

Conforme gráfico do IBGE – 2010 abaixo, notamos que a população com mais de 75 anos é de 5,5 milhões de brasileiros, ou seja, 2,88% da população.

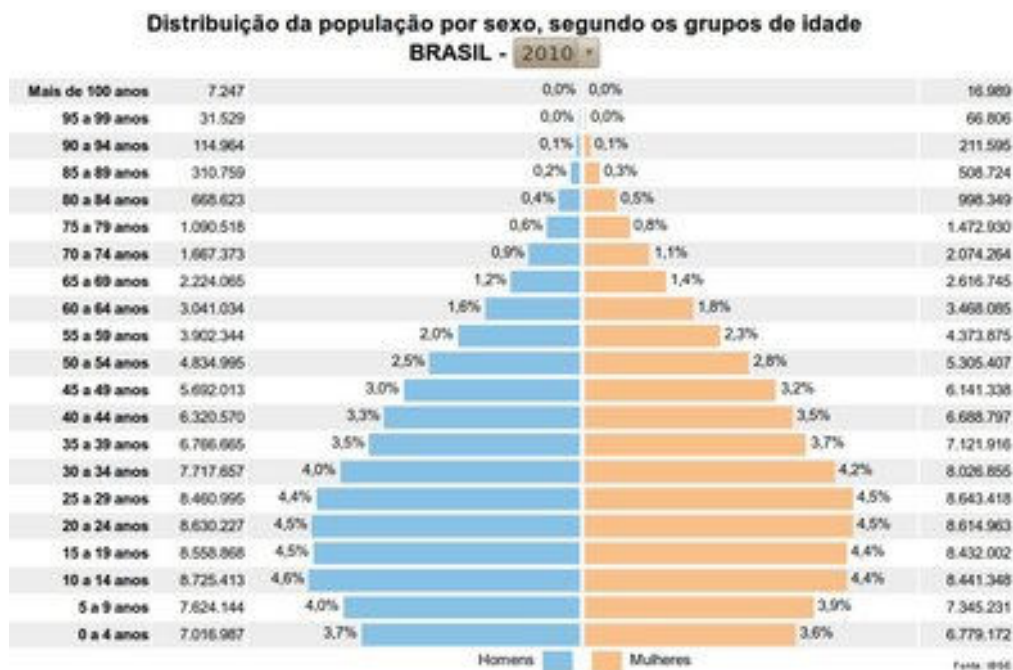


Gráfico1: Faixa etária da população brasileira segundo Censo do IBGE - 2010

Na Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, realizada na Espanha em 2002, que analisou números e dados sobre a questão do envelhecimento no mundo, foi constatado que:

O envelhecimento da população é um fenômeno mundial que afetou ou vai afetar todos os homens, mulheres e crianças de todos os lugares do planeta. Terá um impacto nas relações no seio da família, na equidade entre as gerações, nos estilos de vida e na solidariedade familiar que é a base da sociedade.

Deste modo, a população idosa tende a crescer de forma mais rápida que os outros grupos nos próximos 25 anos (2,8% em 2025-2030), exigindo ajustes na maioria dos países. O grupo dos mais idosos, com idades acima dos oitenta anos representava em 2012, 12% do número total de idosos. Até meados deste século, um quinto das pessoas terão oitenta anos ou mais, sendo mulheres a maioria nesse grupo. (AME, 2002)

Segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), que analisou o PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2009 do IBGE, e que o comparou com os dados de 1992, “além do envelhecimento da população, a proporção da população ‘mais idosa’, de 80 anos e mais, está aumentando também, alterando a composição etária no próprio grupo, ou seja, a população idosa também envelheceu. A sua participação na população brasileira passou de 0,9% para 1,6% entre 1992 e 2009. Embora o percentual seja baixo, fala-se de 2,9 milhões de pessoas com 80 anos e mais. Isto leva a uma heterogeneidade do segmento idoso, pois este passa a incluir pessoas com 60 anos a mais de 100 anos de idade”.

Ainda de acordo com o IPEA, a aposentadoria diminuiu a proporção de idosos pobres, entretanto destaca a situação da mulher idosa que por não ter sido economicamente mais ativa na juventude, é mais dependente de outros membros da família e, conseqüentemente, mais vulnerável a violência familiar.

Já que a proporção de idosos pobres diminuiu, a renda média aumentou, com isso, o idoso modificou seu lugar na família. Aproximadamente 6,2 milhões de famílias em que o idoso era chefe ou cônjuge, havia filhos adultos residindo, e em 2,3 milhões havia netos. A renda maior também diminuiu a proporção de idosos que vivem na casa dos filhos ou outros familiares, ou seja, eles estão sendo provedores, mesmo que dependam de cuidados.

Na cidade de São Paulo a proporção de idosos, em relação a de pessoas com quinze anos (classificadas como jovens pela padronização demográfica), deve dobrar, atingindo 20% em 2030, segundo projeções da Fundação Seade. Assim o planejamento das cidades, da distribuição dos recursos de atendimento oferecidos à população idosa, o problema da acessibilidade, também fazem parte das urgências que enfrentamos.

Decidimos incluir uma revisão sistemática da literatura, com o objetivo de conhecermos as pesquisas realizadas no Brasil acerca da temática família com idosos, entre os anos de 2010 a 2016, pesquisadas durante o mês de junho de 2016.

Para tanto utilizamos as palavras chave: família e idosos, nas plataformas de pesquisa: BVS psi, Pepsi, Scielo e periódicos CAPES.

Trataremos dos achados em cada um separadamente, tendo como critério de aceitação o lugar do idoso na família (tipo de organização, expectativas em relação ao mais velho e relacionamento familiar).

BVS psi:

Pepsi: aponta 16 artigos. De acordo com os critérios de período de publicação e aceitação, ressaltamos 6 artigos, que tratam do idoso na família, dos desafios do cuidado na atualidade, do suporte familiar do idoso.

Scielo: aponta 350 artigos. Seguindo o mesmo critério de tempo de publicação, selecionamos alguns eixos/temas mais recorrentes, a fim de demonstrar o que está sendo mais pesquisado no que se refere a família e idoso.

Artigos que tratam de questões da saúde da pessoa idosa, num amplo sentido. Inclui pesquisas sobre saúde bucal, nutrição, prática de exercícios físicos, a adesão do idoso ao tratamento de diabetes, hipertensão arterial, depressão, quedas. Cerca de 67 trabalhos tratam dessa temática.

Uma outra imensa maioria se refere ao idoso que está vinculado à rede de Saúde da Família. As pesquisas giram em torno de diferentes profissionais como enfermeiros, fisioterapeutas, agentes comunitários, que traçam perfis de idosos de algumas localidades, a percepção desses diversos profissionais da saúde no cuidar dos idosos, da validação desses atendimentos e o acesso do idoso a esse tipo de serviço. Contamos cerca de 65 pesquisas nesse sentido.

O estudo do perfil de idosos de diferentes municípios, que permitem as ações de políticas públicas voltadas aos idosos contaram com cerca de 25 trabalhos.

A questão da violência contra os idosos, prevalência, cuidados da rede de atendimento, percepção dos profissionais acerca da família do idoso vítima de violência contamos 9 trabalhos.

Pesquisas relacionadas ao idoso que vive em Instituições de Longa Permanência (ILP), tratam de aspectos como motivos que levaram a família à decisão por internação, as percepções dos idosos, a importância dos vínculos nessa condição. Contamos 9 trabalhos que abordam esse tema.

A sexualidade dos idosos e os impactos da sua vivência na família contam com 2 pesquisas.

O idoso portador de HIV/AIDS, e doenças sexualmente transmissíveis – experiência da pessoa portadora, impactos na vida pessoal e familiar são tratados em 7 trabalhos.

O suicídio cometido por idosos são tratados por 3 artigos.

Os significados da velhice, envelhecer, percepção das mudanças aparecem em 3 artigos.

Sobre pesquisa e ensino que envolvem a temática do idoso contam com 2 trabalhos.

Alguns assuntos pertinentes ao idoso hospitalizado contam 3 artigos.

Foram selecionados 44 trabalhos, que tratam da temática do idoso e sua família.

Seis destes se reportam à questão do cuidado quando o idoso é portador de doença de Alzheimer; 1 quando o idoso está sob cuidados paliativos, vivendo a fase final da vida em casa; 1 sobre idosas que cuidam de outra pessoa idosa; 2 sobre as famílias cuidadoras de idosos que sofrem de depressão; 1 acerca do cuidador do idoso com câncer; 1 trata da percepção de idosos pobres com alterações cognitivas sobre funcionalidade familiar, e outro sobre a presença do cuidador familiar do idoso com essa mesma característica em Belo Horizonte/MG.

Um artigo trata da realização do perfil do idoso – 1 um estudo comparativo sobre a percepção subjetiva de qualidade de vida e bem-estar de idosos que vivem sozinhos, com a família e institucionalizados; outro artigo descreve o perfil de cuidadores familiares em um município do Pará; um artigo faz uma análise crítica da literatura sobre o conceito de insuficiência familiar.

Dessa seleção destacamos 25 artigos que mais se enquadram no nosso critério de aceitação:

Dois deles abordam a relação familiar do idoso na quarta idade (acima dos 80 anos);

Um sobre propriedades psicométricas do APGAR de família com idosos no Nordeste; outro artigo trata das representações sociais da velhice por familiares de idosos; um trata da relação familiar de idosos que vivem no meio rural;

O restante (21) abordam qualidade de vida, arranjos familiares, sobrecarga do cuidador familiar, sobre a dinâmica das famílias que vivem com idoso que necessita de algum tipo de cuidado, sobre a satisfação dos idosos com as relações familiares, e sobre as relações intergeracionais dessas famílias.

Periódicos CAPES:

Utilizando os mesmos descritores – família e idoso, essa plataforma apresentou 502 artigos.

Muitos artigos (cerca de 77) tratam de aspectos da saúde do idoso – doenças como diabetes, hipertensão, depressão, quedas, saúde bucal, adesão ao tratamento, uso e efeitos de medicamentos.

Outro número significativo (46) se refere aos artigos que envolvem o trabalho de diferentes profissionais de saúde envolvidos no cuidado ao idoso, vinculados à saúde pública, como o programa saúde da família. Nutricionistas, fisioterapeutas, e enfermeiros contam a maioria.

A violência contra a pessoa idosa foi tratada em 17 pesquisas.

O idoso com HIV/AIDS e DST forma estudados em 7 artigos.

O idoso em situação de hospitalização em 16 trabalhos.

Os significados, representações e percepção de idosos quanto ao envelhecimento apareceram em 9 trabalhos.

Idosos que vivem em Instituições de Longa Permanência (ILP) foram estudados em 13 pesquisas.

Perfil de idosos e de cuidadores de determinados municípios somaram 29 trabalhos.

O ônus físico do cuidador em 1 pesquisa.

Gestão de serviços oferecidos à população idosa foi tratada em 15 artigos.

Uma pesquisa se referiu à relação do idoso com a tecnologia.

Dois artigos trataram do idoso com a interface da justiça.

Reabilitação física foi tratada em 3 artigos.

Idosos com algum comprometimento cognitivo e em 6 artigos.

Quarente e seis trabalhos trataram mais especificamente do critério de aceite para essa revisão.

A sua maioria sempre se refere a família no lugar de cuidadora do idoso que possui algum grau de dependência e necessita de cuidados. Oito deles sobre famílias de idosos que sofrem de doença de Alzheimer. Um com familiares de idosos com depressão, e outro com sequelas de AVC.

Destaca-se a preocupação em compreender as experiências do cuidador familiar, que vive uma situação de dedicação, stress e que também necessita de cuidados. Poucos trabalhos se referem ao idoso na família fora da perspectiva de doentes crônicos necessitados de cuidados, e tratam do lugar do idoso, das mudanças no relacionamento, das vivências intergeracionais. Pretendemos que esse trabalho possa ser uma contribuição nesse sentido.

CAPITULO 1 - UM PANORAMA HISTÓRICO DA FAMÍLIA E FILIAÇÃO NO BRASIL – DE ONDE VIEMOS E PARA ONDE ESTAMOS CAMINHANDO?

“Os meus filhos são a minha última vida”

(MIA COUTO)

Temos como pressuposto teórico a compreensão da família a partir do referencial sistêmico e, neste caso, especialmente as contribuições da intergeracionalidade na transmissão de modelos, padrões de interação, repetição, legados e dívidas existenciais.

Isso nos leva a perceber a família (pela lente que usamos para a compreensão de um fenômeno) a partir do intercâmbio das relações entre seus membros, de forma que cada um influencia e é influenciado na sua convivência uns com os outros, nos constituindo, portanto, nas relações, de maneira recursiva. Consideramos o contexto social (historicamente datado e localizado), na constituição da nossa subjetividade.

“A família mudou!” Essa é uma referência continuamente comentada nos meios de comunicação, muitas vezes de maneira conservadora, como se a “família boa” tivesse ficado para trás. Claro que a família mudou, afinal vivemos num mundo em constante transformação, acelerado nas últimas décadas com o advento da globalização (que afetou a economia e diminuiu fronteiras); além da tecnologia, que alterou radicalmente a forma como nos comunicamos uns com os outros, e, portanto, a família como sistema vivo, foi também alterada.

Entretanto, apesar da ampliação dos meios e formas de comunicação, a maneira como a família se comunica não melhorou. Segundo Cerveny (2008) a principal queixa na terapia familiar atualmente são os problemas de comunicação.

Giddens (2002) faz uma análise da família, informando que essa revolução global impacta a nossa vida pessoal, de maneira que são poucos os países no mundo que não estão discutindo sobre a igualdade sexual, a regulação da sexualidade e o futuro da família. Ele diz: “Há uma revolução global em curso no modo como pensamos sobre nós mesmos e no modo como formamos laços e ligações com os outros”. (p.61)

Quando pensamos em família, várias descrições são possíveis. Pretendemos construir neste capítulo um panorama da história da família, especialmente da história brasileira, observando a necessidade da compreensão dos fenômenos nos seus contextos de origem,

procurando enfatizar as relações entre pais e filhos e netos, evitando a naturalização das relações familiares. Com o desenvolvimento da vida urbana, a família passou por grandes mudanças, como nos diz a historiadora Maria Ângela D’Incão (2013):

O desenvolvimento das cidades e da vida burguesa no séc. XIX influiu na disposição do espaço no interior da residência, tornando-a mais aconchegante; deixou mais claros os limites do convívio e as distâncias sociais entre a nova classe e o povo, permitindo um processo de privatização da família marcado pela valorização da intimidade. (p.228)

O estudo da nossa história nos permite compreender os caminhos trilhados, atravessados por questões de poder, pela economia e riqueza, assim como as transformações de intimidade, diferenciação entre o público e o privado, o lugar da mulher e, portanto, dos filhos, da maternidade, dos novos valores que irão predominar nesse cenário. Também nos permite analisar a sensação de mudança repentina da família, como se essa estivesse “perdida”. Maria Rita Kehl, num ensaio intitulado “Em defesa da família tentacular” (2003), questiona de que família estamos falando, quando da nostalgia da família nuclear, com pais e filhos de uma mesma união, predominavam, apontando os custos emocionais e os valores em jogo, para essa ou qualquer outra formação familiar, apontando que essa configuração é datada, e recente, associada principalmente à classe burguesa.

Tendo como pressuposto a importância de situar os fenômenos estudados abarcando os contextos nos quais esses ocorrem, entendemos a necessidade de deter nesse momento nosso olhar para o passado, a fim de aumentar nossa compreensão sobre como vivíamos, no grupo familiar, tempos atrás. Esse olhar cremos que possibilita a desnaturalização dos acontecimentos e pode apurar nossa percepção para as situações que vivemos atualmente.

Partimos de um ângulo vasto e distante, da formação da família na pré-história, e nos deteremos com maiores detalhes na família brasileira, privilegiando as relações entre os pais e filhos, no Brasil Colônia.

Questões que envolvem o direito, no que tange a parentalidade, também serão esboçadas. E chegando mais perto do foco da presente pesquisa, dedicaremos uma reflexão acerca do Estatuto do Idoso, posto que sabemos que mudanças na sociedade concretizaram esse documento e, que esse conjunto de leis, também impõe preocupações, mudanças e reflexão, numa retroalimentação. Observamos que a ciência da existência do Estatuto do Idoso permeia o imaginário das famílias, constituindo-se como parte das preocupações nos cuidados com o mesmo.

1.1 Dos tempos primórdios à civilização

Bem no início da nossa presença na Terra, possíveis por meio dos registros preservados e pesquisas realizadas, iremos abordar a origem da família, pelas contribuições de Engels (1982), que por sua vez realizou seu trabalho baseado nas investigações de L. H. Morgan (1871; 1877), que buscou estabelecer conexões de parentesco em escala global.

Para ele, a pré-história da humanidade é dividida em períodos que variam de acordo com progressos obtidos na produção dos meios de existência. E assim, o desenvolvimento da família acontece conjuntamente, alterando o modo como os seres viviam e se agrupavam, em modelos que hoje podemos chamar de família.

As fases são assim denominadas: fase selvagem, subdividida em inferior, média e superior; barbárie, também subdividida em inferior, média e superior; e por fim civilização.

O estudo dos iroqueses realizado por Morgan (1877), como nos conta Engels, permitiu que se observasse entre eles um sistema de consanguinidade, existindo uma união, que podemos considerar um matrimônio, que era dissolvido com facilidade por ambas as partes. Essa é a família sindiásmica. Nela a descendência desse tipo semelhante de casal era reconhecida por todos – pai, mãe, filho ou filha, tio, sobrinho, primos e irmãos, que implicavam na organização social e deveres recíprocos.

Apoiado nos estudos de Morgan, Engels afirma que a família é o elemento ativo – nunca permanece estacionário, mas passa de uma forma inferior a uma superior, à medida que a sociedade evolui. E, por outro lado, os sistemas de parentesco são passivos, progredindo ao longo de um período de tempo maior, absorvendo as mudanças sofridas pela família.

Na família sindiásmica cada filho tinha vários pais e mães, devido a provável ocorrência da poligamia e da poliandria, desenvolvimento que culminou na monogamia, com os casais isolados, como hoje vivemos.

O matrimônio nessa época era por grupos – grupos inteiros de homens e mulheres pertenciam-se mutuamente.

As relações sexuais eram praticadas sem os proibitivos do incesto e sentimento de ciúmes.

Daqui se formou a primeira etapa da família, a família consanguínea. Aqui os grupos eram classificados por gerações: avôs e avós, maridos e mulheres entre si. Pais e filhos são os únicos que não compartilhavam o matrimônio entre si.

Em seguida, temos a família punaluana. Nesta as relações sexuais entre irmãos foram excluídas. A proibição se deu aos poucos, chegando até na proibição do casamento entre primos (irmãos colaterais), em segundo e terceiro graus.

Assim esse grupo se transforma numa gens – círculo fechado de parentes consanguíneos por linhagem feminina, que não podem casar-se entre si.

Outra família, que surgiu na sequência, foi a denominada sindiásmica, surgindo no limite entre o estado selvagem e a barbárie.

Nesta, o homem e a mulher vivem juntos, mas a poligamia e a infidelidade ocasional por parte dos homens eram um direito desses, enquanto que o adultério feminino passou a ser castigado. Porém, o vínculo entre o casal podia ser dissolvido por ambas as partes. Os filhos continuavam a pertencer à mãe. Para Engels até essa época as mulheres tinham respeito e poder.

Com a introdução da criação de gado, elaboração de ferramentas (metais), desenvolvimento da agricultura e a tecelagem, o panorama foi se modificando, tendo como evento transformador, a mudança da filiação materna para a filiação paterna. Temos aqui o surgimento do patriarcado. Nesse, o homem era polígamo, possuía escravos que eram casados e tinham filhos e que cuidavam do gado. É interessante lembrar que a etimologia da palavra família vem de “fâmulos”, que significa escravo doméstico e família se refere ao conjunto de escravos pertencentes ao mesmo homem.

Essa família marca a passagem do matrimônio sindiásmico ao surgimento da família monogâmica. Nesta, o poder pertence ao pai. A paternidade, com os filhos herdeiros dos bens paternos, se torna indispensável, e os laços conjugais não podem ser rompidos. A mulher torna-se a mãe dos filhos legítimos do homem, se ocupa de governar a casa e as escravas que seus maridos transformam em concubinas quando quiser. *“A monogamia surge sob a forma de escravidão de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado até então, na pré-história”* (ENGELS, p.70).

Engels (1982) afirma que assim, o adultério tornou-se uma instituição social inevitável, junto com a monogamia e o heterismo (prostituição na Grécia e concubinato).

Mais adiante tivemos o amor cavalheiresco da Idade Média e o casamento burguês. Quanto ao último, Engels (1982) faz uma declaração provocativa, afirmando que nos países católicos, esse casamento era abundante em heterismo por parte do homem e adultério da mulher; e que nos países protestantes, o filho burguês podia procurar uma moça para se casar

da sua classe, motivados por sentimento amoroso, que segundo Engels, eles sempre acreditaram que assim fosse, por serem hipócritas.

Agora vamos para outro cenário, mais próximo dos dias de hoje e do contexto que vivemos. Nossa viagem se dará no Brasil, na época colonial, país esse colonizado, escravizado e, portanto, se formaram nessa mistura de culturas, valores, costumes e crenças de diferentes origens, que viveram ao mesmo tempo esse período de maneira diferente, visto que ocupavam lugares diferentes na sociedade, que eram portadores da sua própria cultura e código moral. O contexto da nossa diversidade. Por isso, a importância de perceber a história com a coexistência de diferentes narrativas e experiências, não como se ocorresse num único e uniforme cenário para todos. A narrativa predominante, da família burguesa patriarcal, da senhora rica dona de escravos e o senhor dono de tudo e de todos era parte desse cenário, mas não a única voz.

Tendo ciência de que não somos especialistas em história, e sim, pesquisadora da área de família, estudando a nossa história como ferramenta para a ampliação de contextos, condizentes com nosso referencial teórico sistêmico, continuaremos a retratar um panorama singelo, das raízes da formação das famílias do nosso país, dando voz às diferenças e desejosas de que ao final tenhamos feito uma pequena e simples contribuição para pensarmos nossa família contemporânea.

1.2 A Família e a Filiação no Brasil Colonial

“Uma família simples como a nossa não tem muito que contar. São esses acontecimentos banais, que só se tornam únicos quando nos dizem respeito. Por isso, notícia assim, de repente, de filho que volta, é mais importante que o fato mais importante de toda história da humanidade! E a gente começa a viver o abraço antes do abraço. A voz, o cheiro, o pegar, o colar o rosto e o dar muitos beijos, muitos, muitos, muitos. Que filho foi feito mesmo para beijar. E em momento assim de reencontro, a gente aproveita e os sufoca de tanto carinho. Que em momentos assim eles geralmente deixam e não se importam. E depois a gente se afasta, que é para ver melhor, e começa a reparar nos gestos, que são um pouco da mãe, o jeito de falar, que é um

pouco do pai, o brilho dos olhos e os cabelos, que são da vó materna! Nossos filhos, que pegamos no colo, vão crescendo. E vão ficando mais bonitos do que nós, mais educados e muito mais instruídos do que nós. Seus sentimentos também são bem mais apurados. Nossos filhos somos nós para melhor. Bom que seja assim. Bom quando é assim”.

(FRANCISCO AZEVEDO, 2016)

Campos (2003) nos informa que o discurso acerca da família teve início na década de 60 do séc. XIX, a partir do interesse dos antropólogos e sociólogos que observaram a importância do parentesco e do casamento nas sociedades primitivas.

O casamento era um negócio de família, tamanha importância que se verifica na lei, de 13 de novembro de 1651, que previa aplicação de sanções a todos os que se casassem contra a vontade da família. O matrimônio era permitido aos escravos, sob a condição desses conhecerem o cristianismo. Percebe-se o domínio da igreja em relação aos assuntos de família, influenciando a moral e a vida espiritual da sociedade.

Nesse tempo, a escolha do cônjuge se dava como troca de interesses; as questões do dote eram parte das preocupações das famílias, tradição de origem portuguesa, desde a Idade Média.

A mulher era tida como ser frágil, que por isso deveria ser tutelada e o sistema jurídico acompanhava essa visão. Características como nobreza, recato e honradez eram valorizadas. Como um produto de mercado, qualquer deslize de conduta era condenado, diminuindo seu valor.

Sobre a filiação a mesma autora afirma:

Quanto à prole, sujeitava-se o pátrio poder, exercido pelos pais. Antes de atingir a maioridade, o filho dizia-se “emparentado”. A proteção judicial dos órfãos era exercida por um tutor e um conselho de família. Admitiam-se a adoção e a perfilhação, feitas perante o conselho ou por meio de uma escritura. Os bens rústicos da família eram comuns e alienáveis, excluídos da sucessão individual. A cota disponível podia ser a “quinta”, a “terça”, ou a “metade” dos próprios bens ou se dispunha livremente de tudo, conforme a natureza dos bens. Casos vários de disputas de heranças em São Paulo revelam os pais como herdeiros forçados, na ausência de descendentes, o que não acontecia em Portugal. Os filhos naturais, quando reconhecidos, concorriam à herança, em cota estipulada, costumeiramente, pelo próprio pai. Os bastardos plebeus podiam herdar, o que não se dava com os de nobres. Bastardos ou mamelucos, chamavam-se filhos ilegítimos de pais brancos e

mães índias. “Mulato” era também usado como sinônimo de mameluco. Para efeitos jurídicos, bastardo não implicava filiação. (p.52).

Os povoadores chegavam à capitania e se uniam aos índios e mamelucos, formando a mestiçagem típica do nosso país. As crianças nascidas eram registradas sem a identificação da progenitura.

O sentido de família na São Paulo colonial, segundo a autora, se confunde com o significado de parentela, tendo como ideologia a ligação de sangue.

Temos nessas famílias os seguintes conceitos de consanguinidade, apontados pela autora: 1) tronco, pessoa ou casal do qual procedem por geração os outros consanguíneos; 2) linha, série ordenada de pessoas que procedem de um tronco comum, podendo ser reta, se todos os consanguíneos que se consideram entre si na relação ascendente-descendente; colateral, se nem todos se encontram na relação ascendente-descendente; 3) grau, distância geracional que separa dois consanguíneos. (p.240).

Importa diferenciar que nessa época haviam dois conceitos distintos: o de família, que compreendia o grupo constituído por meio dos laços conjugais, filhos, pais e irmãos; que difere de parentesco, que abarcava relações de descendência, de aliança e de parentesco fictício.

Campos (2003) procurou estabelecer alguns tipos de famílias existentes àquela época, classificando desse modo:

1) Família nuclear (simples ou conjugal), compreendendo pai, mãe e filhos co-residentes, na classe completa e apenas um dos cônjuges, nos lares truncados. A existência ou não da prole não foi considerada para efeito de classificação. Os enteados foram postos na situação de filhos, em respeito, aliás, às leis da época.

2) Famílias complexas ou alargadas, formadas pelas duplas conjugais, somadas a um ou a vários agregados. Não é o tamanho maior da família que a diferencia da nuclear, uma vez que um casal com prole numerosa poderia formar famílias com mais membros do que muitos exemplos alargados.

3) Categoria Individual: comporta pessoas apartadas da estrutura da família, vivendo sozinhas ou acompanhadas por agregados, estes, em geral, sem laços de parentesco. Eclesiásticos, talvez prostíbulos façam parte dessa categoria.

4) As fatrias eram agrupamentos relativamente frequentes na paisagem paulista, constituem-se de irmãos, chefiados por um deles (em geral os mais velhos e

preferencialmente machos), habitando fogos comuns. Herdavam a constituição dos lares completos formados pela morte dos pais.”

5) Famílias múltiplas ou polinucleares, constituídas por vários núcleos: um principal e outros secundários. O tipo mais comum é o da agregação de uma filha casada, acompanhada de marido e filhos, ao fogo materno.

A organização da família paulista reflete claramente fatores de instabilidade, decorrentes da própria história de São Paulo. Instabilidade biológica e cultural: morte precoce de um dos cônjuges, especialmente o masculino; interditos a casamentos heterogâmicos, que condenavam parte da população a viver em concubinato, com o cortejo das crianças ilegítimas ou abandonadas; crise econômica de um período mediano entre a mineração e o café; campanhas militares do Sul; alta taxa de mortalidade infantil. A família cristã, mal enraizada em São Paulo dos três primeiros séculos, permaneceu uma instituição estranha a amplos segmentos da população e introjetou, em sua estrutura, as dificuldades da sociedade inclusiva, na luta pela sobrevivência (p.292).

A separação da família do mundo exterior, especialmente das mulheres, tendo como a sala de visitas o limite para se receber pessoas estranhas à casa, permaneceu inalterada até o séc. XIX e primeiras décadas do século XX. A cozinha, localizada no quintal das casas, era um local de alguma intimidade e transmissão de valores culturais das mulheres.

Sobre os bens e patrimônio, vimos que esses pertenciam à família: ao casal e seus filhos ou a parentes diretos e colaterais.

As Ordenações estabelecem que os casamentos feitos em reinos e senhorios de Portugal fossem por carta de a metade, salvos acordos e contratos entre as partes. Os casamentos de pública fama, isto é, o casamento presumido, fazia também meeiros o homem e a mulher. A preocupação do legislador é fazer com que os bens se comuniquem entre si. Daí as restrições ao casamento por contrato de dote ou arras, permitindo doações cerradas até no máximo a terça parte do que a mulher tiver em dote, a fim de “por tal obrigação de arras os ditos filhos não sejam defraudados em maneira alguma de suas legítimas. (p.316/317).

A meação, dominante no Brasil, implicava a responsabilidade de marido e mulher pelo patrimônio. A preocupação fundamental é que todos os filhos herdem o patrimônio de seus pais, sem distinção, sendo que a disputa pelos bens provocavam longos processos.

A respeito das relações conjugais, observamos o lugar da mulher submissa, obediente, sempre disposta a servir; tendo suas qualidades sempre referidas aos papéis sociais de esposa e mãe. Ideal esse que atinge todas as mulheres e compreende uma série de normas de conduta. Elas eram vigiadas e tuteladas pelo pai, irmãos, marido.

O relacionamento conjugal existia a partir de interesses práticos e econômicos. A sexualidade era dividida entre o amor puro das esposas e o amor paixão realizado sempre fora do casamento.

Interessante comentar que em São Paulo, até a Independência, a mulher não adotava o sobrenome do marido. Mesmo na Europa, o costume que levou as mulheres casadas a abandonar o nome da família de origem para adotar o nome do marido ainda era embrionário no século XVIII. Em São Paulo, esse costume não foi implantado na era colonial.

Sobre as relações conjugais baseadas no poder e violência, a autora descreve que:

O poder marital comportava o direito e até mesmo o dever de castigar a mulher. Dever, diga-se de passagem, reconhecido pelas próprias vítimas, que se rebelam não contra o “instituto” das pancadas, mas contra seu excesso e injustiça. (p.413).

1.3 Filiação

Houve uma baixa na taxa de natalidade no fim do séc. XVIII, que pode ser explicada pela crise econômica e emprego de métodos contraceptivos.

Além disso, um fato doloroso, em nossa opinião, e que infelizmente fez parte da nossa história, se refere ao abandono dos filhos, que pode ser julgado como um infanticídio disfarçado, porque poucas crianças conseguiriam sobreviver aos maus-tratos, às condições precárias de vida.

Esse fato demonstra como a naturalização da maternidade e paternidade, ainda hoje considerada como um “instinto biológico”, não faz sentido. O amor filial também é uma construção social e o lugar da criança na sociedade mudou e muda com o tempo.

Os partos eram realizados de maneira precária, pondo em risco a vida da mãe e do feto. As parteiras e curandeiras, porém eram reconhecidas socialmente.

A relação entre pais e filhos acontecia de acordo com uma pauta assimétrica de deveres e obrigações, variável com a idade dos filhos e a situação econômica da família, mas sempre governada pelo princípio de pátrio poder. O pai tinha o poder de correção, que envolvia castigos corporais, permitidos pela legislação. Tal poder se tornava mais intenso na época da adolescência, quando o pai além de vigiar ainda mais de perto aspectos morais, também estava envolvido nas questões do ensino de uma profissão, misturados à castigos.

Os deveres dos pais eram providenciar aos filhos alimentação, vestimenta, abrigo, proteção e educação para a vida e para Deus. Aos filhos, cabia a obediência aos pais.

Nos primeiros meses, a criança vivia carregada pela mãe ou ama, aleitada ao peito. Quando as mulheres dispunham de condições econômicas favoráveis, davam seus filhos a amas-de-leite, para que o amamentassem; porém, quando começavam a andar, ficavam livres, uma liberdade que se parece com abandono, pela casa.

Na medida do seu crescimento, os filhos homens aumentavam sua margem de liberdade. A filha, ao contrário, permanecia sob o controle de seus pais até que se casasse ou saísse de casa.

A mulher permanecia como mediadora das relações pais-filhos. A partir de documentos históricos, a autora afirma que é possível supor uma mistura de sentimentos de confiança e atração para a mãe e de respeito e agressividade para o pai. Filhos homens podiam aprender a ler e escrever, enquanto as meninas apenas aprendiam atividades ligadas ao lar.

Era comum o hábito de entregar a criação de filhos a casas alheias, trazido pelos costumes europeus. Os filhos ilegítimos comumente eram delegados a terceiros, que os criavam.

A ruptura dos laços de subordinação dos filhos aos pais costumava ser tardia, sendo o casamento uma maneira de torná-la possível, apenas se o casal jovem tivesse condições de se sustentar, que não era comum. Assim explica a autora:

O filho-famílias, isto é, o filho que vivia com seus pais, investia-se de uma identidade diminuída, ensombrecida pelo vulto paterno. Leis e costumes velavam pela obediência filial, manifestada por um respeito ritualizado. O tratamento distanciado, de senhor e senhora, mantinha-se até o final da vida. O pedido humilde de benção aos pais, conferia a estes um status sagrado, como sacerdotes do grupo doméstico. A negação da benção e a ameaça de maldição funcionavam como instrumentos controladores do poder dos pais sobre os filhos. (p. 446).

Além das limitações impostas pela lei, a obediência aos pais seguia pela vida, como um dever moral. Alguns filhos fugiam como se pode observar nos registros frequentes de fugas e raptos de jovens.

A respeito da emancipação vemos que foram pedidos feitos por homens, quando desejavam se casar e reger sua terra. Às moças não eram permitidos tais pedidos, visto que, como já dissemos, mulheres eram seres necessitados de tutoria.

Ainda de acordo com Campos (2003) a Igreja e o poder civil tentaram a uniformização ideológica dos moradores: a mesma visão de mundo, o mesmo sistema de valores, o mesmo instrumental verbal. Cada qual deveria portar o mesmo costume que portavam todos os de seu grupo durante gerações, mas cada costume era diferente e incidia diferentemente nas diversas camadas sociais (p.453).

As pessoas sociabilizavam-se segundo um quadro referencial que se apoiava nas duas famílias principais: a do nascimento e a do casamento. Os contatos preferenciais estabeleciam-se com os parentes maternos e a solidariedade entre parentes preferia os membros femininos aos masculinos. É possível verificar que a família assumia maior responsabilidade frente aos cuidados com os membros femininos, visto que havia o dobro de mulheres vivendo agregadas a casa de parentes, em comparação aos homens nessa situação. *“Para os primeiros três séculos da Capitania, os inventários e testamentos transmitem a imagem de uma sociedade altamente permissiva, embora, contraditoriamente, visse o casamento como a solução ideal para a família”* (CAMPOS, p.488).

Campos (2003) nos conta que viúvas se viram assumindo filhos de seus maridos falecidos; ao mesmo tempo em que alguns testadores não assumiam qualquer compromisso em relação à prole ilegítima, que assim não recebiam herança.

Sobre a guarda dos filhos, a mesma autora explica:

A guarda dos filhos não é tratada pela maioria dos processos, o que não é de estranhar uma vez que o desamparo afetivo e material da família é avocado como causa de numerosas separações, o que indica o abandono de fato dos filhos aos cuidados da mãe. Além disso, falecia competência ao Juízo Eclesiástico para decidir quanto à tutela da prole. Quando matéria de julgamento, o princípio era a partilha: os varões com os pais, as fêmeas com a mãe. Ou a simples divisão aritmética. (p. 550).

Continuamos nosso percurso, chegando finalmente aos nossos dias. Faremos um breve relato sobre a filiação no Brasil, no âmbito jurídico que, obviamente, acompanham as mudanças das relações entre as pessoas, as novas configurações familiares, o desenvolvimento da medicina, que pôde trazer a possibilidade de reconhecimento da paternidade via ciência, algo que antes, não era possível. Assim, percebemos como as leis acompanham as mudanças da sociedade e vice-versa.

Utilizaremos as contribuições de B. Zeni (2013) acerca dessas questões, fazendo uma breve síntese dos aspectos principais que estão de acordo com nossa pesquisa.

A autora faz uma tentativa de descrever o conceito de filiação, que difere para alguns autores, mas que ela destaca como síntese assim: *“Juridicamente falando, a filiação é toda a relação entre pais e filhos, desde sua constituição, modificação e extinção”* (p.77).

Ferreiro (2004 apud ZENI 2013, p.77) conceitua que *“filiação é a relação social de parentesco entre genitor, ou genitora, e progeneritura, o que é, ao menos em parte, a base da identidade dos novos membros da sociedade e de sua incorporação aos diversos grupos sociais”*.

1.4 Evolução das leis acerca da filiação no Brasil

Podemos afirmar dois momentos distintos no que concerne às leis relativas à filiação no Brasil que são as existentes no Código Civil de 1916, que perdurou por 60 anos até que fosse promulgada a Constituição de 1988.

No CC/1916, a filiação era classificada de acordo com a origem, sendo filho legítimo aquele advindo do casamento.

Nas regras para a adoção, as seguintes condições deveriam ser observadas: o adotante deveria ter pelo menos 50 anos; se casado, só poderiam adotar após cinco anos de casados; a diferença de idade entre adotante e adotado deveria ser de pelo menos 18 anos; era necessário o consentimento do adotado ou do seu representante legal e ser feita a escritura pública. A idade do aspirante a adoção se transformou via artigo de lei para 31 anos em 1957 e para 21 anos.

Era permitido o reconhecimento de filhos ilegítimos, pelo pai ou mãe, porém não era permitido o reconhecimento de filhos advindos de incesto ou adúlteros. Tais filhos quando reconhecidos só poderiam habitar no lar conjugal com o consentimento do cônjuge. Se assim ocorresse, o genitor que o reconheceu deveria prestar alimentos e toda assistência já prevista a um filho legítimo.

A paternidade era atribuída apenas a partir da fidelidade da mulher (adultério era crime), sendo que os filhos nascidos antes dos 180 dias ou após os 300 dias subsequentes à dissolução do casamento eram considerados ilegítimos.

A investigação da maternidade ocorria nos casos de ocultação de filho, de abandono ou de rapto.

Quando no caso de ocorrer um desquite, era possível reconhecer os filhos nascidos fora do casamento, a partir do Decreto-Lei nº 4.737/42.

Com a Constituição de 88, porém terminou a discriminação entre os filhos legítimos ou ilegítimos. E apoiada nos fundamentos da dignidade humana, permite e determina que seja destinado tratamento igualitário aos filhos.

No ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente/ 1990) esses direitos foram reforçados, nos artigos 26 e 27, que coloca a filiação como direito personalíssimo, indispensável e imprescindível, independentemente da origem.

Um fato que mudou e ajudou nesse direito foi a Lei nº 8.560, de 29 de dezembro de 1992, sancionada pelo então Presidente Itamar Franco, que permitiu a investigação da

paternidade (DNA), e o conseqüente reconhecimento dos filhos nascidos fora do casamento, exigindo na sentença a estipulação dos alimentos provisórios ou definitivos ao filho reconhecido.

Também diante de mudanças permitidas na ciência, com impactos na vida familiar, o Código Civil Brasileiro (CCB/ 2002) incluiu os filhos nascidos por fecundação artificial homóloga (material genético do casal), mesmo que o marido tenha falecido; os filhos nascidos a qualquer tempo, quando se tratar de embriões excedentes, decorrentes de inseminação artificial, e os havidos por inseminação artificial heteróloga (material genético de terceiro), se autorizada pelo marido.

1.5 O lugar do idoso na história

Lemos et al., (1999), no artigo **Velhice**, conta que do ponto de vista histórico, percebe-se ciclos, períodos nos quais os idosos são valorizados, seguidos por períodos de crise entre idosos e as gerações mais jovens, com conseqüente desvalorização desse.

De acordo com os diferentes tempos e culturas, faremos um breve relato desses períodos antigos.

Na Babilônia o homem se dedicou a encontrar maneiras de tornar-se imortal; Na Grécia, a beleza e juventude eram exaltadas. A mesma autora, refere, entretanto, que Platão ofereceu uma visão na qual a velhice conduziria a uma melhor harmonia, prudência, sensatez, astúcia e juízo. O direito romano dava autoridade de “pater famílias” aos velhos, causando a ira dos mais jovens.

Nas sociedades antigas, especialmente China e Japão, o velho tinha um lugar importante, onde a longevidade era associada à sabedoria e experiência. Com consideração também eram tratados os velhos nas culturas Inca e Asteca. Para o povo hebreu, os velhos eram chefes naturais. O séc. VI colocou a velhice como significado de fim da vida produtiva, isolando os velhos em locais destinados a eles. Também na Idade Média os mais velhos foram parte da população escrava.

Adiante, o número de idosos que sobreviveu à peste foi grande, tornando-os novamente detentores de maior poder e, novamente, aumentando o conflito entre gerações.

O séc. XVI foi um período de ataque contra a velhice, pois o culto à beleza e juventude estavam em alta. Os avanços da medicina e áreas afins ocorridas a partir do séc. XVII aumentaram o número de idosos, porém com a Revolução Industrial, os velhos sem

poder trabalhar, se tornaram miseráveis. No séc. XX a gerontologia e a geriatria se tornaram disciplinas formais.

Vemos, atualmente, um cenário amplo. A mídia se ocupa de utilizar de imagens de idosos saudáveis, felizes, praticando esportes, viajando e cuidando do corpo, portanto úteis e alvo de produtos a serem consumidos. Por outro lado, os idosos perderam o lugar antes ocupado: “(...) *antes vistos como membros respeitados na família e comunidade com sua sabedoria e experiência, se transformou em um peso para a família e o Estado*” (LEMOS, et al., 1999, p.01).

CAPÍTULO 2 - AS DESLEALDADES

Partindo do referencial teórico dessa pesquisa, que trabalha o conceito das lealdades invisíveis, convidamos o leitor a pensar no seu inverso, as deslealdades visíveis aos olhos dos que se permitem vê-las. Deslealdades, muitas vezes sutis, difíceis de serem até observadas no discurso das famílias, mas que surgem através de gestos, de ausências, de olhares reprovadores, dirigidos aos idosos na sua última fase de vida.

No artigo **O idoso e a família** da Gerontogeriatrics/Fisioterapia - UNIVALI consta que: *“É dos filhos que todos esperam cuidados e amparo na velhice, garantindo sobrevivência e bem estar”* (p.01).

Lembrando sempre que as relações dos familiares, no caso da nossa pesquisa, especialmente dos filhos em relação aos idosos, é resultado da qualidade desse vínculo construído ao longo dos anos de convivência, o artigo afirma: *“A solidariedade entre as gerações na família, longe de ser dada, envolve um processo de construção de formas de relacionamento e trocas afetivas”* (p.1).

Daí a importância de viabilizar meios para que a família possa ajudar o idoso a apoiá-lo a encontrar realizações que o façam bem, do ponto de vista físico e emocional.

Ribeiro et. al (2013) baseando-se nas mudanças da estrutura e dinâmica familiar atuais adverte que apesar de ser um desafio, *“[...] a interação familiar é vital para o bem-estar do idoso. É ali seu espaço de convívio, seu primeiro lugar social”* (p.3).

A pesquisa realizada por esses pesquisadores, realizada em 2013 em duas cidades pequenas do interior de São Paulo, na área rural (novamente pensemos no contexto que essas famílias vivem, diferentes de uma grande cidade como São Paulo, Capital) que teve como objetivo analisar a importância do idoso no contexto familiar e os desafios na efetivação de seus direitos demonstrou que os entrevistados entendem que a família é de extrema importância. Os familiares desses idosos também percebem a importância do idoso no contexto familiar, por meio das atividades que o mesmo realiza junto à família (horta, pecuária, olericultura). Podemos inferir a partir desse estudo que o convívio pode estreitar os laços familiares, fortalecendo a afetividade, que nas grandes cidades essa convivência é dificultada pelo estilo de vida adotado, exigindo ajustes desafiadores para o convívio.

2.1 As leis dos idosos e suas relações familiares

Em 2003, sob a Lei nº 10.741, em 1 de outubro, foi decretado o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

No artigo 2º, diz que:

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para a preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (BRASIL, 2003).

E no seu 3º artigo afirma que:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. Prioriza o atendimento do idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto os que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência. (BRASIL, 2003).

Assim, vê-se que a lei prioriza a família como lugar de cuidado, incluindo como obrigação dessa, o cuidado dispensado ao idoso. Não temos dúvida que na maioria dos casos, estar em família é o melhor para o idoso; porém, uma das inquietações que me levou a escolher esse tema para a pesquisa foi dada a partir da leitura de Pereira (2011), uma monografia que demonstrou que as pessoas nunca pensaram na velhice – nem os pais, nem os filhos, portanto, não planejam e se preparam para a velhice, tomando decisões apenas diante das situações que se apresentam. Entendemos a necessidade de ajudar a transformar essa realidade, trazendo para a discussão esse tema.

Entendemos a necessidade das famílias dialogarem, conversar sobre o assunto e, assim, poderem traçar planos para cuidarem de seus idosos ao mesmo tempo em que continuam a cuidar de suas vidas pessoais.

O artigo 4º determina que

Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei. E continua colocando que “ É dever de todos prevenir a ameaça ou violação aos direitos do idoso. E no 6º artigo, diz que “ Todo cidadão tem o dever de comunicar à autoridade competente qualquer forma de violação a esta Lei que tenha testemunhado ou de que tenha conhecimento. (BRASIL, 2003).

O artigo 7º aborda que os Conselhos Nacional, Estaduais, do Distrito Federal e Municipais do Idoso, previstos na Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, zelarão pelo cumprimento dos direitos do idoso, definidos nesta Lei.

Questionamos sobre o quanto as relações, orientadas por leis, podem de fato ajudar na construção de relações mais harmonias e saudáveis para os idosos e seus familiares. Acreditamos na importância da garantia de direitos e da nossa observação das leis enquanto cidadãos, porém a afetividade, as trocas e diálogos necessitam de disposição interna, empatia e valores construídos que valorizem a pessoa idosa como maneira mais eficaz de garantir uma convivência rica para todos.

A seguir, veremos algumas questões referentes à violência contra os idosos, face da deslealdade vivenciadas pelas pessoas idosas, na sua fase última de vida. Decidimos que olhar o aspecto sombrio dessas relações são importantes para a nossa reflexão, para que possamos encontrar, enquanto pesquisadores e psicólogos, maneiras de enfrentar essa realidade e ajudar às famílias.

2.2 A violência intergeracional e a violência contra idosos

Ao longo do século XX, observou-se um aumento da expectativa de vida no Brasil e, conseqüentemente, um crescimento da população idosa no país. Se no início do século, o brasileiro vivia em média 33 anos, no fim do mesmo, atingiu-se a média de 70 anos. Hoje, segundo o IBGE, são 20 milhões de idosos no Brasil, o que corresponde a 11% da população. Esta mudança gera, por sua vez, outras modificações como as concernentes aos limites de idade para a aposentadoria e à visão que a população em geral tem sobre a chamada terceira idade.

Segundo dados da Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal (2014), a cada hora, dois idosos sofrem algum tipo de violência no país e o número de casos de violência contra idosos cresceu 16% em um ano, sendo as mulheres, talvez por possuírem maior expectativa de vida, as principais vítimas.

Há diversos tipos de violência, entre os quais podemos citar: física, psicológica, sexual, auto infligida ou autonegligência e econômico-financeira-patrimonial. No que tange à violência contra os idosos, especificamente, podemos destacar a última modalidade descrita como sendo bastante comum, uma vez que esta parcela da população, em geral, já apresenta bens próprios e uma condição financeira a princípio mais estável.

Utilizamos um artigo denominado “A violência na vida cotidiana do idoso: um olhar de quem a vivencia” (SILVA et al. 2008) para compreendermos o referencial do próprio idoso em relação à violência que sofre. Na pesquisa que serviu de base para a realização do artigo foram realizadas entrevistas com dois grupos focais compostos por 12 idosos de uma unidade básica de saúde de Fortaleza, no estado do Ceará.

Inicialmente, os autores deste estudo destacam a vulnerabilidade desta população enfocada, bem como as contradições presentes em nossa sociedade, já que esta ao mesmo tempo em que estimula o prolongamento da vida, valoriza pouco o ser que envelhece. Os pesquisadores ainda assinalam que, de acordo com a rede internacional para prevenção de abusos ao idoso, a violência contra o idoso pode ser definida, em termos gerais, como: o ato único ou repetido, ou a falta de uma ação apropriada, que ocorre no âmbito de qualquer relacionamento onde haja uma expectativa de confiança que cause danos ou angústia a uma pessoa mais velha.

A violência contra o idoso pode ainda ser dividida em outras categorias, distintas das já mencionadas anteriormente. São estas: intrafamiliar (quando a violência é praticada por um membro da família do idoso), estrutural (quando é proveniente de estruturas sócio-político-econômicas detentoras do poder) e institucional (quando a origem da violência se dá nas instituições).

Neste artigo, são constatados ainda alguns fatores de risco para a ocorrência de violência contra os idosos. Assim, um indivíduo está mais propenso a sofrer algum tipo de violência quando seu cuidador é economicamente dependente dele ou é usuário de álcool e drogas ou possui algum transtorno mental. Do mesmo modo, idosos com alguma dependência física ou mental também estão mais vulneráveis. Observou-se ainda que a relação entre o cuidador e o idoso, antes deste último tornar-se dependente, é determinante de como serão estas relações de cuidado posteriores, isto é, se o ato de cuidar será visto como dedicação ou castigo pelo cuidador.

A pesquisa citada obteve então algumas conclusões. A primeira delas é a de que a falta de respeito é vista como uma forma de violência pelos idosos. Como exemplo, dizem não terem resguardados seus direitos de sentarem em lugar destinado a eles no transporte público e o fato do motorista de ônibus não parar quando eles lhe fazem sinal. Citam ainda como violência a sensação de descarte, de ser visto como “aquele que dá dor de cabeça”, que experimentam frequentemente.

Nota-se também nas falas dos idosos entrevistados que há diferenças entre distintas gerações as quais acabam gerando confronto de valores entre estas, sendo estes ancorados em padrões morais. A geração atual prioriza o que ocorre em tempo real em detrimento da bagagem de experiências do idoso.

A impossibilidade de ir e vir nas grandes cidades, com calçadas estreitas e esburacadas e o aumento da violência urbana, da qual o idoso deixa de ser poupado e passa a ser o alvo principal, também são aspectos citados como formas de violência. Há ainda, como exemplo de violência institucional, a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, com o enfrentamento de filas enormes em hospitais e outras unidades do SUS.

É válido ressaltar ainda nesta temática o mito do idoso cortês, passivo, isto é, o ideário popular acredita que todo idoso deve ser passivo, “meigo”, calmo. No entanto, o idoso é um adulto que envelheceu com as suas características de sempre, boas e ruins. Assim, para não sofrerem violência, alguns idosos acabam por comportar-se de acordo com o que é esperado deles, isto é, perdem a sua autonomia e abdicam de seu modo de ser.

Também foram observadas algumas reações e expressões dos idosos frente à violência. Alguns demonstraram medo de reagir aos atos violentos, outros tentaram buscar a autoridade perdida na família e outros apenas choraram ou se apoiaram na espiritualidade/religião, o que também pode ser entendido como uma conduta passiva. Alguns entrevistados também procuraram o auxílio de parentes quando o caso de violência havia sido extrafamiliar. Nenhum dos entrevistados recorreu às instâncias de poder (por descrédito ou desinformação) e metade não recorreu a ninguém.

Entre as estratégias de enfrentamento da violência foram citadas: formar profissionais de saúde, assistência e cuidadores profissionais, prevenir dependências, promover maiores vínculos familiares intergeracionais e ligar para o Disque 100 para denunciar casos ou fazer o mesmo acessando o portal <http://www.disque100.gov.br> que é confidencial, funciona 24 horas e recebe, em média, 43 denúncias por dia.

Buscamos também, para a confecção deste trabalho, estudar as contribuições de Minayo (2015) sobre a violência na terceira idade. Assim, ressaltamos a importância de refletirmos sobre a questão da morte no idoso, em termos de propiciarmos uma morte digna e que não prolongue a vida com sofrimento.

Esta autora aborda ainda a chamada síndrome do ninho cheio, isto é, os jovens saem cada vez mais tarde de casa e com isso, há maior convívio intergeracional. Assim, a necessidade de interação social dos mais velhos, expressa no Estatuto do Idoso, incentivou

ações de aproximação intergeracional, nas quais nota-se que os idosos apresentam certa abertura aos jovens.

Hoje temos, portanto, as faculdades abertas à terceira idade, o incentivo do trabalho voluntário efetuado pelo idoso e o estímulo a seu engajamento social que propicia encontros com os mais jovens. Por outro lado, os jovens têm se mostrado mais motivados a interagir com os idosos e, a partir da nova disposição destes, uma imagem mais positiva da velhice está sendo construída.

Por fim, é válido ressaltar o quanto é importante que o próprio idoso participe da elaboração das políticas e ações destinadas a ele.

CAPÍTULO 3 - AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DO CICLO VITAL FAMILIAR PARA A COMPREENSÃO DOS FENÔMENOS ESTUDADOS

Para a compreensão do fenômeno que pretendemos pesquisar, utilizaremos as contribuições que o estudo do ciclo vital familiar nos oferece. O ciclo vital é uma maneira importante de entender a família na sua dinâmica, viva e em constante mudança. Compreende fases pelas quais as famílias passam, acompanhando o seu desenvolvimento ao longo do tempo, por meio de diversas etapas de experiências, desafios, tarefas e aprendizados que cada fase nos oferece e propõe.

Pensamos a família neste trabalho a partir, entre outros estudos, da pesquisa do ciclo vital da família brasileira desenvolvido por Cerveny (2002), que o define como:

(...) um conjunto de etapas ou fases definidas sob alguns critérios (idade dos pais, dos filhos, tempo de união de um casal entre outros) pelos quais as famílias passam, desde o início da sua constituição em uma geração até a morte do ou dos indivíduos que a iniciaram. (p.21).

A seguir faremos uma breve descrição das quatro fases do Ciclo Vital Familiar que a referida autora propõe: fase de aquisição, fase adolescente, fase madura, fase última.

Fase de Aquisição: É a fase da construção da família, quando um casal inicia o relacionamento e compreende o período da construção da conjugalidade, quando cada um, trazendo valores, costumes e tradições de sua própria família de origem, se une para formar a própria família. “Os cônjuges renegociam valores e regras de relacionamento, em um processo de construir o modelo particular de família que desejam constituir” (p.25). Inclui o nascimento e filhos pequenos, em idade escolar, por volta dos 12 anos. Nela são adquiridos bens, modos de cuidar dos filhos e do estilo de vida da família.

Fase Adolescente: Quando os filhos se tornam adolescentes, entendemos que a família também se torna adolescente. Esse período, muitas vezes, corresponde à uma crise dos pais, que não tão jovens, começam, como os filhos, a questionar, a rever valores, a repensar as suas escolhas.

Fase Madura: Se inicia quando os filhos se tornam adultos e as relações entre pais e filhos novamente se modificam, podendo tornar-se mais companheiros. Todos são independentes e a independência dos filhos faz com que os pais se voltem mais para o próprio relacionamento. Época de revisão de metas, de entrada de outros membros (noras, genros e netos), necessitando de novos ajustes no padrão de interação familiar.

Fase Última: Se caracteriza pelo envelhecimento dos pais. Já ocorreu a aposentadoria e, muitas vezes, acontece a viuvez. Nessa fase a família tem como tarefa de que maneira vai conviver com os pais idosos.

As famílias participantes da nossa pesquisa se encontram nessa fase do ciclo vital. A pesquisa realizada sobre o ciclo vital identificou que nesse momento as famílias vivem três fenômenos: fazem a retrospectiva, vivem o presente, fechando o ciclo. Essa é a fase que a família se acha mais ampliada, com a presença de filhos, netos, genros, noras, primos, bisnetos (COELHO, 2010).

Por certo ao ser arguido sobre a história de sua família, o idoso é também contemplado com a possibilidade de trazer sentido a fatos aparentemente deslocados, ordenando a memória e de certa forma se assenhorando do tempo vivido, colocado com direção e sentido na medida em que a história da família é trazida. (COELHO, 2010, p.129.).

Vamos nos deter um pouco sobre os três fenômenos presentes dessa fase.

Em primeiro lugar, sobre “fazendo a retrospectiva”, podemos dizer que se observou que a construção da identidade do casal de idosos trouxe valores de duas famílias de origem e a união de esforços para que educassem os filhos. Também é importante salientar que muitos desses casais eram imigrantes e tiveram que se unir para que pudessem dar conta das dificuldades de adaptação e sobrevivência numa terra estrangeira. A crença na indissolubilidade do casamento foi mantida com esforço pelo casal, que conseguiu assim superar e atravessar momentos de crise no casamento. Muitas famílias enfrentaram e enfrentam problemas de saúde, que põe em risco a manutenção da família, como o alcoolismo, mais presente nos homens, assim como dificuldades financeiras. As mulheres, muitas vezes, ajudam no orçamento familiar fazendo trabalhos em casa, permitindo que também pudessem cuidar dos filhos.

Os idosos adquiriram o perfil de planejadores, “planejando juntos” e, assim, conseguiram gerenciar a economia doméstica, educar os filhos e vencer as crises, financeiras ou não. “*O planejamento é a arma contra a instabilidade e é também o porto seguro para os filhos e muitas vezes para os netos*” (134).

Essa estabilidade que os idosos adquiriram se contrapõe ao modelo, muitas vezes, experiência de relacionamentos entre seus filhos ou netos, que inclui separações, divórcios, recasamentos. É interessante pensarmos como ainda temos na sociedade essa geração que escolheu a permanência e a estabilidade, apesar de todas as dificuldades, que diferem dos novos modelos de relacionamento, mais fluidos, nos quais cabem diversas uniões ao longo da

vida, filhos de diferentes parceiros. Para as crianças, esses idosos, avós e bisavós podem representar outro modelo de vínculo e, possivelmente, traz uma sensação de segurança e aconchego, pois em algum lugar eles têm como certo que “tudo estará lá, seguro e do mesmo jeito”...além disso, as relações entre avós e netos se caracterizam pela ternura, cumplicidade, alegria de estarem juntos, geralmente com disponibilidade interna e leveza, mais custosas para os pais, que ainda se veem às voltas com muitas responsabilidades de trabalho, aperfeiçoamento acadêmico, relações instáveis e, por isso, possivelmente com menos energia para estarem com os filhos da maneira como os mais idosos conseguem. A vida instável da sociedade contemporânea, que também está vinculada à instabilidade financeira, também, algumas vezes, faz com que os idosos contribuam com a manutenção econômica da família dos filhos, ou ao menos, são aqueles que dão os presentes especiais para seus netos.

A pesquisa demonstrou que a fé em Deus está presente e explica para os idosos alguns fatos ocorridos onde não se acha explicação...Também se observou que em nome de manter a família unida e cuidar dos filhos, cada um teve que abrir mão de desejos pessoais para que a união fosse mantida, principalmente pelas mulheres. Com a chegada dos filhos, o casal se volta para eles, necessitando olhar na mesma direção, criar, repetir ou negociar regras sobre a educação deles. Assim, seguem preparando o futuro dos filhos, estabelecendo metas para a sua formação (um bom casamento e emprego). Os pais, mais tarde, com os filhos já adultos, formados e trabalhando, construindo sua vida profissional e financeira, fazem um balanço, do resultado dos seus esforços e investimentos, tanto financeiros como emocionais. Se tudo deu certo, se sentem realizados e com a “missão cumprida”.

Prover o sustento dos filhos é uma das tarefas mais importantes da parentalidade, sendo que também os bens materiais adquiridos, resultado de herança, caminham através do tempo.

A herança dos bens é relacionada à capacidade do casal de gerenciar sua vida a partir dela. Partir de algum lugar, significa que um dos cônjuges oferece uma base, uma fundação para a continuidade da formação de provento material da família. A herança traz um sentido concreto de segurança passada de pai para filho, do cuidado concretizado em resultado, propiciando ao filho iniciar o projeto de família com alguns passos do caminho já trilhados. Deixar bens é, além da disposição dos meios propriamente ditos, a consecução de um valor passado por gerações de que os pais constroem para os filhos. Se os filhos cuidam do que herdaram, cria-se o valor de manutenção, de que os bens podem, se cuidados, serem passados para futuras gerações. Os bens, mais especificamente a “a casa da família”, são a inscrição da história da família no universo social. (p.138).

A pesquisa do ciclo vital mostrou que o balanço da retrospectiva de vida mostrou o esforço dedicado para a manutenção do lar e dos filhos e também uma acentuada diferença de

gênero, pois nessa geração de idosos, as mulheres são essencialmente cuidadoras e os homens, provedores. Este é um modelo, como dissemos anteriormente, bem diferente da vida dos seus filhos e netos.

Vivendo o presente, é o segundo fenômeno verificado nas pesquisas. Os idosos aqui continuam a exercer a parentalidade, com o cuidado mais distanciado dos filhos e, por meio dos cuidados com os netos, genros e noras. A casa aqui fica cheia, os almoços de família são numerosos. Claro que devemos lembrar a importância que, atualmente, eles têm na vida dos filhos e netos, pois muitos cuidam diretamente dos netos, dividindo a tarefa de educá-los, participando de reuniões escolares e levando ao médico. Essa dedicação é uma forma de apoio aos filhos, enquanto estes cuidam de suas vidas profissionais e, também, muitas vezes, quando recebem os filhos de volta, quando acontece uma separação, acompanhados algumas vezes dos netos, que voltam a morar na mesma residência. O papel de avós se consolida.

A casa dos avós, segue sendo a grande casa, a representação materna de acolhida incondicional, aglutinando netos, trazendo-os para perto de si e cuidando deles, dentro do padrão atual, aceitando de novo o modelo dos mais jovens. (p.141).

Além do papel de avós, os idosos também exercem a função parental de sogro e sogra. Uma convivência importante, que deve ter a diplomacia como norteadora para que a convivência seja harmoniosa e possa, principalmente, propiciar proximidade com os netos. Os idosos se mostram com muita capacidade de se adaptar aos novos modelos de família, diferentes de sua referência de vida. *“Na convivência com filhos recasados, os idosos têm que lidar ao mesmo tempo com a manutenção de laços, para que os netos do primeiro casamento não se afastem (no caso de noras) e aceitar as pessoas novas que chegam com o recasamento”* (p.143).

Assim, os idosos convivem com mais de uma nora de um mesmo filho. Interessante quando a autora aponta que esses idosos vindos, na maioria das vezes, de famílias numerosas, agora convivem com uma família aumentada através de superposição, devido a recasamentos. Mais uma vez, eles são o lugar central de segurança e continuidade, a ponte de diálogo e contato, como também de resolução de problemas pela capacidade adquirida ao longo da vida. Eles também acolhem em suas casas, filhos casados e sua família por conta de problemas financeiros. No relacionamento com os filhos adultos, a relação se dá como pares (pais e filhos), tornando um relacionamento de amizade, na qual podem ser conselheiros e oferecer uma escuta e tempo para eles.

Algumas vezes, por estarem muito vinculados aos projetos dos filhos, estes deixam de realizar alguns projetos pessoais. Também devemos lembrar que a distância entre as residências, seja bairros distantes, outras cidades ou países, de moradia entre pais e filhos, faz com que o contato pessoal seja dificultado, exigindo alternativas de manter o vínculo e a comunicação. As comemorações costumam ser rituais que ainda reúnem as famílias e diferentes gerações, geralmente na casa da avó. *“Quando da morte da mãe, é comum que a dispersão da família seja maior, também endossada pela ausência do conhecido local de reunião” (p.146).*

Interessante achado é que os pais idosos esperam a visita dos filhos em suas casas, preferem ali permanecer, sentem-se mais seguros no seu local de referência, podem achar que incomodam se visitarem os filhos em suas casas, mas também medem o amor, sentindo-se mais amados quando seus filhos dedicam esse tempo de deslocamento para visitá-los.

A pesquisa indicou que por todo o exposto, os idosos tendem a sentir que dão mais do que recebem, chegando a sentir-se abandonados, com filhos que priorizam a carreira ao invés do contato com a família. E, assim, procuram explicações racionais para seus sentimentos, tentando mais uma vez se adaptar aos novos modelos de convivência.

Enquanto casal, os idosos na sua longa jornada de convivência priorizaram o diálogo, o cuidado um com o outro, no sentido de estar atento e disponível a ajudar quando necessário, algo que acontece quando se constrói a intimidade. Na esfera sexual percebeu-se que acontece um descompasso entre os desejos dos cônjuges, que necessita de conversa e negociação. No final da vida, fechando o ciclo, quando o idoso se encontra em idade avançada, esse ainda possui planos para o futuro, constituindo um momento individual e singular. A autora explica: *“Porque a velhice, como o nascimento e a morte, é um caminho individual, de ir rompendo as amarras com a vida e também a permissão para que a vida vá partindo” (p.151).*

A família não se dá conta, muitas vezes, das necessidades e medos que acometem os idosos nessa fase e é tão importante que esses recebam uma atitude continente para suas dificuldades, dependência ou angústias. Com o avanço da idade, o idoso tende a ficar mais recluso. Tende a cuidar da saúde, que apresenta algumas limitações próprias do envelhecimento, que nesse momento toma o significado de resistir e permanecer vivo, afastando a morte o quanto for possível.

Nessa hora o idoso procura compreender sua trajetória de vida, resgatando o passado; também vai perdendo os papéis que sempre lhe foram atribuídos na família e sociedade, como

que “saindo de cena”. Aqui a aposentadoria aconteceu, assim como algumas providências em relação aos bens começam a ser tomadas. Muitas vezes, o idoso ou casal de idosos distribui os bens em vida, metaforicamente segundo a autora, como forma de despedida e continuidade do cuidar. *“O papel funcional de trabalhador e provedor vai chegando ao fim, então o idoso metaforicamente dá aos filhos o resultado concreto de seu esforço, disponibilizando na forma de bens seus longos anos de trabalho”* (p.153).

A viuvez acontece, sendo que a maioria são mulheres, já que essas costumam viver sete anos a mais que os homens. Algumas mulheres sentem a viuvez com bastante dificuldade, depois de compartilhar a vida com o cônjuge. Outras percebem uma sensação de libertação e a oportunidade de rever seus desejos e necessidades, já que, a maioria delas, deixou para trás muitas aspirações pessoais em prol da família. Goldenberg (2013) compreendeu nas suas pesquisas com mulheres idosas que para essas, *“o mais importante é que suas escolhas sejam motivadas pela própria vontade, e não pela necessidade de responder às demandas sociais e familiares. Fazem o que fazem porque querem, não porque precisam fazer”* (p.61).

Partilhando semelhante experiência, Cervený, Macedo e Schalch (2012) afirmam:

Felizmente, é possível encontrar, hoje, mulheres acima do cinquenta, sessenta anos que se conseguiram liberar dessas crenças e tabus, reconstruindo valores e crenças, muito mais na base de fortalecer sua autoestima, sua assertividade. Tornam-se pessoas interessantes porque são interessadas, vivazes, participativas da vida corrente e que dão o direito de amar e ter uma vida sexual. (p.77).

No fim do ciclo vital as perdas também são frequentes, de amigos e parentes, que necessita energia para lidar com o luto de ver seus pares partindo, além de confrontar-se com a própria morte, sendo comum o sentimento de solidão.

Importante descrição da pesquisa do ciclo vital é a categoria “invertendo a parentalidade”, tema deste estudo.

Para os idosos pesquisados, esse tema é sinal de crise e dificuldade, porque somos criados para enquanto filhos sermos cuidados e, enquanto pais, de cuidadores dos nossos filhos. Ser cuidado dá a dimensão da perda de autonomia e sente-se alvo de preocupação. Poucas famílias encontram-se preparadas para a tarefa de cuidar dos pais, motivo que despertou o interesse desse estudo. Quando o idoso se permite ser cuidado, facilita esse processo. Os idosos saudáveis têm mais possibilidade de pensar no futuro e inventar outras formas do viver, porém de qualquer forma essa preparação uma hora se dirige para parti-lo, quando ele é capaz de acatar a morte como fato inerente à vida. Chegar nessa posição, de

ampla visão da sua vida, do caminho percorrido, da beleza de ter tido uma longa vida. Assim, a família se movimenta, no partir e chegar incessante dos seus membros. A religiosidade costuma se intensificar nesse período, afinal a morte não pode ser simbolizada.

A autora faz uma pergunta que muito nos interessa compreender neste trabalho:

Teriam esses filhos, que experimentaram a capacidade contínua de mobilização de seus pais aprendido melhor a lição, que gerações anteriores, de serem melhores cuidadores de seus pais na velhice avançada? Poderia o ciclo vital se completar de maneira justa transformando os cuidados em cuidadores de quem lhes forneceu a possibilidade primeira de pertencer ao ciclo? (COELHO, 2010, p.159)

O momento da vida familiar na fase última *“pode ser oportuno para reparações, e não para inversões de papéis (pais não se tornam filhos dos filhos”* (CERVENY, MACEDO, SCHALCH, 2012, p.69).

CAPÍTULO 4 - O LIVRO DE CONTAS DA FAMÍLIA

“A lealdade pode ser determinada em termos morais, filosóficos, políticos e psicológicos. É descrita como a atitude de confiança dos indivíduos em relação ao objeto da lealdade. Estabelecem-se entre os membros de uma família, que ficam conectados as solicitações também inconscientes de seus antepassados, conduzindo-os a uma fidelidade que muitas vezes vai contra seus desejos. Constitui-se com base na formação de mitos e segredos e pode permanecer por mais de uma geração. E o não cumprimento com as obrigações geradas por esse laço cria sentimentos de culpa”.

(NAGY e SPARK, 1983; SOUZA e CARVALHO, 2010).

Tomaremos como referência o pensamento de Boszormenyi-Nagy acerca do conceito das lealdades invisíveis, o qual será utilizado para nos ajudar na compreensão das famílias participantes da nossa pesquisa.

Cerveney (1994) aponta a transmissão de modelos intergeracionalmente por meio da comunicação, das regras, da hierarquia, triangulações, mitos, sequências e padrões de afetividade. A mesma autora, posteriormente (1996), afirma que incluiria o conceito das lealdades invisíveis do referido autor nos padrões de repetição familiar. Explica que *“No trabalho clínico com casais, famílias e mesmo no atendimento individual é muito importante que o terapeuta consiga perceber a trama relacional que envolve as lealdades, o que consegue explicar atitudes que num primeiro momento parecem absurdas”* (p.111).

Etimologicamente a palavra lealdade é derivada do latim *legalitate*, significando qualidade, ação ou procedimento de quem é leal e pode ser definido como alguém que é fiel aos seus compromissos.

Boszormenyi-Nagy afirma que a palavra lealdade deriva do francês *“loi”*, que implica atitudes de acatar à uma lei. E continua explicando que todas as famílias possuem as suas leis, na forma de expectativas compartilhadas, não escritas. Dessa maneira, cada pessoa se vê diante de pautas variáveis de expectativas, que a ela cabe ou não cumprir.

As crianças cumprem as leis por meio de sanções educacionais impostas pelos pais e os filhos adultos podem cumprir as leis familiares por meio dos compromissos de lealdade internalizados.

Em consonância com o trabalho do autor, que originalmente era embasado na psicanálise e que, posteriormente se voltou aos aspectos relacionais, aponta que qualquer teoria satisfatória deve se relacionar aos conceitos motivacionais individuais juntamente aos relacionais. Assim, a lealdade como atitude individual inclui a identificação com o grupo, confiabilidade, responsabilidade, compromisso e devoção. Ao mesmo tempo, o grupo conota o código não escrito de regulação e sanção social. E continua: *“Si no puede reclamar el más profundo compromiso de lealtad, ningún grupo podrá ejercer un grado elevado de presión motivacional en sus miembros”*¹ (p.67). A teoria dialética das relações explica, mantém o indivíduo no centro de seu mundo, porém o enfoca em uma interação ontologicamente dependente aos outros constituintes. De acordo com esse pensamento, a dinâmica central da reciprocidade afirma-se nas contas da justiça, de maneira que as relações firmadas pela proximidade entranham uma contabilização de méritos quase quantitativa e objetiva do sistema, incluindo implicações a curto e longo prazo, de fatos relacionados, explícitos e implícitos.

Compreende-se por mérito para descrever o equilíbrio entre os aspectos espoliadores da maneira intrínseca e os mutuamente reafirmados de qualquer relação. É difícil julgar a exploração manifestada (explícita), sendo então a implícita, inerente a toda estrutura de relação íntima, ainda mais difícil de julgar. Exemplifica:

El falso respeto filial puede enmascarar los tabúes y mandatos en contra de la genuina indagación de la verdadera relación existente entre el propio si-mismo y los padres. Sin embargo, el aprendizaje de las auténticas luchas de la generación anterior podría llevar a un respeto más genuino por ellas” (p.59).²

Afirma que nenhum conceito de saúde e patologia pode ignorar a hierarquia de expectativas em qualquer sistema de relações, pois a própria definição pessoal dos membros está ligada a uma escala quase quantitativa de méritos e toma lá dá cá entre a gente mesmo e o outro; sendo que a partida ou separação física sem enfrentar um balanço é uma maneira de postergar esse crescimento. Esse aspecto é bastante importante na nossa visão, em se tratando

¹ Tradução: Se você não pode reclamar o mais profundo compromisso de lealdade, nenhum grupo poderá exercer um grau elevado de pressão motivacional em seus membros.

² Tradução: O falso respeito filial como encobrir tabus e mandatos, ao invés de uma genuína indagação da verdadeira relação existente entre si mesmo e os pais. Sem dúvida, a aprendizagem das lutas autênticas da geração anterior poderia levar a um maior respeito por elas.

de pais idosos e filhos, pois, apesar de não ser fácil, acertar nossas contas enquanto temos nossos pais vivos, permite uma liberdade mútua, diminuindo as contas que iremos deixar para as gerações posteriores (nossos filhos), pois inevitavelmente transmitimos tais dívidas.

Expõe que os critérios relacionais de lealdade devem basear-se na conduta do membro, seu pensamento consciente e atitudes inconscientes. Do ponto de vista de uma pessoa de fora, a lealdade de um membro pode parecer manifesta ou encoberta. E lembra que os códigos, mitos e rituais manifestos sempre possuem na sua contrapartida, diretrizes encobertas inconscientemente exploradoras ou de conivência na função grupal.

A lealdade familiar se baseia caracteristicamente no parentesco biológico e hereditário.

Pode ser reforçada pela gratidão ou culpa experimentadas em relação ao desempenho de méritos não recompensado dos mais velhos, que dedicaram atenção e amor aos mais jovens. A gratidão e o apreço pelos mais velhos muitas vezes, leva à interiorização de obrigações/débitos, que se adaptam ao seu sistema de valores, consciente e inconscientemente.

O autor partindo das contribuições da fenomenologia, diz que o homem experimenta um vazio existencial caso não possa estabelecer um diálogo pessoal significativo com algo ou alguém. As relações significativas devem ser motivadas por regras mútuas entrelaçadas de preocupação e solicitude, presente e passada por um lado, e de possível exploração, por outro.

Partindo de Freud, concebe que as motivações humanas estão em função das necessidades, pulsões, desejos e fantasias desenvolvidas como expressão de desejos e instinto, todas elas de ordem individual. Assim, na terapia com famílias e, nós dizemos, na compreensão das famílias que estamos estudando, devemos pensar as pessoas que se constroem mais por ações e intenções, do que pelo pensamento e sentimentos. A afirmação: *“El encuadre dentro del que se sostiene una relación se basa en una trama ética que interpenetra las intenciones y acciones de los miembros”* (p.68).³

A citação a seguir demonstra com clareza como se estabelece a relação de lealdade, segundo nossa compreensão do autor:

¿Me has demostrado que puedes oírme, considerarme y preocuparte por mí? Si tus acciones demuestran que sí, para mí es natural sentir y actuar con lealtad hacia ti, o sea considerarte a ti y tus necesidades. Tú me obligas por medio de tu apertura. Aunque ante un extraño quizá parezcamos dos enemigos trabados en lucha, sólo nosotros podemos juzgar cuando y de qué manera uno de nosotros pudo haber

³Tradução: O enquadre no qual se sustenta uma relação se baseia em uma trama ética que interpenetra as intenções e ações dos seus membros.

quebrado y traicionado nuestro vínculo de lealtad mutua. Nuestra lucha aparente puede ser nuestro modo de volver a saldar las cuentas de reciprocidad.” (p.68).⁴

Boszormenyi-Nagy refere-se ao autor Erikson (1950) quando este trata da confiança básica dos indivíduos, afirmando que ser digno de confiança implica o conceito de méritos provados. À medida que o ambiente paterno ganha a confiabilidade da criança, essa se converte em devedor em relação à sua mãe e para todos aqueles que têm dedicado sua confiança por meio de ações e intenções. O sistema familiar começa a semear exigências e expectativas estruturadas à criança muito antes dessas poderem se mostrar conscientes. Assim, enquanto vivemos, nunca estamos livres das dívidas existenciais em relação aos nossos pais e nossa família. Quanto mais recebemos, mais nos tornamos devedores. Quanto menos pudermos retribuir os benefícios recebidos, maior será a dívida acumulada. E afirma que ele não se refere a sentimentos neuróticos de culpa, e sim, que são necessárias muitas relações pessoais, ao longo de várias gerações, para construir uma atmosfera de equilíbrio entre confiança e desconfiança.

B. Nagy aborda a experiência do casamento, explicando que esse se constitui do encontro de dois sistemas familiares diferentes. Aponta que os casais carregam para essa nova relação, as contas relacionais com suas famílias de origem, destacando a importância de o casal fazer um balanço simultâneo de suas respectivas dinâmicas intrafamiliares, além de mérito de seus membros. Sobre a escolha do cônjuge, ele explica que pode ser determinada de maneira inconsciente pelos seguintes fatores:

1. Desejo de obter uma justa ordem do universo humano mediante o acesso ao cônjuge e sua família, supostamente mais generosa;
2. Esperança de encontrar um grupo mais receptivo, onde possa atuar de forma mais justa para com os demais e reparar os erros do passado;
3. Uso da projeção do outro e da família desse outro com a finalidade de reabilitar a própria família de origem.

A possibilidade de exploração faz com que a relação entre pai e filho seja tão vulnerável a uma investigação. A questão de quem explora quem é relativa quando chegamos

⁴ Tradução: Você tem demonstrado que pode me ouvir, me considerar e preocupar-se por mim? Se suas ações demonstram que sim, para mim é natural sentir e atuar com lealdade em relação a você, ou seja, te considerar e às suas necessidades. Mesmo que a um estranho pareceremos dois inimigos em luta, somente nós podemos julgar quando e de maneira um de nós pode ter quebrado e traído nosso vínculo de lealdade mútua. Nossa luta pode ser nosso modo de voltar a saldar as contas de reciprocidade.

ao terreno das relações mais próximas. Não se pode esperar nenhuma resolução construtiva baseada na culpa da outra parte, pois isto perpetua a exploração. O que quebra esta cadeia é desculpar-se a si mesmo mediante a do outro.

Explicando os compromissos de lealdade, B. Nagy expõe que eles começam a partir de algo que se deve a um genitor, ou da imagem interna de representação paterna (supereu). E continua afirmando que num sistema trigeracional, a compensação pelo estabelecimento de regras e pelo cuidado e solicitude que recebemos, podem ser transferidos para nossos filhos, ou a outras pessoas sem relação direta de parentesco, ou aos pais internalizados. Os compromissos de lealdade geralmente estão relacionados com a criança ou educação dos filhos. O adulto, na busca de inculcar seus valores se torna agora um credor nesse diálogo de compromissos, enquanto que a criança se torna devedor. Assim, esse tende a saldar sua dívida internalizando os compromissos previstos, satisfazendo as expectativas paternas, e com o tempo, fará o mesmo com seus filhos (p.71)

De geração em geração os compromissos de lealdade continuam em conflito. O estabelecimento de novas relações em especial pelo casamento e nascimento de filhos, concebe a necessidade de forjar novos compromissos de lealdade. Quanto mais rígido é o sistema de lealdade de origem, maior será o desafio para o indivíduo.

A medida que a família vai se desenvolvendo em novos núcleos, todos os membros vão enfrentar as novas exigências de adaptação, com uma tensão continua que levará a definição de um novo equilíbrio de expectativas. Eventos como nascimento, crescimento, brigas entre irmãos, individuação, separação, preparação para a paternidade, velhice dos avós e briga pelos mortos são alguns dos exemplos que o autor aponta como momentos necessários de um novo balanço de obrigações de lealdade.

Os exemplos de transição de lealdade pelo desenvolvimento estão relacionados com as seguintes expectativas, segundo B. Nagy (p. 75/76):

1. Os pais jovens têm que transitar entre a lealdade das famílias de origem; agora tem um mútuo dever de fidelidade sexual e de alimentação. Mesmo assim, se tornaram uma equipe destinada a construir uma prole.
2. Devem as suas famílias uma lealdade definida de uma nova maneira, em relação aos seus antecedentes nacionais, culturais, religiosos e de valores.
3. Devem lealdade aos filhos nascidos dessa relação.
4. Os filhos têm uma nova dívida de lealdade com seus pais e gerações anteriores.

5. Os irmãos têm uma dívida de lealdade um com o outro.
6. Os membros consanguíneos têm o dever de evitar relações sexuais entre si, mesmo que contraiam uma dívida de afeto um com o outro.
7. Os pais têm o dever de apoiar sua família nuclear, já que mantêm uma dívida de apoio com seus pais, anciãos ou incapacitados.
8. As mães têm o dever de atuar como donas de casa e criar os filhos, e também se espera delas que possam estar disponíveis em relação a família de origem.
9. Os membros da família têm uma dívida de solidariedade em relação ao modo que se comportam com os amigos ou estranhos, mas também têm, para com a sociedade, o dever de ser bons cidadãos.
10. Todos os membros têm uma dívida de lealdade que consiste em manter a integridade do sistema familiar, mas devem estar preparados para acomodar novas relações e novas mudanças concomitantes do sistema.

4.1 A justiça e o livro maior familiar

Como consequência de conceitualizar a lealdade como força sistêmica implica em considerar a existência de um “livro maior” invisível no qual estão incluídos a conta das obrigações passadas e presentes entre os membros da família. De acordo com que uma pessoa foi mais ou menos cuidada por seus pais, entram em vigência um maior ou menor número de obrigações. Devido ao fato de seus pais e seus antepassados também se viram às voltas das mesmas contas, deve-se entender o livro maior em função de uma estrutura multigeracional.

O livro maior familiar de justiça é um contexto relacional, um componente mais significativo do mundo do indivíduo, ainda que não seja externo a ele. Está vinculado em essência, à ética das relações. Algumas pessoas podem dominar seu ambiente por meio de cálculos racionais que não fazem justiça às suas necessidades básicas enquanto seres humanos totais. A justiça é um dom existencial, segundo B. Nagy. A dívida do filho para com seu pai está determinada por ele ser progenitor, pela quantidade e qualidade de sua disponibilidade e os cuidados que dispensa ativamente (ações). Do mesmo modo, a exploração não necessariamente a injustiça intencional dos demais, pode ser resultante das propriedades estruturais das relações mais próximas. O livro maior configura a base de equivalência dos retornos. Os pais que não recebem nada afetam o livro maior e, por consequência, o

desenvolvimento da personalidade de seus filhos, de modo diferente dos pais que não dão nada.

Importante compreender também o conceito de exploração. O senso comum atribui essa palavra a poder, riqueza e dominação. Aqui é um conceito que entranha uma quantificação implícita. Com frequência se observa em discussões espontâneas entre os membros da família. Os pais tendem a comparar a quantidade de solicitude e afeto que se supõe, deveriam dar a seus filhos, como os que têm recebido de seus pais. Na aparência, estão buscando um equilíbrio intrínseco.

Os adultos podem ser capazes de articular em retrospecto, como eles roubaram sua infância ao terem que atuar como juízes de seus pais, envolvidos em intermináveis discussões. Importante compreender as implicações do papel do filho como explorador potencial não intencional de um de seus progenitores como que a criança merece receber algo em troca de nada. Muitos pais sentem que não podem queixar-se de sua sensação de ser explorado e, inconscientemente, encobrem seus sentimentos embaixo de uma máscara de superproteção, excessiva permissividade, devoção própria de um mártir ou outras atitudes defensivas. Um diálogo pleno requer mutualidade tanto no ato de dar como em aceitar o que é dado.

A fim de poder crescer, temos que reconhecer e enfrentar os laços invisíveis que se originam a partir do período formativo de crescimento. Caso contrário, tendemos a vivê-los como pautas repetidas em todas as relações futuras.

Cuanto menos consciencia tenga de las obligaciones invisibles acumuladas en el pasado, por ejemplo por sus padres, más a merced estará de esas fuerzas invisibles. En las familias, la unidad sistémica de contabilización tiende a abarcar generaciones enteras. Según las Escrituras, se necesitan siete generaciones para expiar un pecado grave de um antepassado. (B. NAGY, 2012, p.94).⁵

Entende que o conceito de justiça é próprio da ordem do humano, sendo um denominador comum da dinâmica individual, familiar e social. Os indivíduos que não aprendem o sentido de justiça dentro das suas relações familiares, frequentemente desenvolvem um critério distorcido de justiça social. Podemos considerar a justiça como uma trama de fibras invisíveis, estendidas com o passar amplo de toda a história de relações da família, que mantém o equilíbrio social do sistema através de fases de proximidade e

⁵ Tradução: Quanto menos consciência tenha das obrigações invisíveis acumuladas no passado, por exemplo, por seus pais, mais à mercê estará dessas forças invisíveis. Nas famílias, a unidade sistêmica de contabilização tende a abarcar gerações inteiras. Segundo as escrituras, são necessárias sete gerações para expiar um pecado grave de um antepassado.

separações físicas. Nada determina tanto a relação entre pai e filho como o grau de equanimidade da gratidão filial esperada.

O conceito de justiça dá ao indivíduo um equilíbrio ético e existencial multigeracional com os demais. Relaciona-se com o compromisso e valores humanos e todo o sentido e poder de motivação.

A equidade recíproca, como uma pauta de avaliação entre os adultos não cabe em relação a pais e filhos. Todo pai se encontra comprometido em uma posição de obrigações assimétricas sobre o recém-nascido. A criança possui uma série de direitos e a sociedade não espera que elas compensem os pais mediante benefícios equivalentes.

O fato de que o indivíduo deva saldar contas de justiça e injustiças não adquiridas, ainda que acumuladas, necessariamente passa pela suposta quantificação implícita sobre a base da equidade. O mérito conota uma propriedade ponderada de maneira subjetiva e não pode quantificar-se de forma objetiva como os benefícios materiais. Afirma que: *“Toda relación caracterizada por la lealtad se basa em el mérito, ganado o no y la justicia atañe a la distribución del mérito em todo un sistema de relaciones”* (p.82)⁶.

⁶ Tradução: Toda relação caracterizada pela lealdade se baseia no mérito, recebido ou não e na justiça que detém a distribuição do mérito em todo um sistema de relações.

CAPÍTULO 5 - A QUARTA IDADE: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS COM MAIS DE 80 ANOS

A Organização das Nações Unidas (ONU) considera o período entre 1975 a 2025 como a “Era do Envelhecimento”, tamanha as mudanças demográficas que estão ocorrendo no mundo, tendência seguida também pelos países em desenvolvimento como o Brasil.

Uma contribuição que consideramos significativa e em consonância com nosso pensamento é dada por Minayo (2006), a partir de uma visão antropológica. Ela diz que:

Embora as condições socioeconômicas, culturais e ambientais, as redes sociais e comunitárias sejam determinantes dos modos de envelhecimento, é claro que a diferenciação fundamental é dada pela singularidade e pela subjetividade. Cada pessoa retoma permanentemente os dados de sua história e os reconstrói com os fios do presente. (p.49).

Seguir esse pensamento evita que tomemos a população envelhecida como uma massa homogênea, que rapidamente poderia nos levar a estereótipos e mitos sobre a velhice que não são úteis.

Baltes e Smith (2006) aponta que a noção de Terceira e Quarta Idades se referem a mudanças evolutivas, e não à idade cronológica, apontando que nos países em desenvolvimento a velhice começa e acaba com idades mais precoces que nos países desenvolvidos. Por isso esses autores utilizam dois modos para definir a Terceira e Quarta idade: pelo parâmetro populacional e pelos pessoais. Assim, propõe reconhecer as duas faces do envelhecimento humano: os ganhos e as perdas. Em primeiro lugar afirmam que a continuidade dos investimentos para prolongar a vida das pessoas com mais de 80 anos fará com que também sejam aumentadas as chances desses idosos viverem e morrerem com menos dignidade. Baltes e Smith (2006) acreditam que a Gerontologia, numa leitura crítica no entendimento destes autores, assim como a população idosa, serão beneficiadas quando as outras faixas etárias também receberem atenção das políticas públicas. Entendemos nesse sentido, que os autores concebem que a maneira como envelhecemos está relacionada como levamos a vida até então; portanto, uma visão bastante coerente. E continuam expondo que: *“os progressos atuais em expectativa de vida e em competência física e mental não resultam de algum progresso genético para a espécie humana, mas do efeito de forças culturais e sociais contemporâneas”* (p.14).

A quarta idade de acordo com diversos autores possui características próprias, diferentes da chamada terceira idade, composta por idosos mais jovens. Os velhos-velhos têm mais propensão a ter dificuldades de saúde mais marcantes que os idosos mais jovens.

O uso desse termo segundo Netto e Kitadai (2015) já vem sendo utilizado por uma vertente gerontológica para denominar o idoso muito idoso, pessoas com idade igual a 75-80 anos ou mais.

Cebério (2013) traz em sua obra *El cielo puede esperar – la 4ª edad: Ser anciano en el siglo XXI*, uma contribuição muito valiosa para o estudo das pessoas muito idosas. Dentre elas, discute a nossa tendência de sempre analisarmos os fenômenos a partir de classificações. Ele refere que nossa cognição funciona através do estabelecimento de categorias, carregadas de significados. São essas o produto de ações, interações e transmissão de conteúdos recebidos desde o seio familiar. Essas categorias são imagens, que conformam as representações sociais, que chamamos de ideário popular.

Pensando no nosso ciclo vital, infância, adolescência, maturidade e velhice, ele aponta a impossibilidade de delimitar tais ciclos apenas baseando-se em fatores orgânicos ou psíquicos, sem levar em conta os psicossociais, que deixam sua marca, segundo esse autor, em cada uma dessas etapas.

Esses processos têm variado bastante, basta observarmos que as crianças de hoje se mostram muito diferente das crianças de 30 ou 40 anos atrás. Também os velhos, em nada se parecem com os de antigamente. Portanto, para estudarmos uma definição de velhice, teremos que ter em conta essa amplitude de fatores que coexistem: sociais, familiares, orgânicos de envelhecimento e de deterioração, psicológicos, entre outros. Por isso afirma que a definição de velhice segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde) que se inicia aos 60 anos e abarca o último período de vida, deixa de lado esses critérios abrangentes. Desse modo, é importante refletirmos que uma pessoa de 60 anos não possui as mesmas condições de uma pessoa de 85 ou 90 anos, por exemplo, embora todas sejam consideradas velhas segundo esse critério. E incluir a reflexão sobre onde essa pessoa vive, suas condições econômicas, familiares, culturais...ou seja, não existe um velho, e sim muitas formas de viver a velhice. Hoje é difícil conseguirmos definir uma de 60 anos como velha, se supõe que em alguma medida, ingressamos no território da velhice em torno dos 75 ou 80 anos, período que descrevemos como quarta idade. Nesse momento geralmente a pessoa começa a sentir as implicações do processo natural da velhice, como diminuição da sensação de vitalidade,

dependência ou “entrega do bastão”, um afastamento social que vai progredindo, sinais que estamos adentrando na quarta idade.

Cebério (2013) aborda que a enfermidade na quarta idade possui algumas características próprias, lembrando que as enfermidades podem nos acometer em qualquer época da vida, mas que na idade avançada, elas evoluem de forma diferente. Nessa fase existe uma maior vulnerabilidade física, deixando o corpo suscetível a várias doenças, que afetam não apenas o corpo, mas também a mente, o estado emocional, alterando as relações das quais o idoso faz parte. Das enfermidades temos as agudas, que surgem de forma repentina e têm curta duração; as crônicas, que perduram ao longo do tempo, e apresentam episódios de compensação e descompensação, e por isso, geram desgastes profundos no idoso e nos familiares; e as terminais, irreversíveis, na qual o desenlace geralmente provoca certo alívio. Em todas elas, ele aponta que as atitudes familiares e do contexto social têm papel determinante na melhora ou piora das doenças. A afetividade, expressão de amor, é um apoio nesses momentos difíceis. Exemplifica: *“Una medicación actúa más afectivamente si es dada con una sonrisa o com una carícia.”* (p.87)⁷.

Guijarro (1999 apud CEBÉRIO, 2013, p.89/90) descreve algumas características próprias das enfermidades na quarta idade:

- Multicausalidade: na análise das causas das enfermidades na quarta idade observam-se fatores principais e secundários, fundamental para um diagnóstico diferencial de uma patologia nesse estágio da vida;
- Polipatologia: Comuns na sua etiologia, é possível distinguir fatores relevantes de secundários, tendo em conta que os sistemas cognitivos e psíquicos são sempre afetados;
- Tendência à cronicidade: muitas enfermidades se cronificam na quarta idade, devido ao desgaste orgânico, dificuldade regeneração de tecidos e lesões;
- Risco de invalidez: As possibilidades de recuperação muito exitosas são diminuídas, deixando sequelas lesionais que afetam diversos órgãos e sistemas;
- Sintomas “opacos”: muitas patologias são mascaradas, na maneira como se manifestam;

⁷ Tradução: Uma medicação atua com mais eficácia se é dada com um sorriso e com uma carícia.

- Prudência terapêutica: deve-se cuidar dos efeitos colaterais dos medicamentos e tratamentos desses idosos, adequando-os de acordo com a situação orgânica e também de contexto dos costumes do núcleo familiar/afetivo das pessoas.

Lembra que não existem enfermidades exclusivas da quarta idade, mas é certo que algumas se desenvolvem com maior frequência nessa etapa da vida. Frisa a importância de analisar o processo de adoecimento incluindo os fatores contextuais – família, condições de vida, econômicos e sociais, níveis de nutrição emocional e condições psicológicas e emocionais.

5.1 O envelhecer

O envelhecimento pode ser descrito como um processo natural dos seres vivos, que se caracteriza por um conjunto de mudanças que ocorrem no corpo com o passar dos anos. Nos seres humanos, o arco senil – parte colorida que contorna os olhos das pessoas idosas, é um dos sintomas visíveis do envelhecimento. Este pode vir acompanhado de doenças, que aumentam a probabilidade de ocorrer na quarta idade. O que temos hoje, é que as pessoas tendem a viver por mais tempo, mas também por isso, têm de conviver com a doença, incapacidade, e também dependência, por um longo período. O avanço da medicina propiciou um aparato maior no cuidado e administração de enfermidades, porém cabe pensarmos na qualidade de vida que é possível ter, no bem-estar possível (ou não) nessa etapa da vida, que cada vez tende a ser mais longa.

A história da humanidade nos mostra o interesse do ser humano nos temas da imortalidade, incluindo os dogmas religiosos que indicam a possibilidade de uma vida eterna, e busca da longevidade, por meio de elixir da juventude. O mito da juventude, está em alta na sociedade contemporânea. O Brasil ocupa o segundo lugar no ranking mundial em número de cirurgias plásticas, segundo o Instituto Internacional de Cirurgia Plástica (Isaps), ocupou em 2015, o quarto lugar no consumo de cosméticos, ficando atrás dos Estados Unidos, China e Japão. A quantidade de dicas, programas de televisão aberta e fechada que trata de assuntos relacionados à alimentação saudável, prática de exercícios, moda, truques de maquiagem, que também estão presentes à toneladas na mídia digital, indica o quanto a nossa cultura está imbuída do valor da beleza e juventude eternas, como se fosse possível parar o tempo, ou pior, que só se fizermos uso de todo esse arsenal da juventude disponível, poderemos ter uma “vida feliz”, outro conceito que consideramos um tanto “cansativo”, pois nos parece uma

classificação ou condição estática, e por isso, restritiva, que não inclui as nuances de sentimentos, sensações físicas, experiências de vida que são como uma vasta cartela de cores...existem tantas nuances de verde na natureza, não é? Por que deveríamos viver com determinados formatos de corpos, cabelos, narizes, seios e bundas para sermos “ felizes”? Por que a tristeza, a dor, a saudade, o luto, a solidão, estados tão humanos, não podem fazer parte da cartela de cores da nossa vida?

Isso nos remete ao que Tótorá (2015) diz:

Querer uma vida sem doença, dor e morte é o mesmo que dizer não à própria vida. (...) Abrir-se à vida é dispor-se a enfrentar todas as adversidades, com a alegria dos que fazem dessa aliança um aumento da potência de agir, inventando novas formas de existencia. (p. 24)

5.2 O envelhecimento e relações de poder

Fazendo uma leitura sobre o envelhecimento apoiada no pensamento de Foucault, Deleuze. Tótorá coloca que o envelhecimento tem sido tratado na sociedade contemporânea como um problema que necessita de solução. Ela aponta que isso se dá tanto na formalização jurídica dos direitos, como nas reações à discriminação. Aponta a perversidade dessa postura, que coloca o idoso como objeto de saber e de investimento de poder. Apoiada no pensamento de Foucault, lembra-nos que o poder se exerce não apenas como opressão, mas também como produção de saber e assujeitamentos. Conta-nos da necessidade de problematizarmos os valores, que são atribuídos a todas as fases do período da vida – infância, juventude, vida adulta e velhice. E nós vivemos numa sociedade que coloca os valores atribuídos à juventude como parâmetro para toda nossa existência.

Na sua obra, a autora propõe tomarmos o envelhecimento como:

Envelhecer é uma experimentação aberta ao acontecimento, portanto, simultaneamente ética e estética: a existência como obra de arte, como afirmam Nietzsche, Deleuze e Foucault. (p.27).

Situar o envelhecimento em uma perspectiva política que não se define pela dimensão do direito, mas sim da ética, é um problema que merece ser colocado na contemporaneidade. (p.28).

A velhice constitui meta positiva da existência e, portanto, não faz sentido atribuir um modo específico de vida para cada fase. A ética reside no “cuidado de si” – traduzido em práticas e regras facultativas -, que, embora se estenda a todos, ou seja, não é privilégio somente dos cidadãos, não adquire o caráter de um princípio universal, tampouco se torna uma lei geral. (p.29).

Iacub e Arias (2016) exploram os sentidos que a sociedade confere à velhice, mostrando a existência de discursos contraditórios, muitas leituras e investigações, que em parte parece deixar de uma questão existencial para se tornar assunto da medicina. Assim, novamente nos vemos com as questões de controle do corpo, em consonância com o pensamento de Tótorá (2015).

Os mesmos autores apontam que ao mesmo tempo estudos empíricos e investigações têm começado “*a reformular certos aspectos da velhice em uma clara transformação do viés negativo ou deficitário, por outro positivo e enriquecedor*” (IACUB e ARIAS, 2016, p.79-80, tradução nossa).

Cebério (2013) se referindo ao processo de envelhecimento dos idosos na quarta idade, de modo geral, aponta que esse se dá da autonomia para dependência e da relação simétrica para uma assimetria, na qual os filhos detêm um maior poder que antes. As perdas sofridas pelos idosos são motivo de um declínio significativo do seu bem-estar, ocasionando sintomas físicos como cansaço, dores, medos, chegando a quadros de enfermidades importantes como demências, cardiopatias, Alzheimer. Quaisquer sintomas, como desorientação, problemas de audição, surgem e outros sintomas já existentes se agravam, quando o idoso passa a residir numa ILP.

Voltando nossa atenção para nossa realidade, pensamos nas dificuldades, de ordem econômica e sociais dos países da América Latina, especialmente para o Brasil, um país de território tão vasto e culturas tão diferentes, que pode ser comparado com vários países dentro de um só... que velhice poderemos viver? A aposentadoria é um marco social que determina um ciclo de vida, e ingressa a pessoa na categoria de velhos. A pensão recebida é insuficiente para a maioria da população brasileira, que também enfrenta problemas graves no atendimento à saúde e moradia.

O crescimento dessa população nos traz diversos desafios, discutidos pelos citados autores, nos diversos segmentos, como aspectos socioeconômicos; distribuição de renda, pobreza e desemprego; “*feminização*” da velhice, aposentadoria; estrutura familiar; relação intergeracional; migração e urbanização; atenção integral à saúde do idoso.

Por todo o exposto, temos a compreensão da velhice num contexto de complexidade, buscando olhar para esse fenômeno tendo como pano de fundo todo o contexto cultural e social que a questão abarca, incluindo nosso olhar específico para a família, e procurando compreender como cada família está experienciando sua convivência com o idoso muito idoso.

CAPÍTULO 6 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE POSSÍVEIS DINÂMICAS FAMILIARES DIANTE DA PESSOA MUITO IDOSA E A PARENTALIDADE INVERTIDA

“Desde então, minha mãe nunca mais ficaria sozinha. O jogo tinha se invertido naquele instante. Em 30 de janeiro de 2008, naquela tarde abafada, na forma da lei no Foro Central Cível na praça João Mendes, s/n, 4º andar, sala 426 do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, primeiro provisoriamente e depois definitivamente, aquela que cuidou de mim por quarenta e oito anos seria cuidada por mim. O referido é verdade e dou fé. Eu virava mãe da minha mãe. E não choveu”.

(MARCELO RUBEM PAIVA, 2015)

Cebério (2013) expõe que o processo de independência do adulto para a dependência, acontece na quarta idade. Os pais começam a envelhecer, os que até então, estavam no comando do lar, fazendo com que a simetria entre pais e filhos adultos, começa a se inverter, no momento que esses pais passam a precisar mais dos filhos. Os pais se veem na condição de delegar poder aos filhos, que se observa quando esses lhes pedem opiniões que antes não pediam.

Os avós que antes estavam disponíveis para ajudar seus filhos e netos, aos poucos vão como “saindo de cena”. Às vezes pedem ajuda para cuidar das suas contas pessoais, fazer uma compra, acompanhar num passeio. Depois, esses pais podem precisar que preparem sua comida, ou que o ajudem a tomar a medicação. Até que precise de ajuda para as atividades de vida diária, como banhar-se, vestir-se, limpar-se se tiver incontinência. E à medida que a dependência se torna maior; outras pessoas além da família precisam fazer parte da rede de cuidados ao idoso, que falaremos adiante no capítulo que se refere aos cuidadores familiares e profissionais.

Algumas características de mudança na dinâmica familiar são importantes de serem analisadas. O mesmo autor nos dá um panorama dessa realidade.

Aponta a dificuldade de o filho cuidar de um pai dependente, principalmente se esse pai exerceu uma influência poderosa na família, sendo uma espécie de mentor da família. Costumam ser pais difíceis de serem cuidados, pois costumam sentir-se ofendidos quando tentam ajuda-lo, e os filhos por sua vez não conseguem tomar decisões e ter uma atitude mais diretiva.

Os filhos mais velhos tendem a tomar para si o “bastão” do poder, tomando as rédeas da reorganização familiar. Geralmente tais filhos receberam, desde pequenos, essa função de liderança.

Algumas vezes, o filho mais velho não é o mais capacitado para assumir a liderança familiar, e no caso se a família em questão for rígida, tende a se desestruturar. Nas famílias tradicionais, quando o filho mais velho é uma mulher, geralmente o filho seguinte assume a liderança. O fato é que a liderança do filho, com maior ou menor capacidade, costuma causar uma crise no sistema familiar, de qualquer maneira, percebidas por meio de triangulações, alianças, coalisões, disputas ou rivalidades.

Para alguns filhos, receber essa delegação é sentida como um fardo, que gostariam de se livrar, se pudessem. Ou sentem sentimentos ambivalentes de reconhecimento e grande responsabilidade.

Os filhos únicos, não tem a opção de nem auxílio de outros irmãos para lidar com todo esse processo, levando a um desgaste maior, já que concentra em si as responsabilidades cotidianas como alimentação, médicos, exames, contas para pagar, lidar com um possível cuidador ou enfermeiro, proteger os pais. Quando esses são casados, noras, genros e netos por vezes tendem a auxiliar nas atividades. Se solteiros, e moram com os pais, acumulam as responsabilidades que por vezes os fazem sentir-se menos importantes.

A situação crítica dos pais faz com que algumas famílias se unam, reúnam esforços, e dividam as tarefas. Outras se degradingolam, os membros se dispersam, se voltam para as próprias atividades, se refugiam nos compromissos com sua família nuclear, e em visitas esporádicas Cebério (2013) afirma: “ *Mientras tanto, el anciano se encuentra solo y cada cierto tempo visitado por alguno de sus hijos o nueras que lavan sus culpas de manera esporádica*” (p.188).⁸

As famílias críticas são aquelas que se desentendem sobre os problemas do idoso, e quando alguém assume a responsabilidade de fazer algo, torna-se alvo de críticas.

⁸ Tradução: Entretanto, o idoso se encontra sozinho e a cada certo tempo é visitado por algum dos seus filhos e noras que expiam suas culpas de maneira esporádica.

Em todas as famílias existem pessoas que tendem a ser líderes e outras que tendem a seguir. Quando há mais de uma pessoa com tendência à liderança pode ocorrer brigas pelo poder, numa escalada que o jogo pelo poder se torna mais importante que a solução dos problemas.

Outras pessoas podem sentirem-se sozinhas, por não encontrar ressonância nos outros membros, que podem não se opor, mas dão respostas evasivas, e que quando enfim se faz algo concreto, são criticadas.

Às vezes, um irmão ou irmã do enfermo assume a liderança dos cuidados, por terem estabelecido durante a vida uma forte aliança fraterna. São histórias que o autor observa como belas, afinal, os irmãos são cúmplices de toda uma história de vida em comum.

Os amigos dos idosos, que poderiam ser apoio, também deixam os idosos em apuros, pois, quanto mais se vive, mais vizinhos, ex - companheiros de trabalho e estudos, amigos, se perde, fato que aumenta a angústia da morte. Poder receber antigos amigos, com quem se partilhou experiências ao longo da vida traz benefícios grandes, levando o idoso a outro estado/tempo, de memórias da jornada vivida. Acontece também dessas pessoas se afastarem, pela dificuldade de entrarem em contato com a doença, a dor, a finitude de si mesmas, retratada na presença do amigo em sofrimento, ou tecerem conversas menos afetivas, com certo distanciamento, pelos mesmos motivos.

Algumas pessoas na quarta idade, viúvas, sem irmãos (que podem ter falecido), recebem visitas de noras, genros, sobrinhos, alguns conhecidos, que os visitam esporadicamente, com características de “visitas de médico”, como costumamos dizer, rápidas, sem efeitos afetivos significativos. São pessoas que podem terminar seus dias em ILP gratuitas, caso não tenha condições financeiras, na companhia apenas de seus companheiros de instituição.

Adicionamos a contribuição de C. Sluzki (1997) acerca das redes sociais na velhice. Primeiramente, é conveniente colocar que esse autor propõe uma visão que ele denomina de evolutiva da família e da rede social, definido como um sistema fluido, em constante evolução, no qual somos incorporados ao nascer e que abandonamos ao morrer, ou quando morrem as pessoas para quem fomos significativos.

O mesmo autor afirma que a rede social dos velhos diminui por diversas razões, como morte, migração ou enfraquecimento dos membros da sua rede. Simultaneamente, são menores as oportunidades dos idosos conhecerem novas pessoas, na mesma medida que sua energia para formar laços; a motivação para manter os vínculos existentes também decai,

assim como a sua acuidade sensorial. Ou seja, os amigos vivos sentem dificuldade de se encontrarem, de se locomoverem, fazendo com que os velhos fiquem cada vez mais recolhidos no âmbito familiar. E cita: “*Com os desaparecimentos dos vínculos com pessoas da mesma geração desaparece boa parte dos apoios da história pessoal*” (p.116).

E continua afirmando que parte da depressão pela qual passam muitos idosos se deve da solidão, perda de papéis, de lembranças, de identidade que acompanha a extinção progressiva da rede (p.116). Lembra também a importância que os animais de estimação adquirem para os mais velhos, deixando-os desolados quando da sua perda, como também como estimulantes quando são adotados.

A Parentalidade Invertida se dá quando os pais idosos, à medida que envelhecem, passam a necessitar de alguns cuidados, que variam desde acompanhamento emocional, como um apoio para realização de algumas tarefas simples, como acompanhamento nas idas ao médico, compras no supermercado, entre outros, até cuidados específicos na realização de atividades da vida diária, como caminhar, comer, tomar banho. Num dado momento, dependendo do grau de dependência do idoso, os filhos percebem que estão cuidando dos seus pais como estes cuidavam deles quando eram crianças.

Cervený (2015) explica que a parentalidade invertida existe, às vezes ela é necessária, porém adverte sobre o perigo dessa posição ser rígida, pois os pais, mesmo quando necessitam de cuidados, querem continuar a serem pais e não se tornarem filhos dos seus filhos.

Silva (2007) expõe que sempre existiu quem se encarregasse ou fosse encarregado do cuidado com os idosos, e escreve sobre a mudança da rotina da vida atual, que dificulta esses cuidados. Cito Silva:

Por isso, os cuidadores de hoje estão criando novos modelos de convivência entre familiares e idosos, novos padrões de cooperação dentro das famílias. O que eles conseguirem criar será usado como modelo por seus filhos e sobrinhos quando a história se repetir. (p.14)

CAPÍTULO 7 - OS CUIDADORES FAMILIARES OU PROFISSIONAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Vamos iniciar esse capítulo partindo de uma citação de Berthoud que diz:

[...] para ser cuidador, o indivíduo precisa ter sido muito bem cuidado, ou seja, pessoas carentes dificilmente conseguem preencher o outro, uma vez que estão elas próprias tão esvaziadas de afeto e amor. (1997, p.129)

Também concordamos que, se o afeto recebido tiver sido mais próximo da necessidade que precisamos, então podemos pensar que estaremos enquanto adultos, preenchidos de afeto suficiente para estar com o outro de maneira sensível às suas necessidades, e pensando na recursividade do sistema, capazes de cuidarmos e recebermos cuidado.

No dicionário Aurélio, temos os seguintes significados para a palavra cuidar:

1. Ter cuidado em; tratar de;
2. Interessar-se por; trabalhar;
3. Julgar-se; ter-se por; tratar-se.

Cuidar exige interesse, disponibilidade interna, e também das contingências cotidianas. Observa-se que nas famílias com idosos na quarta idade, além de possíveis cuidadores familiares, começam a ter importância a presença de alguns profissionais da saúde, como médicos, fisioterapeutas, gerontólogos, cuidadores profissionais, que muitas vezes adquirem o status de “família credenciada”, por fazerem parte da intimidade das famílias atendidas além de na vida dos idosos. Essa é a família afetiva, que podem não ter qualquer relação de parentesco, ligados por laços de afeto. À essas pessoas se devotam sentimentos de gratidão, de cumplicidade, intimidade, pela relação próxima e íntima na vida das famílias; também se deve considerar o impacto da presença constante de outra ou outras pessoas cuidadoras no ambiente familiar, que antes não existia.

7.1 O cuidador familiar

Born (2015) apoiada em filmes, declarações de autoridades governamentais que deixavam explícita a preocupação com o fato dos idosos estarem vivendo muito, e o impacto

econômico que isso gera, em países como o Japão, que temos como ideal de respeito ao idoso, expõe a desmitificação da velhice cuidada, respeitada e assistida tanto pela família quanto pelo Estado.

[...] diversos são os fatores que pesam sobre a capacidade de uma família de cuidar de um idoso dependente: entre outros, local de residência, situação econômica, saúde psicofísica do grupo familiar, estrutura e dinâmica, valores de orientação e nível educacional. (p.158).

Entendemos que diante do avanço rápido da população de idosos com mais de 80 anos, num país como o nosso, com déficits importantes na saúde da população, crise econômica e de famílias, portanto, que precisam trabalhar cada vez mais para garantir o seu sustento, com menor número de filhos, recasamentos, entre outros, deixar as idealizações de “família Doriána”, e proporcionar espaços de discussão e reflexão, para que cada família possa encontrar os recursos disponíveis para cuidar do familiar idosos é uma necessidade.

Born entende que quando a responsabilidade pelo cuidado é dividida entre vários filhos num bom entendimento entre eles, a carga para cada um é aliviada. Porém em muitos casos, como famílias pequenas, ou quando alguns filhos não participam da tarefa de cuidar, um dos filhos é “eleito” o único cuidador, ou, o principal. Pensa-se numa empreitada que se sabe quando começa, mas não é possível saber quando irá terminar. Geralmente esse filho é uma mulher, que se dedicará quase que exclusivamente à tarefa de cuidar, e que assim, deixará tantos outros aspectos da sua vida em segundo plano, como trabalho, estudos, lazer e outros interesses. A qualidade do cuidado oferecido ao idoso dependerá das condições do cuidador, que muitas vezes sob forte estresse, pode ele mesmo adoecer, ou abrir caminho para que algum tipo de negligência e violência seja praticada contra o idoso.

Como cada família irá lidar com essa situação também depende, como já dissemos anteriormente nesse trabalho, também pela forma como essa se vinculou ao longo de todo o ciclo vital. Etapas anteriores bem vividas, no sentido de vínculo afetivo satisfatório, comunicação efetiva e respeitosa entre os membros irá determinar como irão enfrentar esse momento de crise e ser uma oportunidade de estreitar laços, reparar dificuldades anteriores, fechando esse ciclo de uma maneira que além da dor emergja sentimentos de amor e gratidão. Silva (2007) adverte que os cuidadores experimentam sentimentos ambivalentes em relação à pessoa cuidada, como amor e raiva, esperança e desespero, tendo a culpa como constante, por maior que seja sua dedicação.

Importante salientar, que frequentemente as famílias enfrentam dilemas quanto aos cuidados que devam ou não ser adotados em relação ao familiar idoso. A autora nos oferece

um pensamento que acreditamos *ser* fundamental para nortear nossas decisões, pois inclui a ética no cuidado: *“Para essas pessoas, pode ser de grande importância saber do desenvolvimento do paradigma do cuidado, que aceita o declínio, o envelhecimento e a morte como parte da condição humana e cujo foco é o ser humano na sua totalidade”* (Born, p.161).

Hedler et al. (2015) descrevem que:

[...] pouco se conhece quando se trata do cuidador familiar da pessoa idosa, de sua relação com a família, da imagem que representa essa atividade e de suas implicações em termos das demandas de esforços físicos, psicológicos e do quanto enseja o rearranjo das escolhas em relação a emprego, estudos e vida pessoal. (p.144).

O tempo médio de experiência como cuidador é superior a 10 anos, o que nos leva a cogitar que, por serem familiares muito próximos da pessoa idosa, já desempenhavam algumas tarefas relacionadas ao cuidado com o idoso no espaço domiciliar, mesmo antes da manifestação de doenças ou agravamento destas. (p.148).

As autoras cima citadas consideraram que o convívio familiar impõe a um dos familiares a responsabilidade pelo cuidado, uma vez que a maioria dos cuidadores familiares assume essa tarefa por razões afetivas, culturais, de parentesco, entre outras. Na maioria das vezes, quando tem uma pessoa idosa com dependência funcional, a família é obrigada a assumir a tarefa de cuidar, pois não dispõe de recursos financeiros para contratar um cuidador formal, bem como outros aparatos necessários ao cuidado da pessoa idosa. Geralmente quem assume esse papel na família é a mulher, pois, historicamente e pela lógica dos programas sociais de suporte familiar, o cuidado é delegado à figura feminina. *“O Estado, por sua vez, não estabelece e executa políticas de suporte familiar (...)”* (p.151). Mencionam que a ausência do Estado e a culpabilização da família são a tônica na discussão do cuidado.

Cebério (2013) preconiza que a prática dos profissionais que lidam com esses idosos deve se consolidar como uma tarefa integradora composta por um protagonista – o enfermo, todo o contexto no qual esse idoso vive, para que assim o plano terapêutico seja elaborado levando em conta todos esses fatores particulares, que na quarta idade, são muitas. Destaca que para dar conta dessa tarefa, os profissionais necessitam:

No implica solamente amar al paciente y con ello lograr esa cuota de empatía y afecto que ayuda a curar, sino realizar los estudios pertinentes que aseguren una especialidad de la vejez. (p.91).⁹

⁹ Tradução: Implica não só o amor ao paciente e à empatia e o carinho que ajuda a curar, mas a realização dos estudos necessários para garantir uma especialidade em relação à velhice.

Além disso, expõe que todos nós, governos, geriatras, gerontólogos, psicólogos, médicos de diferentes especialidades, enfermeiros, assistentes sociais, terapeutas familiares, familiares, cônjuges, amigos, entre outros, fazem parte “*el ecosistema que colaborará en la curación del paciente*” (p.91).¹⁰

7.2 Políticas Sociais de cuidado ao Idoso

O Estatuto do Idoso (Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003) coloca como responsáveis pelo idoso a família, a comunidade e o poder público.

Para Huenchuan apud Born, 2015, p.159), um dos grandes desafios do século XXI é a inclusão do cuidado nas políticas públicas, numa perspectiva de solidariedade e igualdade, considerando o assunto como responsabilidade coletiva, a qual se realiza por meio de prestação de serviços que aumentem a autonomia e bem-estar das famílias.

Os idosos muito idosos são as pessoas que mais necessitam de cuidados de longa duração, que são prestados pelas ILPIs (Instituição de Longa Permanência para Idosos), centros-dia, hospitais-dia e atendimento domiciliar.

No Brasil a partir dos anos 80 se multiplicaram os centros de convivência para idosos independentes e autônomos, como o SESC (Serviço Social do Comércio); porém o aumento do número de idosos com limitações físicas ou cognitivas requer o estabelecimento de outras formas de atenção.

De acordo com as Normas de Funcionamento de Serviços de Atenção ao Idoso, centro dia é definido como:

Um programa de atenção integral às pessoas idosas que por suas carências familiares e funcionais não podem ser atendidas em seus domicílios ou serviços comunitários; proporciona o atendimento das necessidades básicas, mantém o idoso junto à família, reforça o aspecto de segurança, autonomia, bem-estar e a própria socialização do idoso. Caracteriza-se por ser um espaço para atender idosos que possuem limitações para a realização das Atividades da Vida Diária (AVD), que convivem com sua família, porém não dispõem de atendimento de tempo integral no domicílio. Pode funcionar em espaço especial construído para esse fim, espaço adaptado ou como um programa de um Centro de Convivência, desde que se disponha de pessoal qualificado para atendimento adequado. (p.161).

No Brasil teve curta duração nos grandes municípios a manutenção de centros-dia. Outros foram abertos e mantidos, também em pequenos municípios, a partir de verbas públicas ou particulares.

¹⁰ Tradução: O ecosistema que colaborará na cura do paciente.

7.3 Cuidado Domiciliar

No Brasil as famílias contam com serviços oferecidos pelos planos de saúde (portanto para pequena parte da população) de Home Care, exigindo, porém, a presença de um cuidador familiar.

O município de São Paulo umas das estratégias sugeridas é a reestruturação da Estratégia Saúde da Família, para os agentes comunitários de saúde possam proporcionar orientação e apoio a cuidadores familiares.

Segundo pesquisa realizada pelo IPEA em todo território nacional (entre 2007 a 2009) existem no país 3.548 ILPIs (Instituição de Longa Permanência para Idosos) a maioria filantrópicas, taxa de internações que representa 1% da população idosa.

Pastoral da Terceira Idade: Foi iniciada em 1993, no Paraná, na Diocese de Cornélio Procopio existindo atualmente em muitos municípios brasileiros. Cuidadoras voluntárias formadas atuam como visitadoras prestando auxílio ao idoso e cuidador familiar.

7.4 Cuidador Formal

Entendendo ser importante uma visão histórica breve no artigo de XX, intitulado “Cuidadores formais de idosos: contextualização histórica no cenário brasileiro” (2015), destacando alguns pontos desse caminho percorrido até o momento.

Segundo o autor, o tema ganhou visibilidade a partir de 1998, por meio de uma demanda social organizada e pautada nos princípios da Política Nacional do Idoso, promulgada em 1994.

A portaria Interministerial nº 5.153/99, instituiu o Programa Nacional de Cuidadores de Idosos, preconizando o estabelecimento de protocolos específicos com as entidades não governamentais e com as universidades, com vistas à capacitação de cuidadores institucionais e domiciliares, familiares e não familiares.

A portaria acima foi aditada pela Portaria Interministerial nº 5 de 16 de junho de 2003. A proposição de 2003 embasou-se na criação de uma rede de apoio aos cuidadores formais de pessoas incapacitadas, que incluía os idosos. Essa rede seria criada a partir da identificação, pelas Unidades Básicas de Saúde e equipes do Programa Saúde da Família, das pessoas incapacitadas residentes em territórios de abrangência que necessitariam de cuidadores. Esse projeto foi aprovado em âmbito nacional, mas não entrou em vigor.

Em 2007, em Blumenau (SC) aconteceu uma oficina coordenada pela Área Técnica de Saúde da Pessoa Idosa e pelo Ministério da Saúde, na qual se discutiu os cursos destinados aos cuidadores para o exercício da função, e a capacitação de formadores para ministrarem tais cursos. Também nesse encontro definiu-se que um cuidador é alguém que presta auxílio ao idoso nas atividades que ele apresenta dificuldades para realizar de forma independente. Nesse encontro ficou estabelecido que o cuidador deve ter como requisito a formação no Ensino Médio, e que os formadores, nível universitário nas áreas de saúde, serviço social ou educação; além de conhecimentos com ênfase no envelhecimento e cuidados à pessoa idosa com distintos níveis de dependência.

Em São Paulo, a Universidade de São Paulo também realizou o curso de cuidadores, e formadores.

Atualmente os cuidadores formais de idosos são considerados uma função identificada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) por meio do código 5162.10, que exige que a pessoa que exerce a função de cuidador seja formada em cursos livres com carga horária de 80/160h, tenha no mínimo 18 anos de idade e ensino fundamental completo. O cuidador pode ser um trabalhador assalariado ou autônomo e exercer sua ocupação em domicílios ou instituições cuidadoras de idosos. Seus horários de trabalho podem se dar por revezamento de período/turnos ou por tempo integral. A descrição das atividades exercidas por esse profissional podem ser: promover o bem-estar do idoso, cuidar de sua saúde, alimentação, higiene pessoal e de seu ambiente domiciliar e institucional. Também estimular e auxiliar no desempenho de atividades de vida diária, acompanhar em atividades externas, e incentivar sua participação nas atividades de cultura e educação.

Distintos projetos de lei estão em tramitação, com o intuito de transformar a função de cuidador de idosos em profissão regulamentada.

7.5. Formação de cuidadores

Bez e Nascimento (2016) ressalta que a tarefa de cuidar exige conhecimento e aprimoramento, como qualquer tarefa, e aponta algumas características necessárias a serem desenvolvidas pelo cuidador como:

Conhecer os aspectos normativos e conceituais que envolvem a ocupação, além de adquirir habilidades práticas, como por exemplo auxiliar no banho, conduzir uma cadeira de rodas ou cuidar de uma prótese auditiva. A atividade do cuidar é dinâmica e complexa, varia conforme as necessidades individuais de cada um que, por sua vez, variam ao longo do tempo. Especialmente no caso de idosos, é fundamental que

o cuidador formal saiba atendê-los conforme suas características próprias, valorizando sua história de vida, preferências e interesses. É preciso, ainda, estar atento a possíveis mudanças no estado psicológico e de saúde de cada idoso com o passar do tempo. (p.199).

Essas autoras defendem a pertinência da formação de cuidadores, provenientes de sua pesquisa na extensão universitária que é integrada no Programa de Atenção Integral ao Envelhecimento (PAIE) das atividades do Eixo de Educação Gerontológica enquanto Curso de cuidadores de idosos. Tal curso é voltado para cuidadores domiciliares, tendo como objetivo capacitar o participante para o mercado de trabalho, oferecendo um espaço para a compreensão do envelhecimento nos aspectos biopsicossociais, de atitudes respeitadas e positivas para com os idosos. Tem a duração de 3 meses e carga horária de 30h, na Universidade de Taubaté (SP).

A pesquisa apontou que a maioria dos alunos são mulheres, que já exercem essa atividade, e buscam a formalização da sua profissão. Vários são os motivos que determinam a importância de um preparo para que exerçam essa atividade, devido ao aumento da demanda desse trabalho ocasionado pelo envelhecimento da população, sendo a forma de garantir um bom atendimento às necessidades das pessoas idosas, e com caráter preventivo de negligência e violência contra o idoso. Tais profissionais são contratados pelas famílias com alguma condição financeira, para amenizar o trabalho do cuidador familiar.

Informam que a legislação brasileira determina que as pessoas idosas sejam cuidadas preferencialmente em seus lares, o que também justifica a formação de qualidade dos cuidadores. Terminam assim, justificando a importância desse tipo de qualificação, por ser uma ocupação que garante a permanência do idoso no ambiente familiar, sem ônus econômico tão alto, estando de acordo com as recomendações legais, e com a cultura de cuidado brasileira, que vê como abandono a internação dos seus idosos em ILPs.

CAPÍTULO 8 - OBJETIVOS

Entendendo que a maneira como as famílias estão atravessando a fase última do ciclo vital se dá com a construção de diálogos, experiências, sentimentos e aprendizados construídos ao longo da convivência de toda a vida, tivemos como objetivo geral dessa pesquisa compreender a condição da parentalidade invertida nas famílias com idosos maiores de 80 anos.

8.1 Objetivos específicos

- Investigar a experiência de cuidado dos antepassados;
- Conhecer como a lealdade entre pais e cada filho, e sua influência no cuidar;
- Entender como pais, filhos e netos (quando houver) vivem e o que poderia ajudá-los nessa tarefa de cuidado;

CAPÍTULO 9 - MÉTODO

9.1 Tipo de Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com delineamento de Estudo de Casos Coletivo.

A escolha por esse tipo de pesquisa se deu por estar em concordância com os pressupostos teóricos utilizados. Algumas características da pesquisa qualitativa, segundo Lüdke e André (1986), são as seguintes: essa pesquisa tem o ambiente natural como sua fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e por último, ele explica que a análise de dados tende a seguir um processo indutivo. Dessa forma alcançamos a coerência necessária para a realização da nossa pesquisa.

Denzin e Lincoln (1994) apontam que os pesquisadores podem estudar uma série de casos em conjunto com o propósito de investigar o fenômeno, população ou o estado geral, denominado “*Estudo de caso coletivo*”. Os autores explicam que a escolha por este método pode permitir maior compreensão, talvez melhor teorização, com maior coleção de casos. (p.237)

9.2 Instrumentos

Entrevista semiestruturada (no apêndice), e construção do genograma – uma representação gráfica com informações acerca de três gerações, que contribuem para a compreensão da dinâmica intergeracional.

A escolha pela entrevista foi motivada por permitir contato próximo e direto com os participantes, criando uma relação na qual somos influenciados e influenciados os participantes, permitindo trocas e também liberdade na condução da conversa, a fim de nos aproximarmos o quanto for possível da experiência de vida dessas pessoas.

Dessen e Silva (2011) descrevem que “*nos estudos com famílias, as entrevistas constituem recurso importante para obter dados, de maneira simples e direta, sobre a opinião dos membros familiares quanto ao funcionamento da família, isto é, sobre as interações e relações nos seus diferentes subsistemas*” (p.25).

O genograma num estudo intergeracional é de fundamental importância por nos permitir conhecer aspectos importantes da história familiar das gerações de uma família. Segundo McGoldrick (1995) os genogramas “*são retratos gráficos da história e padrão familiar, mostrando a estrutura básica, a demografia, o funcionamento e os relacionamentos da família*” (p.144). Nesse sentido, Cerveny (2011) afirma que: “*o genograma constitui, para a grande maioria das pessoas, um reencontro importante com o passado*” (p.111).

Crepaldi, Moré e Schultz (2014) informam que o uso do genograma, anteriormente utilizado contexto clínico, tem sido utilizado nas pesquisas qualitativas, mostrando ser um instrumento cientificamente reconhecido, de apoio na produção de conhecimento no campo de estudos, da família, do trabalho de equipes profissionais na área da saúde coletiva, do sistema jurídico e da comunidade

Fazem algumas ressalvas aos pesquisadores quanto à escolha desse instrumento nas suas pesquisas, como levar em conta o foco ou objetivo que se pretende com a sua utilização; o pesquisador deve ter consciência de que ao evocar a reconstrução de eventos e situações passadas necessárias para sua elaboração, se produz no participante algum grau de mobilização emocional, que requer a capacidade do pesquisador de manejar tais situações possíveis de ocorrer; também é importante que o mesmo tenha alguma prática anterior com esse instrumento.

9.3 Participantes

Quatro famílias residentes em São Paulo, capital, com idosos acima de 80 anos.

9.4 Procedimento

As famílias foram contatadas via telefone, momento no qual foram convidadas a participarem da pesquisa, e foi esclarecido seu objetivo, tempo médio de duração, a autorização para a gravação e a garantia do sigilo. Após o aceite foi agendada na data e horário conveniente aos familiares.

A pesquisadora foi até a residência do idoso de modo a garantir maior conforto do mesmo, evitando deslocamentos.

9.5 Considerações éticas

Esse estudo foi pautado eticamente, nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde nº 510/2016, tendo sido aprovado sob o nº 1.988.251 em 29/03/17

9.6 Análise das narrativas

A análise das narrativas, obtidas por meio dos instrumentos usados, é feita com base em nossos objetivos. As categorias que elencamos foram:

1. O cuidado do ponto de vista da intergeracionalidade;
2. Envolvimento dos filhos e pais, mediado pelo cuidado;
3. O que seria necessário para a família conseguir o cuidado satisfatório?
4. O dar e o receber.

CAPÍTULO 10 - GENOGRAMA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS PESQUISAS POR FAMÍLIA

10.1 Família A

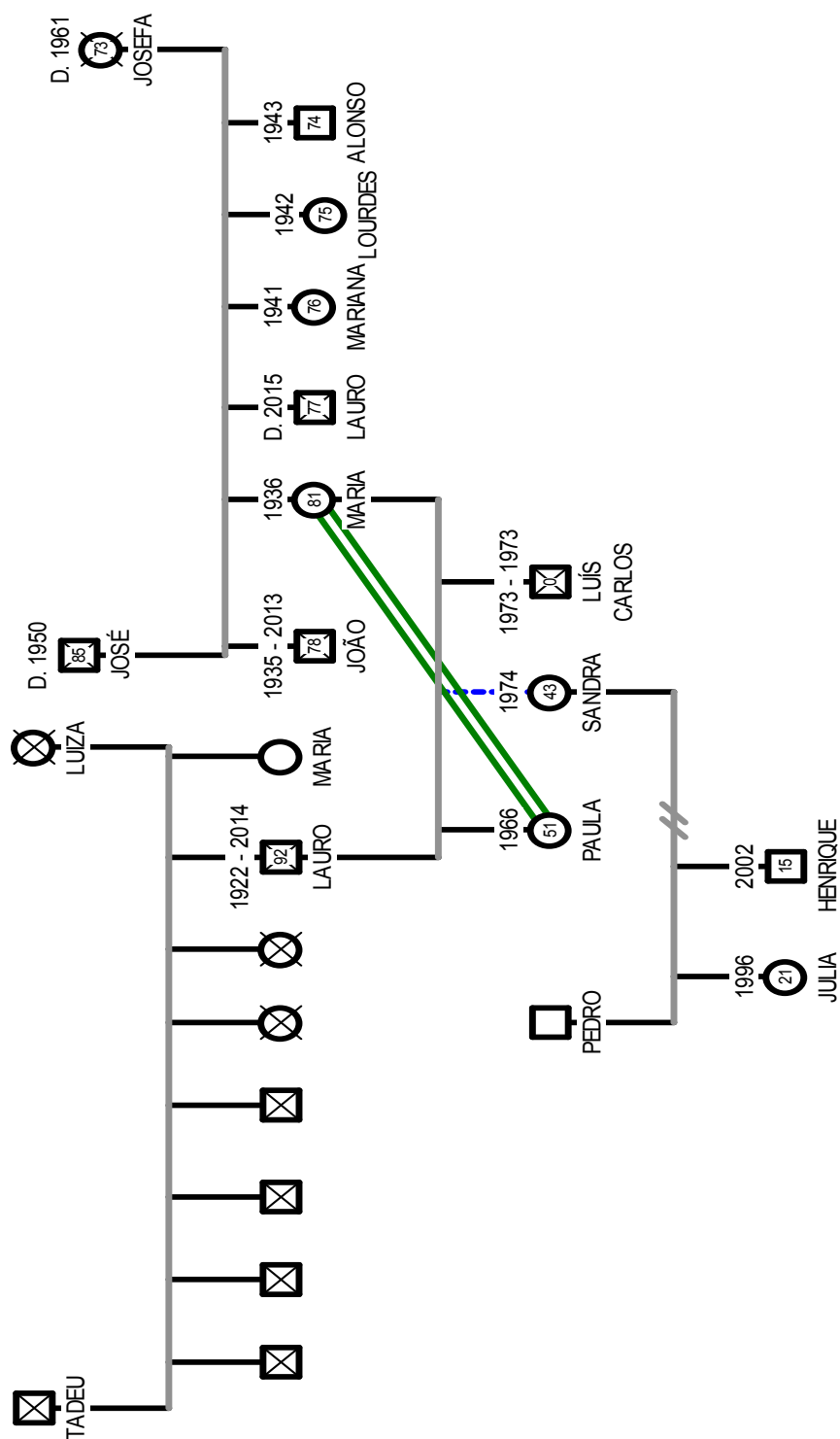


Figura 1. Genograma da Família A

Legenda: M: falas da mãe; F: falas da filha. P: falas da pesquisadora.

A entrevista ocorreu na sala de estar da casa da idosa, onde moram ela e a filha única, solteira.

Cuidado do ponto de vista da intergeracionalidade

P: A gente percebe que quando nossos pais estão envelhecendo os filhos começam a cuidar dos pais”

M: “ Como essa aqui”.

F: “Aí ele falece e eu cuido dela”.

M: E cuida muito bem viu Chris?

F: “Eu acho assim, que cada vez a dependência vai aumentando”

F: “Começou com o meu pai né Chris? Começou com levar a um médico...”

M: “ Ficou lá no hospital com ele”.

F: “ Aí ele foi parando de se virar e ela foi cuidando dele. E ela foi também...”

F: “ Ela foi criada para criar os irmãos né? Assim que meu avô morre, ela já fica com a função de dona de casa”.

M: “No Norte, quando nós morávamos lá, meus irmãos eram tudo pequenos. Quando era domingo, eu ia pra missa com todos, do mais velho ao mais novo, pegava a roupa de todos e botava juntinho”.

M: “Meu pai morre...minhas irmãs foram estudar num colégio de freiras. E eu tomava conta dos outros”.

M: Eu não cuidava da minha mãe não, quem cuidou foram minhas irmãs. Eu cuidei dos meus irmãos.

Envolvimento dos filhos e pais mediado pelo cuidado

F: “ Antes era só ir ao supermercado mais longe; hoje é ir à padaria; gradativamente vão aumentando as responsabilidades, como eu posso dizer...cada vez eu tenho mais uma obrigação, que eu não tinha antes; obrigação não né Chris? Mais uma tarefa, sim, com certeza”.

M: “ Porque qualquer coisa ela chega e fala: Eu vou brigar com você. Entra na porta e pergunta se eu fiz ginástica, já tomou remédio, já caminhou? É assim menina, mas me enche a paciência”.

M: “Cobra, cobra...ih...já mediu a pressão...fica cobrando tudo”.

P: “E como é ser cobrada desse monte de coisas para fazer”?

M: “Como é? Eu adoro! (solta uma gargalhada)”.

M: “Tudo o que ela fizer pra mim está bem feito. Ela é muito gente fina”.

M: “Demais, eu gosto demais. Eu fico de noite esperando ela e rezando, rezando...ela chega, e eu já fico feliz” (chora).

M: “Ela pega no meu pé, meu Deus do céu”.

M: “Quando eu vou tomar banho eu falo: X eu posso tomar banho? ”

M: Só lavo no dia que ela diz: pode lavar, hoje está bom “ (referindo-se ao tempo)

M: “Eu não decido mais nada. Tudo o que ela fizer aqui é bem feito, pronto.

F: “Agora, ela e eu brigamos viu? ”

O que seria necessário para a família conseguir um cuidado satisfatório

F: “ Eu adoraria (se referindo ter um irmão). Eu não imagino como seria, mas gostaria nesse momento de ter, pra dividir né Chris? Porque a gente acha meio, é muito, é difícil né? Estar sozinha. ”

F: ” Dinheiro (e ri). Uma ajuda, outra pessoa para dividir comigo. Uma a mais já seria...”

F: Não, eu penso num familiar mesmo”.

F: “ Provavelmente. Um marido...por que...você não vai dar sua opinião porque é uma responsabilidade. Vai e diz interna. E o pai morre...”

Dar e receber

F: “ A minha mãe acha que a única que tem obrigação sou eu, que é filha de sangue mesmo sabe? “

M: “ O dia que eu recebia o pagamento eu descia, passava na padaria, pegava o pão, que a gente pagava por mês; ia à loja de Egídio, que era outra, que mamãe mandava buscar as coisas, pagava as contas. Chegava em casa sem nenhum tostão, com o maior prazer. Ajudei a mamãe tudinho.

F: Igual eu Chris

M: É, ela é muito boa pra mim, Chris.

F: Mas tem que ser né Chris?

Análise

Percebemos que mãe e filha tiveram uma boa relação ao longo da vida e que contam uma com a outra nas suas tarefas na vida. Particularmente, como filha única, vemos que não existe como delegar a tarefa de cuidado como com quem tem irmãos, é o que se recebe ter de cuidar dos pais, e tomar as decisões sem o auxílio fraterno. Em vários momentos essa situação demonstrou fazer falta à filha. A mãe, mesmo tendo criado uma sobrinha como filha, e considera-la assim, não espera ser cuidada por ela. A rede social, como aponta Sluzki, nesse caso, adquire uma importância fundamental, tanto por parte da mãe, que tem amigas com as quais pode contar quanto à filha, que possui amigas que consideram leais e que fatos já auxiliaram e auxiliam nas tarefas de cuidar da idosa. A idosa não só aceita, como também demonstra que gosta muito de ser cuidada, fato observado na entrevista gravada e depois do término da gravação, quando ela contou que a filha toda noite “faz pacotinho”, me explicando que a cobre toda na cama, o que me remeteu a uma imagem, como fazemos aos bebês recém-nascidos no berço. Necessidades emocionais da idosa que são facilmente cumpridas pela filha. A filha cuidadora nos ensinou que cuida das próprias necessidades, que trabalha muito, sai e viaja com suas amigas, sempre atentando para que sua mãe esteja em segurança na sua ausência. Isso é algo precioso, pois podemos concluir que ajuda com que estar com a mãe seja um prazer e não um fardo, já que não deixa de atender suas próprias necessidades. O clima da

entrevista além de emocionante, pelo fato do idoso já ter acumulado muitas experiências e perdas, foi marcado pela alegria, pelo reconhecimento mútuo dos laços de afeto que as unem.

10.2 Família B

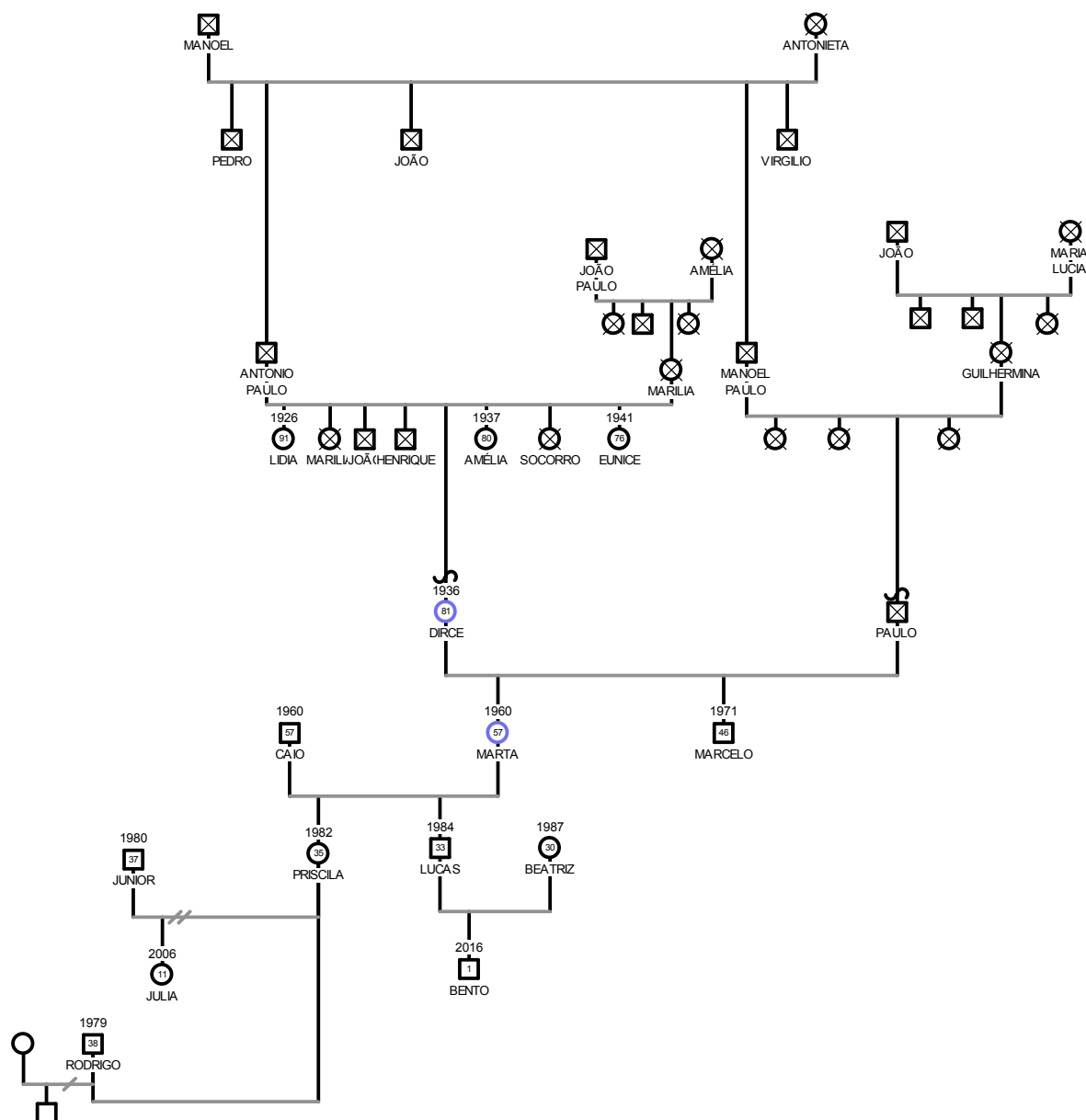


Figura 2. Genograma da Família B

Legenda: M: falas da mãe; F: falas da filha. P: falas da pesquisadora.

O cuidado do ponto de vista da intergeracionalidade

F: “Tem uma grande mudança, mas que já começou com a minha avó doente, acamada. Eu dava banho nela, trocava as fraldas. Minha mãe fazia comida e cuidava das roupas; meu pai também ajudava a fazer comida. Foi uma grande mudança”.

F: “ Logo depois cuidei da minha sogra, e depois da avó do meu marido. Aí depois meu pai”.

F: “ Mas ele lutou contra a doença até o fim, não se dava por vencido. Valentia. Ele passou isso para a gente”.

F: “ Praticamente a família inteira se envolveu”.

Envolvimento dos filhos e pais mediado pelo cuidado

F: “Mas todos nós nos dividíamos, cada um fazia uma coisa, pra cuidar dela”.

F: “Eu pedi pra minha mãe fazer, que ela era a mulher dele, mas ela falava pra eu fazer”.

M: “Eu não conseguia, escapava aquela coisa” (demonstrava raiva na fala)

F: “(...) começamos a nos revezar. O X. (irmão), uma noite cada um. Ele ajudava a rodar, a mudar de posição na cama”

F: “Quando dá, fazemos compras com o meu marido. Eu também vou com a mãe, de bengala. Uma cega ajudando a outra (risos)

F: “Com meu irmão eu não posso contar. Eu não gosto da minha cunhada nem ela de mim”.

F: “Com a minha filha, posso contar mais do que com meu filho”.

O que seria necessário para a família conseguir um cuidado satisfatório

M: “Que eles nos ajudem! O meu problema? Quer ir ao banco? No supermercado? Ninguém vem! ”

F: “Com meu irmão eu não posso contar. Eu não gosto da minha cunhada nem ela de mim”.

F: “Com a minha filha, posso contar mais do que com meu filho”.

Dar e receber

F: Meu irmão tinha discutido com meus pais antes dele morrer. Estávamos no hospital e eu pedi para a Ana (amiga da família, sic) avisá-lo que o pai estava nas últimas. A mulher dele atendeu, disse que ele estava ocupado. Minutos depois meu pai morreu, dando as mãos para mim.

F: A gente tem que ter muito cuidado para falar com as pessoas. Eu aproveitei muito. Fiquei com o meu pai. Eu falei tudo o que eu tinha que falar para ele. Ele estava na UTI fechou os olhos, não respondeu nada. Daí eu falei 'pai, abra os olhos'. Ele abriu e eu falei: 'pai, eu amo você'.

F: Ninguém é santo, teve muita coisa que me magoou na minha vida com meu pai; mas ele sofreu demais.

F: (sobre a mãe) Ela tem um gênio terrível. Hoje ela fala muito mais o que pensa.

M: E ela não gosta, entendeu? Não percebe que eu tenho um bom coração e que ajudo todos?

M: Sempre comprava presentes para todos, nunca deixei de presentear toda a família.

M: Não tem ninguém pra ajudar! A (neta) quando se separou, morou quatro anos comigo! Eu doei a minha casa, que eu morava sozinha, pra ela vir morar com a minha bisneta (que tem esclerose tuberosa, requerendo muitos cuidados e tem comportamento hiperativo, sic).

M: O (neto) depois veio morar comigo, mas a mulher quis alugar uma casa, ela não presta.

M: Ela casou (a neta). Eu falei não ponho o pé no cartório e não fui. E o meu neto. Eu não fui no aniversário do meu bisneto.

F: Você vê, que tem conflito de gerações. Ela não aceita as modernidades de hoje.

M: O (neto) de vez em quando vem aqui (na casa da filha), e nem passa em casa e pergunta: 'Como vai, velha filha da puta? ' Faz cinco meses que ele não vem em casa.

M: O que esperar de mim? Além de eu limpar a casa, fazer comida? Os que podem não ajudam!

F: Será que eu vou ter apoio que a minha mãe teve, como eu dou?

M: Eu não tenho mais nada. O que eu pude ajudar eu já ajudei. E depois de mim? Quando eu bater a bota? Como vai ser a vida dela? Eu me preocupo muito com ela.

Análise

A família é consanguínea, os pais são primos irmãos. Em decorrência disso os dois filhos do casal nasceram com uma doença congênita nos olhos, que os fez perder a visão progressivamente. Os dois irmãos são ativos, estudaram, trabalham e construíram suas famílias. A mãe idosa, por problemas de saúde (diabetes e catarata) está com baixa visão, que piora progressivamente. A neta de onze anos nasceu com esclerose tuberosa, requer muitos cuidados, internações, e que além de doenças orgânicas, faz parte do quadro dessa doença o nível intelectual rebaixado e hiperatividade.

Mãe e filha sempre moraram no mesmo quintal, e se mantém próxima, tanto física como emocionalmente, embora a relação delas tenha sido permeada por várias discussões. Ficou claro que elas sabem e contam uma com a outra.

Na entrevista foi percebido que o contato que a filha teve com os idosos da família no decorrer da vida fez com que soubesse, adquirisse conhecimento dos seus antepassados, e ela demonstrou gostar muito disso. Observou-se que ela sempre ocupou o lugar de cuidadora da família, tanto de origem como nuclear e adquirida, em função do casamento. Existe a dúvida da filha se terá os cuidados dos seus filhos como ela se dedicou aos cuidados de várias pessoas da família. A mãe por sua vez, se preocupa com a filha, muito em função da cegueira, e pelo fato delas estarem nesse momento vivendo uma situação de certo desamparo emocional, que gera principalmente na idosa, o sentimento de ter dado tudo aos netos e ao filho e não receber a mesma dedicação em troca. Durante a entrevista o clima foi de emoção intensa, elas falaram muito, e a idosa principalmente, declarou que "hoje temos uma psicóloga aqui, vou falar". Existe uma carência de escuta e de cuidado, que gera raiva e desespero, por não terem, principalmente a mãe, que fora ativa e independente a vida toda, de continuar suas atividades sem ajuda. A filha devido ao fato de ter começado a perder a visão na infância, teve possibilidade de se adaptar a essa situação de maneira mais amena. Vemos um desequilíbrio do livro maior, proposto por B. Nagy (2012), na dinâmica familiar, sentido de maneira explícita pela idosa, e menos explícita pela filha, que parece ter um temperamento mais apaziguador e de evitação de conflitos. Ter a percepção de que todo o cuidado dispensado aos familiares na fase última do ciclo vital, não esteja sendo devidamente recompensado, faz com que sentimentos de raiva, solidão e desespero ocorram, pois entra-se no mérito da questão da justiça, tratado pelo referido autor, que torna a balança dos méritos e recompensas, da reciprocidade, abalados, acumulando as dívidas para as gerações seguintes.

10.3 Família C

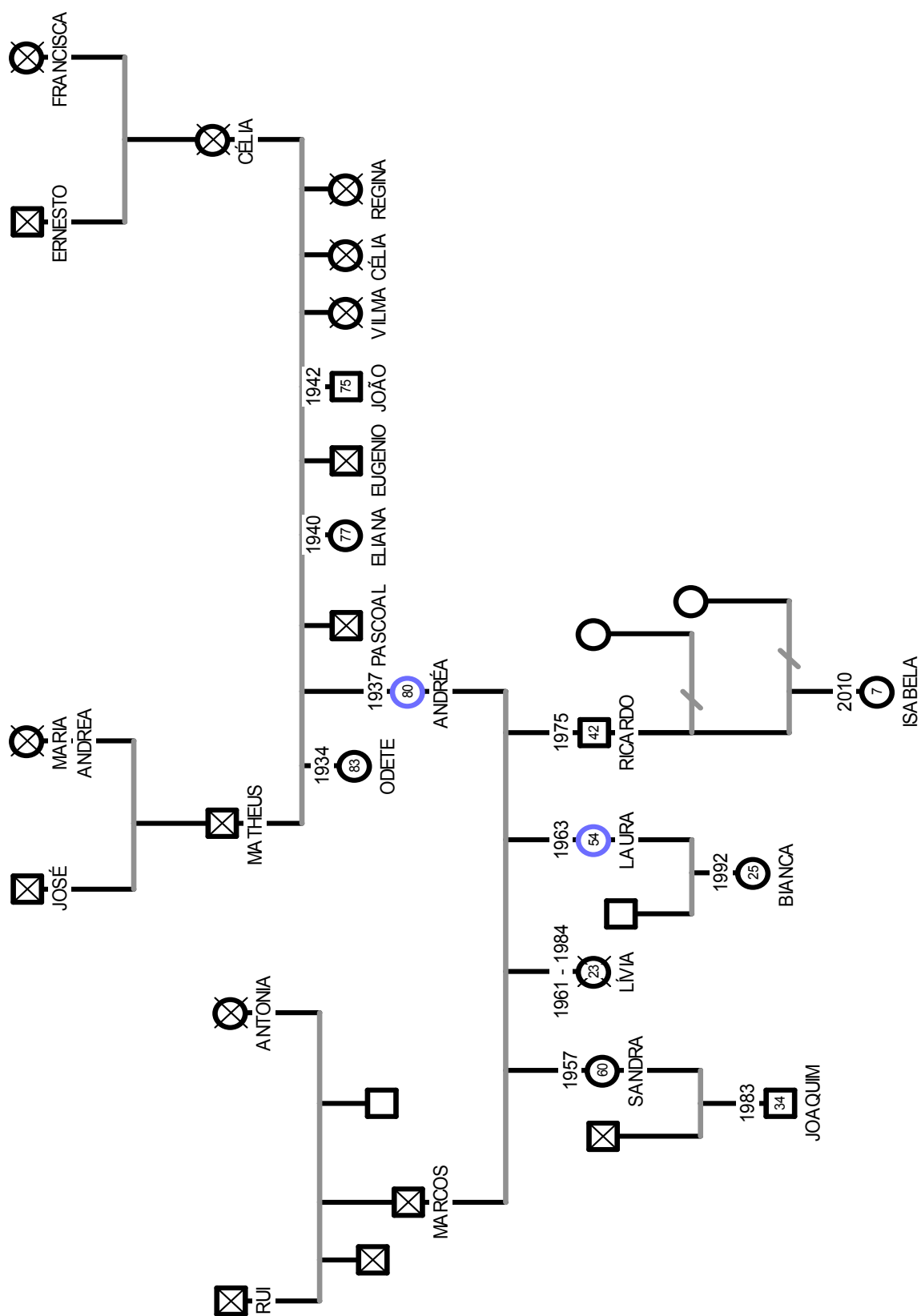


Figura 3. Genograma da Família C

Legenda: M: falas da mãe; F: falas da filha. P: falas da pesquisadora.

O cuidado do ponto de vista da intergeracionalidade

F: Que é falta de comunicação mesmo, né. Eu acho que a nossa família é super disfuncional...hã...não sei se isso tem a ver com a questão. Então é...tudo meio cobrado reclamado, reclamado cobrado, e não sai disso.

M: Ela (a filha) é grosseira mesmo, e às vezes até eu brinco com ela, que as coisas que ela é grosseira comigo, ‘ por que tu não faz assim, eu já disse que tinha que ser assim...tu sempre esquece, não organiza...e ela também faz, e eu digo ‘ viu? Tu fez a mesma coisa, é muito mais moça e tu fez a mesma coisa que eu’. Não é?

F: É

F: Eu também fico muito preocupada porque acaba sendo um peso a mais pra minha mãe.

M: Uma angústia.

M: Sou a única pessoa que pode, com quem eles contam. Se eu não existisse, não existiria esse apartamento, nem o outro. E, a sobrevivência, também sou eu...por isso que agora eu tô no zero. Isso pra mim parece que é uma falha minha, entende?

F: Não é.

M: Eu sei que não é falha minha, mas também eu não tenho ideia como vai ser quando eu morrer. Então eu não quero morrer, porque vocês vão ter muita dificuldade.

F: E tu não fica com raiva da gente? Da gente não ter nem condições de se manter?

M: Eu não sei se tenho raiva, mas devo ter sim. Devo ter raiva do X Ricardo ter tido sucesso na carreira, ser uma pessoa super inteligente, e agora, tá sem condições...é um peso de, muitas vezes quando tu era bem moça, tem coisas que ficam gravadas.

M: Eu acho que eu sou o exemplo da minha mãe. Sempre fez tudo pros filhos. Não tinha lugar para dormir, ela dormia no pior lugar, nós tínhamos a cama, o quarto.

M: Eu cuidei da minha mãe.

M: Minha vó era costureira e eu sempre tava do lado dela, olhando. E aprendi na marra, fazendo; e a minha avó olhava e dizia ‘ah tá..da outra vez faz assim...’

M: Acho que admirava muito porque ela era uma pessoa muito ativa e muito inteligente. E ela era perfeccionista, e eu também sou perfeccionista.

M: Me dei ao trabalho de contar os comprimidos que ela tinha que tomar. E eu contava quantos pra daqui quatro dias que eu ir lá, ver se elas tinham dado os medicamentos.

F: Ela (avó) ficou com a mobilidade bem comprometida.

M: É, ela não podia caminhar, tinha que ajudar.

F: Usava fralda, ela tinha um sininho que tocava quando precisava ir ao banheiro.

Envolvimento dos filhos e pais mediado pelo cuidado

F: Um pouco de mudança pra mim, um pouco, é tentar acompanhar mais ela pra ir a um médico, mas não é assim que toda vez que ela vai ao médico eu vou junto. Não. Eu me ofereço, ela diz que não precisa, mas eu digo não, mas eu vou pra te fazer companhia.

F: E...tem um pouco a coisa de não ouvir muito bem, mas acho que é uma coisa que já acontecia antes.

M: E essa coisa de envelhecer eu digo pros meus filhos, eu tô velha, e eles não...se eu não ouço, eles dizem não é nada, não é nada...eu fico com muita raiva, porque eu digo, não é nada, eu também não vou ter que repetir pra minha mãe, tudo de novo, né?

M: Pro meu filho eu quase não peço (ajuda).

M: Mais para Laura., que convive mais comigo. Eu peço, eu falo; ela se propõe a ajudar, mas também nunca tem tempo pra me ajudar. Ela também tem os problemas dela, e eu não peço a segunda vez. Eu fico chateada, me sentindo, que eu tenho que fazer sozinha.

O que seria necessário para que a família conseguir o cuidado satisfatório

F: Dinheiro. O que ajudaria, ajudaria muito o meu irmão sair da depressão que ele está. Eu ter um emprego que pelo menos me manter, mesmo que eu não pudesse ajudar a minha mãe, porque só isso já é uma ajuda. E que meu irmão também conseguisse sair da depressão, melhorasse de vida, trabalhasse, contribuir também com os gastos dele, né? .

Dar e Receber

F: E ela reclama bastante de assim, porque eu tô velha agora vocês me tratam diferente. E não sei, eu trato ela do jeito que eu sempre tratei, eu sou às vezes meio explosiva, às vezes eu sou meio grossa, e continuo sendo. E ela acha que é por causa da idade. Diz que porque eu não estou escutando...

M: Nunca, eu nunca tive férias de ficar de papo pro ar. Até hoje. Nunca fiz isso sem me preocupar com nada e dizer eu estou vivendo as minhas férias né? Então eu acho a minha vida muito difícil.

M: Eu não peço nada pra ninguém me ajudar; nunca pedi.

F: Esses dias eu precisei de fazer um exame que necessitava de acompanhante e ela não se sentiu à vontade para ir, porque ela disse que ficaria muito nervosa, ia demorar o exame, então ela pediu para que eu fosse com uma amiga.

M: E então por isso digo que agora que estou velha, e vocês não tem complacência comigo.

M: Porque na verdade eu acho...é ruim ser velha. Mas é ruim ser sozinha. E eu me sinto sozinha. Com dois filhos, que me ajudam, que eu sei que me amam, mas me sinto sozinha, talvez pelo meu temperamento de não querer pedir apoio. Eu faço, eu sempre fiz tudo sozinha.

M: E ela (filha) diz que eu não dou atenção pra ela, que só dou atenção pro outro filho...o outro filho tá deprimido, tá num período difícil, eu me preocupo muito com ele, porque eu dediquei toda a vida a ele, porque ele perdeu o pai muito cedo, sete anos, criança.

M: E existe um ciúme, que pra mim, eu acho que não devia ter ciúme nenhum, por que..eu faço tudo pela minha filha também. Ela sabe, eu saio, compro uma coisa diferente e divido com ela. Eu compro fruta a mais, dou pra ela. E ela acha que não, que eu não me lembro dela, que eu só compro coisas boas pro meu filho. (...) me incomoda muito, porque eu acho que tinha que ter compreensão, porque cada um é diferente do outro.

F: E em parte, eu e o meu irmão temos culpa nisso, porque senão ela teria o dinheiro dela. Em parte, não, totalmente. Se o dinheiro dela fosse só pra ela, ela poderia morar num lugar bom, ser feliz.

M: Eu te paguei um ano inteiro, pra fazer preparação pra educação física. E tu fez um pouquinho, e largou tudo.

M: Tu alugou um apartamento pra morar com um namorado, eu fui fiadora. Aí eu fui fiadora, seis meses depois vocês foram embora. Eu fiquei pagando até o final.

M: Tu teve tudo pra estudar e botou fora.

M: Acho que eu sempre dei apoio pros meus filhos.

M: Até pra outra filha, que é formada, teve sucesso, que botou tudo fora, muitas vezes eu ajudei ela com dinheiro. Eu nunca deixo de dar nada pra ela, nem que seja cem reais quando ela diz que está mal.

M: Mas eu não me lembro dela me ensinar realmente; mas eu ficava junto.

M: E eu fiquei desesperada, queria ir pra lá, e meu marido me fez desistir. E até hoje eu me sinto culpada, porque eu tinha mais afetividade com a minha mãe que a minha irmã.

Análise

O genograma da família foi construído junto da filha, que nem quis expor a mãe a relembra a morte de uma irmã, morta de maneira trágica num acidente aos dezenove anos.

A idosa ainda tem vida profissional, pouca, devido principalmente ao seu estado emocional, depressivo, que necessita de medicação.

Essa entrevista demonstrou que acontece dos idosos não possuem apoio seja financeiro ou emocional, em situações nas quais os filhos não conseguiram se desvincular do lugar de filhos, que desejam e precisam ser cuidados, tornando a experiência de todos dolorosa e sofrida.

A vida intergeracional dessa família é marcada por repetições de acontecimentos trágicos, pois além da filha, uma irmã da idosa também faleceu muito moça grávida de quase nove meses, e o bebê não pode ser salvo. A mãe teve um AVC logo após a morte da filha. A idosa perdeu o marido cedo, de insuficiência renal crônica, chegando a fazer transplante, que não foi bem sucedido porque naquela época não existiam os remédios necessários para evitar rejeição de órgão transplantado. A viuvez faz parte dessa história intergeracional também, pois suas duas filhas também são viúvas, assim como casos de morte precoce, de pessoas que sofriam de alcoolismo.

A idosa nessa fase última do ciclo vital, faz um balanço no qual se sente responsável pelo insucesso da sua criação dos filhos, embora julgue que fez tudo para eles, porém não recebe o cuidado desejado em troca. Vemos que receber, também é uma tarefa. Nos achamos dignos de auxílio e pedir ajuda ao longo da vida. Aceitar ajuda. Percebemos uma ambivalência entre desejar ser cuidada, não desejar, e não entender que seus filhos tenham condições de ajudá-la. Segundo Cerveny e Marques (2015) “Os pais que envelhecem, por sua

vez, desejam continuar no papel de pais, cuidando da prole, querendo manter sua identidade paterna a qualquer custo. A oferta de ajuda feita pelos filhos soa, muitas vezes, como alerta de incapacidade, de menos-valia, de insegurança” (p. 159).

Para uma pessoa que se construiu tendo como referência que tinha de dar conta de tudo sozinha, como essa idosa, ajuda vem carregada do significado de impotência, segundo nosso entendimento. Nessa família a lealdade invisível se mostra numa lealdade, ao que parece com a morte e com a dor. Os pais desses filhos - a idosa entrevistada e o marido falecido, porém tiveram uma vida profissional muito ativa e bem - sucedida. E apenas o filho obteve tal êxito, porém perdeu nesse momento essa condição, devido a depressão e alcoolismo. B. Nagy (2012) expõe que: *“nada determina de modo tão significativo a relação entre pai e filho como o grau de equanimidade da gratidão filial esperada”* (p.80, tradução nossa).

Interessante notar que a filha percebe que as dificuldades que enfrentam hoje sempre fizeram parte da história familiar deles. O problema de comunicação como ela cita. A questão econômica nesse caso, é agravante, pois todos dependem dos poucos rendimentos da idosa para viverem. E parecem que são sugados, como numa centrífuga por essas dificuldades, foi a sensação no nosso encontro. Uma filha da idosa mora em outro estado e parece ter um relacionamento bem distante da família, embora se vincule também por meio de necessidades econômicas. Os netos parecem não fazer parte da rede de apoio, pois segundo as informações colhidas durante a construção do genograma, o neto que mora em São Paulo visita a idosa muito esporadicamente e não dedica algum tipo de cuidado. A outra neta mora há anos em outro país com o marido. Somente a neta criança, filha do filho, parece ser uma fonte de prazer no convívio com seus descendentes.

10.4 Família D

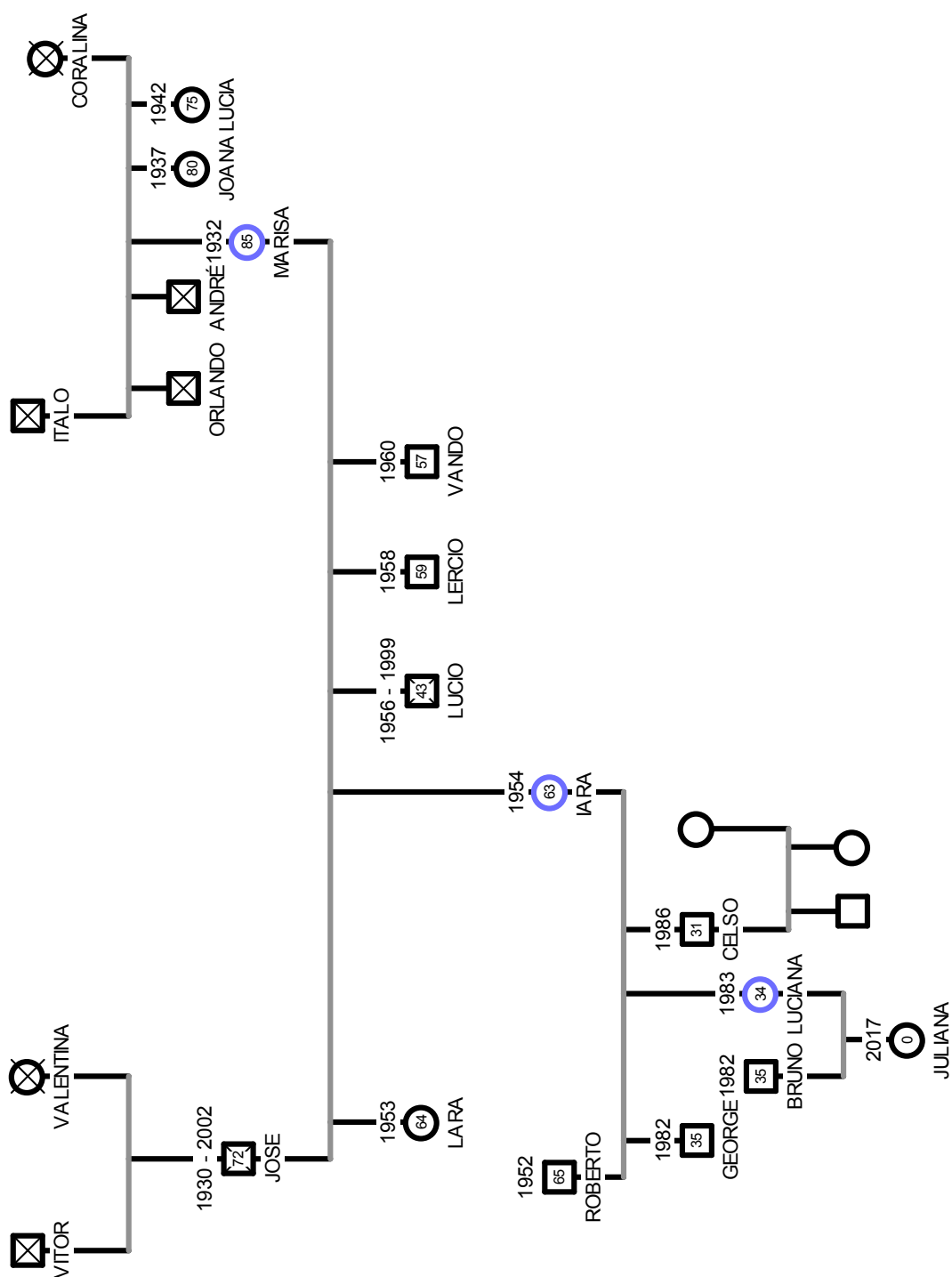


Figura 4. Genograma da Família D

Legenda: M: falas da mãe; F: falas da filha; N: Falas da neta; P: falas da pesquisadora.

O cuidado do ponto de vista da intergeracionalidade

F: Bom na verdade, como a minha mãe mora aqui do lado, bem perto...há vinte e dois anos, ela foi envelhecendo, e a gente também né? A convivência já vem de muitos anos perto.

F: Enfim aos poucos, a gente vai, como tá bem próximo, a gente vai pegando né?

N: Assumindo mesmo.

F: É, ela precisa mesmo de alguns cuidados, precisa de companhia. Não pode ficar isolada.

F: Ela (neta) também entra no esquema. De vez em quando eu e o meu marido, a gente viaja, ela fica aqui, dorme aqui. Ela ficou aqui o que? Vinte dias, porque estava reformando lá, e ficou aqui com a vó (quando a bisneta nasceu). Agora são as quatro.

F: É tudo junto e misturado. É legal assim. Se você for pensar, é interessante isso, porque pra minha mãe é muito bom ter um bebê no meio de tudo isso. Cada bebê que nasce é uma alegria, né, mãe?

M: A (neta) vem todo dia! Se não vem liga.

F: Mesmo antes do bebê ela sempre vinha, ela é muito gradada na minha mãe. Na gente né? E aí ela sempre vinha muito.

N: A (bebê) vai ajudar a regar as plantas daqui a pouco. Vai ser a primeira a pegar na mangueira e me ajudar a regar as suas plantas.

M: Minha sogra, eu cuidei da minha sogra. Da minha mãe não, ela morava longe.

Envolvimento dos filhos e pais mediado pelo cuidado

F: E pelo fato dela morar do lado, a minha mãe tem isso de bom, ela não fica isolada, ela tá muito próxima da gente né? Só na hora de dormir mesmo, ela fecha a porta e vai dormir sozinha aqui.

M: Tem a campainha, é só tocar.

F: É, foi colocada uma campainha na cabeceira dela. Vamos supor que ela sinta alguma coisa então só toca no nosso quarto, não precisa nem pegar o telefone, é só tocar.

F: A gente tem uma chave...

M: Se precisar eles entram, e eu também.

N: Tem um portãozinho também, que liga as duas casas.

F: Mas é assim, a gente acaba pegando um pouco no pé né?

F: Nós compramos um apartamento em Peruíbe, que era um sonho nosso, meu e do meu marido. Isso é assim, por um lado muito bom por outro é complicado, porque por exemplo, qual é nosso objetivo? Ficar indo pra lá; não ficar lá direto, mas deu vontade, vai. E assim, minha mãe, é complicado uma pessoa quanto mais idade a gente tem, pra pessoa sair do seu, da sua origem de conforto, do seu canto, pra você ir pra outro lugar.

M: Tem as minhas plantas...

N: Eu venho regar as plantas vó. Não venho todo dia, mas venho um dia sim, um dia não.

F: Ah sim, eles vem muito pra cá (outros netos), trazem as crianças.

M: Aliás, quase todos os domingos vem pra cá.

F: Fazem questão de ver a vó...aliás eles chegam e vem direto aqui.

O que seria necessário para que o familiar consiga o cuidado satisfatório

F: Aí, a gente pensa que se tivesse alguém de confiança, que diz que eu me comprometo a dormir, lógico, pagando, que chegasse 9h da noite e ficasse nem que fosse até 7h da manhã, seria uma opção boa.

Dar e Receber

F: Então o que a gente pensa? Da gente ir pra lá e minha mãe ir junto né? Lógico.

M: Nossa, eu tenho uns netos maravilhosos viu?

F: Esse aqui (o marido que chegou no fim da entrevista) ficou um mês no sertão de Alagoas, foi cuidar do pai. Agora quem fica adulando minha mãe é ele viu? Não eu. Ele a leva pra onde ela quer ir...

N: É filho da minha avó.

M: O amor é como se fosse.

F: A gente conhece, acho que todo mundo conhece família ficando meio distantes dos avós né? A minha nora e o meu filho fazem questão de ensinar, de vir ver a bisa, fazem questão de beijar antes de sair, e ele adora a minha mãe.

Análise

A família é bastante unida, e pareceu terem tido sempre um relacionamento harmonioso. Interessante que além de morarem em casas geminadas, terem a campainha para a idosa chamar em caso de necessidade, terem as chaves da casa uma da outra, tem um portão no quintal dos fundos que liga as duas casas. E a idosa é saudável e bastante independente. Ela se dedica à atividades físicas (tai chi e hidroginástica), tem amigas, e cuida da sua casa, nas atividades diárias. Pareceu uma pessoa muito agradável e querida por toda a família.

Entendemos que a filha e o genro nesse momento do ciclo vital, quando já criaram os filhos, são avós, se aposentaram, enfim, possuem um forte desejo de viver com mais liberdade e se dedicar á atividades prazerosas. E que ter um idoso que precisa ao menos de algum cuidado e companhia, os põe num impasse. Nesse caso, percebe-se uma atitude positiva, de acreditarem que sempre encontram solução para lidar com esses ajustes. A neta adulta, que participou da entrevista, é muito próxima da família, e assume os cuidados e atenção dedicados à avó. E num olhar intergeracional, já delegou à sua filha bebê que ela fará o mesmo, quando se refere que logo ela vai ajudar a cuidar das plantinhas da bisa. A amorosidade foi o clima desse encontro, o cuidado uns com os outros, e a consciência da filha, da importância dos valores transmitidos, quando conta dos seus netos que são educados a respeitar e principalmente conviver com a pessoa idosa. O marido cuida do pai em outro estado, a idosa ama-o como filho, fazendo com que o cuidado aos pais faça parte do tecido

que liga essa família de um modo que entendemos como natural e sem peso. Terminamos com um pensamento de Cervený e Marques (2015) que ilustra bem a percepção que temos dessa família: *“Aprendemos a cuidar dos idosos de nossa família com nossos pais e avós”* (p.158).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento dessa dissertação, tive uma atitude que sempre me caracterizou, de viver intensamente e me doar àquilo que eu considero importante. Desde a época que fui aluna ouvinte da minha orientadora, Dra. Ceneide Cerveny, mergulhei na questão da intergeracionalidade e, com isso, como deve ser com um terapeuta de família que sou, reverberou em mim toda a minha história familiar, principalmente as relacionadas aos meus antepassados e minha relação com meus pais e avós. O envelhecimento e, conseqüente adoecimento e morte estiveram como pano de fundo nessa trajetória. Nesse meio tempo, vivi a experiência de quase perder meu pai e, além do medo e dor vivido, a certeza de que nossas contas estão acertadas. E como saber que é apaziguador diante da possível partida dos que amamos, a convicção de que se viveu o melhor, de ter tido um bom pai e ter sido uma filha amorosa. Saber dos nossos afetos e poder dizê-los. Gosto da frase de Renato Russo, que diz “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã...” Nessa intensidade fiz muitas, muitas leituras, que nem constam aqui. Por vezes parei e chorei, pois é um assunto que mexe conosco, que mexe comigo – vida, envelhecimento, dependência, morte, perdas.

Vivi ao mesmo tempo, depois de ter escolhido o tema que destacava o conceito de lealdade, um divórcio desleal, no significado mais preciso. Só me dei conta que todos os assuntos e conceitos estudados, intelectualmente por mim, estavam o tempo todo bem colados às minhas experiências, há poucos meses. Então a compreensão do autor foi ficando mais clara.

Estudando valores e intergeracionalidade, entendi que a convivência com a pessoa idosa desde a infância, algo que necessita de pais que permitam e vivam esse convívio, é capaz de marcar profundamente a vida das pessoas. Sem contar que são os idosos quem detêm o conhecimento da história familiar. Sem a presença dos velhos, perdemos essa memória e, assim, parte da nossa história.

O aumento da população idosa, principalmente dos idosos mais velhos estudados aqui, no cenário de vida urbana, com os familiares tomados por diversos compromissos em ritmo frenético, buscando qualificação para o trabalho, estudos, diante da instabilidade econômica, enfim, faz com que seja necessário as famílias terem oportunidade de pensar a respeito dos seus idosos e se preparem para esse momento que há de chegar.

Gosto muito de história e, por isso, escolhi escrever sobre a formação das famílias, enfatizando a realidade brasileira, pois assim podemos avaliar o presente e pensar o futuro,

sem naturalizar comportamentos que são socialmente construídos. A existência e ciência do Estatuto do Idoso tornou de certa forma, um norteador dos velhos e das famílias; algo fundamental, mas insuficiente para dar conta dos afetos que permeiam a relação entre as famílias e os idosos. A revisão sistemática da literatura nos indicou que diversos trabalhos sobre idosos estão sendo escritos, porém muitos voltados para famílias com idosos com algum tipo de demência. Minha experiência mostrou que as famílias com idosos lúcidos, e, conseqüentemente, maior independência, também precisam ser assistidas e cuidadas. Também compreendi que a fase da vida dos filhos, quando se deparam com o envelhecimento dos pais, têm um peso importante.

Os encontros com as famílias foram todos muito especiais, pois fui em todos recebida com muito carinho, e pude ouvir histórias contadas com generosidade, honestidade e confiança, mesmo em momentos difíceis. Ressalto que estar às voltas com esse assunto, e com as entrevistas, me afetou de modo particular. Por vezes senti um peso e um cansaço que não se justificava apenas pela minha rotina também pesada. Os idosos são pessoas que carregam muitas experiências, claro que nem todas difíceis, mas percebi que a oportunidade da entrevista permitiu que falassem das partes difíceis, que as famílias estabelecessem ali comigo uma conversa que provavelmente não aconteceria não fosse o evento da pesquisa. Nas transcrições voltavam no meu corpo as mesmas sensações da entrevista, por isso uma tarefa desgastante.

As entrevistas confirmaram os estudos recentes sobre o tema, que diz que não existe uma única maneira de envelhecer. E de cuidar.

A Dra. Verônica Rapp de Eston, escreveu um capítulo nomeado “A fase do sábio”, na obra: *Os sobreviventes* (2008) quando na época estava próxima dos 90 anos, que compartilho alguns trechos agora:

A antiga sabedoria chinesa divide a vida em três fases: a fase do aprendiz, a fase do guerreiro e a fase do sábio. (...) Formei-me em Medicina numa época em que esta profissão não era considerada adequada às mulheres. (...) Fiz pós graduação no exterior. (...) Também vivi intensamente a fase de guerreiro. (...) Mas chegou o momento em que tive a sensação nítida de que tinha feito tudo que pude fazer na fase de guerreiro e não tinha por hábito ficar marcando passo. Precisava mudar de rumo. (...) Confesso que não foi fácil encontrar um novo caminho. Numa aula de ioga a professorinha costumava dizer uma frase bonita para dar “um clima” à aula e um dia disse – “ a felicidade está dentro de nós e não depende de causas externas”. A frase me atingiu como uma flecha. Tinha que procurar a felicidade dentro de mim. Foi o novo caminho que procurei trilhar. (p. 111).

Viver cada etapa da vida com as tarefas que cada uma nos impõe, certos da imensa capacidade de adaptação do ser humano e descobrir novos caminhos de bem estar, nas circunstâncias que nos encontramos.

Esse trabalho demonstrou o que já disse Cervený (2011), recebemos heranças psicológicas dos nossos antepassados e somos transmissores. Que a consciência desse fato aliado à coragem de nos olhar, possa nos permitir aparar arestas com nossos pais em vida; que a lealdade familiar seja baseado no amor e alegria pelo encontro. Pelo bem dos que foram, dos que estão aqui e dos ainda irão chegar. Que enquanto pesquisadores e terapeutas de família, possamos ajudar as famílias a encontrarem os caminhos necessários para capinar o terreno, arrancar as ervas daninhas e plantar sementes de paz e compreensão, incluindo o respeito, amor e cuidado com seus idosos.

Ainda há muito por fazer. Pretendo seguir no doutorado com o tema das famílias com idosos formando vários encontros com cada família para ampliar os conhecimentos sobre o assunto.

Por hoje, me dou por satisfeita. Aqui está o pagamento de uma dívida comigo mesma, com a moça recém formada, de 22 anos, que ao ser convidada para fazer mestrado, fez outras escolhas. Dívida paga, com alegria e satisfação.

Escolho terminar com a letra de uma música que gosto muito e que é o meu desejo para mim e todos que eu amo e atendo. Que ao final da estrada, possamos todos cantar assim:

*Gracias a la vida que me ha dado tanto.
Me dio dos luceros que, cuando los abro,
Perfecto distingo lo negro del blanco,
Y en el alto cielo su fondo estrellado
Y en las multitudes el hombre que yo amo.
Gracias a la vida que me ha dado tanto.
Me ha dado el oído que, en todo su ancho,
Graba noche y día grillos y canarios;
Martillos, turbinas, ladridos, chubascos,
Y la voz tan tierna de mi bien amado.
Gracias a la vida que me ha dado tanto.
Me ha dado el sonido y el abecedario,
Con él las palabras que pienso y declaro:*

*Madre, amigo, hermano, y luz alumbrando
La ruta del alma del que estoy amando.
Gracias a la vida que me ha dado tanto.
Me ha dado la marcha de mis pies cansados;
Con ellos anduve ciudades y charcos,
Playas y desiertos, montañas y llanos,
Y la casa tuya, tu calle y tu patio.
Gracias a la vida que me ha dado tanto.
Me dio el corazón que agita su marco
Cuando miro el fruto del cerebro humano;
Cuando miro el bueno tan lejos del malo,
Cuando miro el fondo de tus ojos claros.
Gracias a la vida que me ha dado tanto.
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto.
Así yo distingo dicha de quebranto,
Los dos materiales que forman mi canto,
Y el canto de ustedes que es el mismo canto
Y el canto de todos, que es mi propio canto.
Gracias a la vida que me ha dado tanto*

Violeta Parra – Gracias a la vida

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA MUNDIAL SOBRE O ENVELHECIMENTO, 2, 2002. Madrid. **População e Envelhecimento: Factos e Números**. Disponível em:

<<https://www.unric.org/html/portuguese/ecosoc/ageing/Idosos-Factos.pdf>> Acesso em: dez. 2015.

AZEVEDO, F. **O arroz de palma**. 16ª edição. RJ: Record, 2016.

BALTES, B; SMITH, J. Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem-sucedida do idoso jovem aos dilemas da Quarta Idade. **A Terceira Idade**. São Paulo, v.17, n.36, p.7, 14, 31, jun.2006.

BATISTA, Marina Picazzio Perez; ALMEIDA, Maria Helena Morgani de e LANCMAN, Selma. Cuidadores formais de idosos: contextualização histórica no cenário brasileiro. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** [online]. 2014, vol.17, n.4 [citado 2017-05-13], pp.879-885. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232014000400879&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 mai. 2017.

BERTHOUD, C.M.E. Visitando a fase última. In: CERVENY, C.M.O; BERTHOUD, C.M.E **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p.129.

BEZ, J.P.O.; NASCIMENTO, E.F.A. Cuidador formal de idosos: imperativos para capacitação na extensão universitária. In: LEÃO, M.A.B.G (org). **Envelhecimento & Desenvolvimento Humano: estudos e práticas na extensão universitária**. Taubaté: Editora da Universidade de Taubaté, 2016, p.199.

BORN, T. Insuficiência Familiar - a dificuldade no cuidar do idoso muito idoso. In: KITADAI, T; NETTO, P. **O desafio da longevidade**. São Paulo: Atheneu, 2015, p.158, 161.

BOSZORMENYI, N; SPARK,G.M. **Lealtades Invisibles**. Buenos Aires: Amarrortu, 2012, p.59, 67, 68, 71, 75, 76, 80, 82, 94.

BRASIL. **Estatuto do idoso e marcos normativos complementares**. Prefeitura de São Paulo. Direitos humanos e cidadania. Lei federal nº 10.741, de 01 de 1 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

BRASIL. **Manual de Enfrentamento à violência contra a pessoa idosa**. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2014.

CAMARANO, A.A.; KANSO, S. **PNAD 2009 – Primeiras Análises: Tendências Demográficas**. In: Comunicados do Ipea, n.64. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/101013_comunicadoipea64.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

CAMPOS, A.L.A. **Casamento e família no Brasil colonial – caminhos e descaminhos**. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.52, 240, 292, 316, 317, 413, 446, 453, 488, 550, 448, 550.

CANCIAN, Natalia. 2015. Registros de abandono e violência contra idosos crescem 16,4% no país. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/07/1658430-registros-de-abandono-e-violencia-contra-idosos-no-pais-crescem-164.shtml>, 21/07/2015>. Acesso em: 10 abr. 2016.

CEBÉRIO, M.R. **El cielo puede esperar - la 4ª edad: Ser anciano em el siglo XXI**. Madri: Morata, 2013, p.87, 91, 188.

CERVENY, C.M.O; MARQUES, I. A Parentalidade Invertida. In: CERVENY, C.M.O (org). **Manual de Longevidade – Guia para a Melhoria da Qualidade de Vida dos Idosos**. Curitiba: Juruá, 2015, p.158, p.159.

CERVENY,C.M.O; MACEDO,R.S; SCHALCH, M.L. Família e longevidade. In: CERVENY, C.M.O. (Org.) **Família e...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, p.77

CERVENY, C.M.O. **A Família como Modelo – Desconstruindo a Patologia**. 2.ed. São Paulo: Livro Pleno, 2011.

CERVENY, C.M.O. Família e comunicação. In: CERVENY, C.M.O. (Org.). **Família e...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. (Orgs). **Visitando a Família ao longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p.21, p.25

CERVENY, C.M.O. Lealdade familiar: um modelo transmitido? In: NATRIELLI,D.G (Org). **Séculos XX e XXI – o que permanece e o que se transforma – IX atualização em psicoterapia e psicossomática**. São Paulo: Lemos, 1996, p.111-115.

COELHO, M.R.V.P. Visitando a fase última. In: CERVENY,C.M.O; BERTHOUD, C.M.E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p.129, 134, 138, 141, 143, 146, 151, 153, 159.

CREPALDI, M.P.; MORE, C.L.O.C.; SCHULTZ, N.C.W. Genograma na pesquisa qualitativa. In: CERVENY, C.M.O. (Org.). **O livro do genograma**. 1ª edição. São Paulo: Roca, 2014.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. Case Studies. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994, p.236-247.

DICIONÁRIO PORTUGUÊS. **Dicionário do aurélio online**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: Jul. 2017.

D'INCÃO, M. A. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013, p.228.

ENGELS, F.A **Origem da Família, da Propriedade e do Estado – trabalho relacionado com as investigações de L.H. Morgan**. Tradução L. Konder. 9ª ed. RJ: Civilização Brasileira, 1984, p.70.

ESTON, V.R.A fase do sábio. In: CERVENY, C.M.O. (Org). **Sobreviventes - histórias de famílias, resiliências e reconstruções**. São Paulo: Oficina do livro, 2008.

FAGUNDEZ, I. **Senhora São Paulo**. Revista São Paulo, n.256, São Paulo: FSP, p.18-23, ago.2015.

FERRIGNO, J.C. As Relações entre Idosos e Jovens em Programas de Cultura, Lazer e Voluntariado. In: CERVENY, C.M.O. (Org.). **Manual de Longevidade – Guia para a Melhoria da Qualidade de Vida dos Idosos**. Curitiba: Juruá, 2015.

GERONTOGERIATRIA FISIOTERAPIA - UNIVALI. O idoso e a família. Disponível em: <<http://gerontounivali.wordpress.com/o-idoso-e-a-familia/>>. Acesso em: 01 Jul. 2017.

GIDDENS, A. **Mundo em Descontrole**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2002, p.61.

GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. RJ: Record, 2013, p.61.

HEDLER, H.C. et al. Representação social do cuidado e do cuidador familiar do idoso. **Rev. katálysis [online]**. 2016, vol.19, n.1 [citado 2017-05-13], p.143-153. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802016000100143&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 mai. 2017.

IACUB,R; ARIAS,C. La estilización de la vejez. In: MEDEIROS, T (coord.). **(Re)pensar as pessoas idosas no séc. XXI**. Açores: Nova Gráfica, 2016, p.79, 80.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE – **Pirâmide Etária**, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12&uf=00>>. Acesso em: nov.2015.

LEMOS, D. et al. **Velhice**. 1999. Disponível em: <www.ufrgs.br/e-psico/subjetivação/tempo/velhice-texto-html>. Acesso em: nov. 2016.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

KEHL, M.R. **Em Defesa da Família Tentacular**. 2003. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/emdefesadafamiliatentacular.pdf>>. Acesso em: fev. 2016.

KITADAI, T.; NETTO, F.; PAPALÉO, M. **A Quarta Idade – O Desafio da Longevidade**. São Paulo: Atheneu, 2015.

MCGOLDRICK, M; CARTER, B. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. São Paulo: Artmed, 1995, p.144.

MINAYO, M.C.S. **Violências Visíveis e Invisíveis contra Pessoas Idosas em Idade Avançada. In: A Quarta Idade – O Desafio da Longevidade**. São Paulo: Atheneu, 2015, p.49.

MINAYO, M.C.S. Visão antropológica do envelhecimento humano. In: **Velhices – Reflexões Contemporâneas**. São Paulo: SESC/PUC, 2006.

PAIVA, M.R. **Ainda estou aqui**. RJ: Objetiva, 2015, p.29.

PEREIRA, F.A. **Quando chega a hora de cuidar dos nossos pais: como se dá essa relação?** 2011. Monografia (Especialização em terapia familiar). Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RIBEIRO, A. et.al. **O idoso no contexto familiar**. 2013. Disponível em: <www.revista.unilins.edu.br/index.php/cognitio/article/viewFile/174/170>, p.3. Acesso em: 10 abr. 2016.

ROCHA, Gabriela. 2015. Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa. **Blog da Saúde - Ministério da Saúde**. Disponível em: <<http://www.blog.saude.gov.br/35623-dia-mundial-de-conscientizacao-da-violencia-contra-a-pessoa-idosa.html>>. Acesso em 10 abr. 2016.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC. **Normas de Funcionamento de Serviços de Atenção ao Idoso**, 2005, p.161

SILVA, M.J. et al. 2008. A violência na vida cotidiana do idoso: um olhar de quem a vivencia. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.10, n.1, p.124-136.

SILVA, M. **Quem Vai Cuidar dos Nossos Pais?** 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.14.

SLUZKI, C.E. **Rede social na pratica sistêmica – alternativas terapêuticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p.116.

TAMURA, Giuliano. 2015. **Casos de violência contra os idosos cresceram 16% em um ano**. *GI*. Disponível em: < <http://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/08/casos-de-violencia-contra-os-idosos-cresceram-16-em-um-ano.html>>. 05/08/2015. Acesso em 10 abr. 2016.

TÓTORA, S. **Velhice uma estética da existência**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2015, p.24, 27, 28, 29.

ZENI, B.S. A evolução Histórico-legal da filiação no Brasil. **Revista Direito em debate**. Ano XVII, nº31, jan-jun 2009, p. 59, 77, 80.

APÊNDICES

1 - CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

O (A) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa acadêmica intitulada “A parentalidade invertida em famílias com idosos à luz das lealdades invisíveis”, que tem como público-alvo idosos com 80 anos ou mais, e seus familiares.

Devido ao aumento da expectativa de vida da população mais idosa, as famílias se veem numa nova realidade, tornando-se necessário refletir sobre como responder à demanda de uma convivência harmoniosa e ao cuidado dedicado ao idoso, quando necessário, e, ao mesmo tempo, em responder às necessidades de cada membro familiar, do trabalho e das atividades realizadas costumeiramente. Um desafio que desejamos conhecer e compreender para que possamos auxiliar as famílias que vivem esse momento do ciclo de vida.

Essa é uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de uma entrevista com duração de cerca de 1h30 e a construção do genograma, que é uma representação gráfica da família, de 3 gerações, com informações que nos auxiliam na compreensão da história de vida familiar.

Por exigência acadêmica, a concordância na participação necessitará ser assinada pelo próprio participante, o qual declinará para a publicação de suas contribuições sobre os assuntos conversados. Do mesmo modo, a pesquisadora se obriga a resguardar o sigilo do nome do autor das opiniões emitidas. A pesquisadora a partir desse momento se compromete a enviar uma cópia digital da pesquisa publicada para a família participante após a defesa da dissertação de mestrado.

Estamos disponíveis para resolver dúvidas e esclarecimentos sobre a pesquisa por meio dos contatos: Comitê de Ética da PUC/SP.tel 3670-8466, e-mail: cometica@puccsp.br; e a pesquisadora, através do cel.: 9-6693-8743 e-mail: christinamac@uol.com.br.

Agradecemos seu interesse e participação!

Prof. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny
Psicóloga pesquisadora Christina Mello Amorim Costa

2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) senhor (A) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar de uma pesquisa acadêmica intitulada “ A parentalidade invertida em famílias com idosos à luz das lealdades invisíveis”, que tem como público-alvo idosos com 80 anos ou mais, e seus familiares, que está sendo realizada pela psicóloga mestranda Christina Mello Amorim Costa CRP 06/56447-9, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Esse estudo tem como objetivo compreender a condição da parentalidade invertida nas famílias com idosos na quarta idade. Será realizada uma entrevista com duração de cerca de 1h30 com o idoso e familiares e a construção do genograma – representação gráfica da família de 3 gerações, com informações importantes sobre a história de vida familiar.

Sua participação será absolutamente sigilosa, não constando seu nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo em publicações que possam resultar deste estudo. Considerando que a pesquisa pode apresentar um risco mínimo, caso a participação na pesquisa provoque alguma mobilização emocional que necessite de orientação profissional, você poderá comunicar ao pesquisador sobre seu desconforto, para que o mesmo possa oferecer suporte psicológico ou encaminhamento.

Sua participação não é remunerada, havendo liberdade para recusar, assim como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer prejuízo ou penalização. Após a conclusão da pesquisa, os dados obtidos farão parte da dissertação de mestrado da pesquisadora e a partir desse momento essa se compromete a enviar uma cópia digital da pesquisa publicada para a família participante após a defesa da dissertação de mestrado.

Estamos disponíveis para resolver dúvidas e esclarecimentos sobre a pesquisa por meio dos contatos: Comitê de Ética da PUC/SP tel. 3670-8466, e-mail:cometica@pucsp.br; e a pesquisadora, através do cel:9-6693-8743 e-mail christinamac@uol.com.br.

Agradecemos a sua participação, enfatizando que esta contribui para a construção de conhecimento atual na área.

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de Consentimento, eu _____, portador do RG nº _____ aceito participar e autorizo a utilização dos dados fornecidos por mim nessa pesquisa.

Assinatura: _____ Data: ___/___/___.

3 - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1) Estamos estudando um tema que se refere ao momento no qual os filhos, com o envelhecimento dos pais, passam a cuidar dos mesmos. Vocês têm percebido esse fenômeno na família de vocês?
- 2) Como é a rotina da vida de cada um vocês, o que cada um faz individualmente, e quais os cuidados e atenções vocês dedicam ao seu pai ou à sua mãe, ou a ambos?
- 3) Quais sentimentos, preocupações, sensações que esse momento traz para cada um de vocês?
- 4) Como é para o (a) senhor (a) receber esses cuidados?
- 5) O que vocês acham que poderia ajudá-los a viver essa fase de cuidados?
- 6) Contam com a ajuda de outras pessoas ou profissionais?
- 7) Como é a relação entre a família, o (a) idoso (a), cuidador, médicos ou outros profissionais?
- 8) Como era o cuidado com idosos na família de origem de vocês?

4 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Observações: para indicar os nomes dos entrevistados, pedi para que esses escolhessem os nomes fictícios que usei, como está demonstrado na construção do genograma.

Entrevista realizada com mãe (M), filha (F) e P (pesquisadora).

Família A – Transcrição da entrevista

A mãe tem 81 anos, viúva e a filha tem 51 anos, solteira

P: Antes de começar a gravar, quero dizer que qualquer coisa que não queiram ou prefiram não falar, é só avisar, fiquem bem à vontade.

F: Ahã...tá.

P: Nessa pesquisa a gente está estudando um tema bem atual que tem a ver com o envelhecimento da população em geral, e o meu trabalho é sobre o envelhecimento dos pais, que muitas vezes, a gente percebe que quando os nossos pais estão envelhecendo os filhos começam a cuidar dos pais.

M: Como essa aqui.

P: Nem, talvez nem sempre, ou começam a dedicar algum tipo de cuidado. Então eu queria saber de vocês, se vocês têm percebido se tem acontecido esse tipo de fenômeno de você vir a estar cuidando da sua mãe e como é isso para vocês.

F: Com certeza. Eu acho assim, que cada vez a dependência vai aumentando; por exemplo, antes era só ir ao supermercado mais longe; hoje é ir à padaria; gradativamente vão aumentando as responsabilidades, como eu posso dizer...cada vez eu tenho mais uma obrigação que eu não tinha antes; obrigação não, né Chris? mais uma tarefa, sim, com certeza.

M: Faz feira, que não fazia...

F: Nunca fiz feira na minha vida. Eu não sabia a diferença de um pepino de uma abobrinha, na parte externa. Daí Chris, eu faço feira, já conheço todos os feirantes, são meus amigos.

P: Hoje em dia você vai sozinha à feira ou vão juntas, passeando?

F: Não, eu vou sozinha.

P: Tá. Desde quando você foi percebendo que foi mudando?

F: Desde o meu pai. Começou com o meu pai né Chris? Começou com levar a um médico...

M: Ficou lá no hospital com ele.

F: É. Depois vem eu tendo que...

P: Ele tinha uma doença crônica? Ou era saudável que nem ela? (a mãe).

F: Super saudável.

M: Lúcido...

F: Mas aí mesmo assim, tinha uma consulta...ela levava ele né? Os dois se viravam muito bem. Aí ele foi parando de se virar e ela foi cuidando dele. E ela foi também...não dá para levar ao hospital...eu já cheguei a pedir para uma amiga minha me ajudar a levar ela com tosse e ele com tosse também, os dois. Então sozinha não dá pra cuidar dos dois. Mas precisei de ajuda, entendeu? Aí ele falece e eu cuido dela.

M: E cuida muito bem viu Chris?

P: Ah, que coisa boa...

F: É, ela diz que vai me denunciar lá pro ...pra delegacia. (risos)

M: Tá gravando isso. (risos). Eu tenho telefone da delegacia do idoso, e olha, não grava não, mas é verdade.

P: Eu posso parar de gravar viu?

F: Não, fica tranquila, é só brincadeira...

P: Aí já tem o telefone em casa, em caso de necessidade, rs. ela mostrou a agenda com vários telefones de utilidade pública e realmente o telefone de denúncia contra violência a idosos).

M: Tenho, tenho...porque qualquer coisa ela chega e fala: Eu vou brigar com você. Entra na porta e pergunta se eu fiz ginástica, já tomou remédio, já caminhou? É assim, menina, mas me enche a paciência.

P: Ela cobra bastante que a senhora se cuide?

M: Cobra, ela cobra...ih...já mediu a pressão...fica cobrando tudo.

P: E como ser cobrada desse monte de coisas para fazer?

M: Como é? Eu adoro! (Solta uma gargalhada)

F: Ela reclama, mas no fundo, no fundo, olha lá.

M: Tudo o que ela fizer para mim está bem feito. Ela é muito gente fina viu? Não é porque eu estou na sua presença, não... (se emociona)

F: Não vai chorar.

M: *É, ela é muito boa pra mim, Chris*

F: *Mas tem que ser né Chris?*

M: *Sábado eu fui numa festa, num aniversário, e até sombra ela pôs em mim. Ela penteou meu cabelo, fez escova.*

F: *Foi aniversário da minha madrinha, de 80 anos. Porque é assim Chris, a minha mãe tem umas irmãs muito avançadas. A Tia L. vive fora, em Nova York. Faz espanhol e resolve fazer um intercâmbio...e fala: vou viver 4 meses na Espanha. E, a minha madrinha segue a mesma linha. Minha mãe já não. A minha mãe é mais...*

M: *Caseira.*

F: *Ela foi criada para criar os irmãos né? Assim que meu vô morre, ela já fica com a função de dona de casa*

M: *de responsabilidade né?*

F: *E as minhas tias por outro lado, vão para o mundo estudar, fazem faculdade, e você vê a diferença. Aí ela fica mais dentro de casa.*

P: *Então me conta essa rotina, que vocês já começaram a contar, me conta como é a rotina da vida de vocês? O que vocês fazem sozinhas, e o que vocês fazem juntas, ou o que você (filha) faz por ela?*

F: *Eu trabalho demais né Chris? Eu tenho 3 empregos. Eu dou aula aqui ainda. Eu dou aula no Estado, dou aula aqui, e vou pra Prefeitura. Então o meu trabalho de casa é nenhum. Eu saio 6h30 da manhã e volto 21h da noite. Mas ela faz tudo. Faz almoço, faz as coisas do dia a dia. A gente tem uma faxineira.*

M: *Graças a Deus.*

F: *Esse é o nosso individual. Aí ela tem amigas. Ela tem uma amiga que liga todo dia, no mesmo horário, para ela tomar o remédio.*

M: *Pra eu não esquecer (risos)*

F: *Hoje ela foi pra Santo Amaro fazer compras com as amiguinhas.*

M: *do Natal. E juntas né, quando dá tempo, por causa do cansaço...Vamos no supermercado, vamos ao médico quando eu tenho o horário disponível.*

F: *Essa amiga que liga todo dia também é idosa?*

M: *Não, ela tem 56. Ela é jovem. Ela tá também debilitada com a perna, fez uma operação. Ela é uma pessoa bem prestativa, quando ia no supermercado falava: Ah...quer ir ao supermercado?*

F: Ela tem uma vida mais social que a minha. Ela tem, tem, porque eu só trabalho. Ela tem as amigas...e juntas, quando a gente pode né?

M: Ela vai ao mercado comigo...

F: É, eu a levo para algumas coisas como o mercado, quando estou disponível, um médico...e aí a gente foi no aniversário da minha madrinha.

M: Passamos a tarde toda lá.

F: Foi. Chris, é isso.

P: Que sentimentos, que preocupações, que sensações estão mais presentes para cada uma de vocês nesse momento?

F: Eu fico muito preocupada com ela né? Quando eu estou fora. De ela cair, de ela andar, de ficar sozinha né Chris? Eu fico muito fora de casa.

M: Ela só viaja se tiver alguém para ficar comigo; tem uma moça que dorme aqui comigo. Se a moça falar que dorme aqui ela vai.

F: Aí eu viajo. Mas eu faço questão de ter esse momento pra mim, porque senão, acho que ficar só trabalhando, só cuidando dela.... Aí eu arrumo uma pessoa para dormir com ela. E durante o dia, fica esse monte de amigas, amigas minhas. E aí fica aquele esquema: vai ficar sozinha. Fiquei 10 dias e daqui a pouco, estou na casa da minha amiga e liga. Era uma amiga minha e diz olha onde eu estou? E ela estava aqui com a minha mãe. É, eu fico preocupada dela ficar sozinha, por isso trabalho pertinho...

M: Eu tenho até medo de ligar pra ela, e ela ficar preocupada. Pode pensar que aconteceu alguma coisa né? Eu nem ligo pra ela...

P: Você não tem irmãos né? Mas você imagina que seria diferente, se tivesse?

F: Eu adoraria. Eu não imagino como seria, mas, gostaria neste momento de ter, para dividir né Chris? Porque a gente acha meio, é muito, é difícil né? Estar sozinha. É uma...

M: Eu tenho uma filha de criação né?

F: É?

F: É, é prima da minha mãe, ela é sobrinha do...

M: É eu que criei.

P: Quem é ela?

F: A S.

P: Ela é mais nova ou mais velha?

F: Mais nova.

M: Tem dois filhos.

P: Ela tem quantos anos?

F: Ela tem...umas 42 mães?

M: É, é...

P: Ela viveu com vocês?

F: Viveu, até ela ...

M: Com 3 anos ela veio pra minha companhia. E foi depois que casou. Ela é prima ...o pai dela era meu tio.

F: da mãe dela.

M: irmão de minha mãe. A mãe morreu aí ela veio morar aqui.

P: E veio lá do Nordeste?

F: Não, ela é daqui de São Paulo...

P: Você a considera uma irmã?

M: Sim.

F: Sim.

M: Ela tem dois filhos, eu considero meus netos.

P: Ela é casada?

F: É, ela é casada pela segunda vez agora.

P: Os filhos dela são crianças?

M: Não, a menina tem 21 anos e o menino tem 15.

F: Eu acho que ela podia participar mais né? Ser mais próxima.

M: Mas ela trabalha né?

F: Mas eu também trabalho.

F: A minha mãe acha que a única que tem obrigação sou eu, que é filha de sangue mesmo sabe?

M: Ela sabe que eu tenho quem, me leve...mas quando ela não tava trabalhando ela me levava né?

F: Sim.

P: Quando ela chegou você tinha quantos anos?

M: A Paula. tinha 7 anos. Ah daí você tira a idade dela. Se ela tinha 7 ela tem 44 anos. (e ri).

P: Nossa a senhora é ótima!

M: ri.

F: A cabeça dela é ótima...

P: Acho que a senhora já contou um pouco, como está a receber os cuidados que a Paula te dá...

M: Demais, eu gosto demais. Eu fico de noite esperando ela e rezando, rezando...ela chega, e eu já fico feliz (chora).

F: Agora é assim Chris, chego aqui no frio, ruim dia frio, ela está sem meia, sem cachecol.

M: Ela pega no me pé, meu Deus do céu...

F: Eu acho que quando está perto da hora de eu chegar ela se arruma...

M: Mentira, não fala isso, é pecado viu? (Dão risada)

M: É mentira, Chris. É claro que eu tenho que me agasalhar, eu sei que eu preciso. Mas quando eu vou tomar banho eu falo: C. eu posso tomar banho?

F: Lavar o cabelo. Posso lavar o cabelo?

M: Ela não deixa, se está frio.

P: E aí, como é que é?

M: Aí eu não lavo. Só lavo no dia que ela diz: pode lavar, hoje está bom.

F: Quando ela lava Chris, eu seco, entendeu? Aí tem dias que eu acho que é muito frio. Porque eles tinham uma época...meu pai morreu de pneumonia. Eles tinham uma época que todo ano em julho era pneumonia. Ia ela, ele. Eu já cheguei a levar os dois pro hospital; era um sendo atendido numa porta e o outro na outra. Então tem que tomar cuidado com essas coisas.

P: Tem alguma coisa que vocês acham que ajudariam vocês a viver esse momento?

F: Dinheiro (e ri). Uma ajuda, outra pessoa pra dividir comigo. Uma a mais já seria...

P: Quando você pensa nessa ajuda imagina outro familiar ou um profissional, pago?

F: Não, eu penso num familiar mesmo. Porque toda a minha família mora em Natal. Eu conto muito com minhas amigas. Eu tenho boas amigas Chris. Minha mãe sabe. Mas tem coisas que eu não posso chegar pra uma...por exemplo. Quando meu pai tava internado...e eu precisava ir n um banco, precisava sair do hospital e fazer alguma coisa, eu tinha sempre uma amiga, que estavam prontas para ajudar. Mas eu acho que tem coisas que não são obrigação delas nem dá pra eu pedir né? Por exemplo: Uma vez eu levo meu pai numa médica e médica vê um exame de sangue e fala que ele tem uma doença venérea muito antiga e que precisava ficar internado, que era uma decisão da família, pra fazer os exames, tal. Chris: a família. Eu pergunto pra ela: O que você acha? Você que sabe. Aí eu vou perguntar pra você, minha amiga, o que você acha? C, só você que pode tomar essa decisão. Todo mundo que eu perguntava, ninguém...era só eu.

P: É na tomada de decisão que você sentia uma dificuldade, um peso de não ter com quem discutir?

F: É. E aí Chris, o que é que eu faço? Deixo meu pai internado...

P: É nessa hora que talvez um irmão pudesse ajudar?

F: Provavelmente. Um marido...por que...você não vai dar sua opinião porque é uma responsabilidade. Vai e diz interna, e o pai morre.

M: Quando foi pra fazer a hemodiálise né?

F: Aí vem uma coisa interessante. Eu levo ele pro médico, levo, com uma malinha, até peço pra uma amiga ir junto. E aí quando a médica, essa médica que pede para internar, diz o seguinte: você chega lá embaixo, manda me chamar que eu entro e interno o seu pai. Ninguém achou essa mulher Chris, ninguém achou essa médica. Aí atende uma outra médica e a médica era uma bambambam, lá do servidor e ela vira e diz: Seu pai não precisa ficar internado. Ele tem 92 anos. Isso deve ser alguma coisa, alguma doença que ele teve há 80 anos...então quer um conselho? Leva teu pai pra casa. Então essa mulher ajudou. E não foi coincidência ... a outra médica ninguém achou...e a outra disse: Leva seu pai pra casa, ela tá ótimo. E eu levei meu pai pra casa. Entendeu? Essa decisão aí ninguém me ajudou e eu acho que é uma responsabilidade grande né? Ela também disse (a mãe): não, não, você que decide... (riu)

M: É, eu não decido mais nada. Tudo o que ela fizer aqui é bem feito, pronto. Aí quando meu velho tava lá (começa a chorar).

F: Mãe...

M: Posso filha, é meu...

F: Mas então pra que você vai lembrar isso?

M: Eu queria ficar lá, e o médico não deixou porque disse que eu estava com a saúde debilitada.

P: E a senhora estava com algum problema mesmo?

M: Eu tava tossindo né Paula.?

F: É, ela estava doente também, com tosse. Era uma época de frio.

M: É, aí a C. veio me trazer e voltou lá pro servidor. Longe, coitadinha. Tenho a maior dó, mas é o jeito.

F: São coisas que a gente tem que passar né?

P: A senhora foi casada por quanto tempo?

M: 50 anos. Graças a Deus. 50 anos de felicidade. Nunca nós discutimos.

F: Agora ela e eu brigamos viu Chris?

M: Mentira! (Risos). Graças a Deus. É só a brincadeira, da delegacia do idoso (risos). Eu sempre fui assim, organizada (me mostrando a agenda, desde solteira.

F: Eu não sou assim Chris.

M: No Norte, quando nós morávamos lá, meus irmãos eram tudo pequeno. Quando era domingo eu ia pra missa com todos eles. E quando era de manhã eu pegava todos, do mais velho ao mais novo, pegava a roupa de todos eles e botava juntinho.

P: Quem que cuidou? A senhora ajudou a cuidar de todos seus irmãos?

M: Depois que meu pai morreu...

F: Ela era a mais velha né? Elas eram na verdade muito novas. A mãe dela era nova, ela começa a ter filhos muito cedo, com 15 anos. Era duas moças cuidando. Esse irmão dela era um bebê.

M: Meu pai morre...minhas irmãs foram estudar num colégio de freiras. E eu tomava conta dos outros.

F: Daí elas foram para Natal.

M: Eu trabalhava na Prefeitura. O dia que eu recebia o pagamento eu descia, passava na padaria pagava o pão, que a gente pagava por mês; ia na loja de Egídio, que era outra, que mamãe mandava buscar as coisas, pagava as contas. Chegava em casa sem nenhum tostão, com o maior prazer. Ajudei a mamãe tudinho.

F: Igual eu Chris.

P: Quem cuidou do seu pai? Ele sofreu um acidente né?

M: Não, ele morreu no acidente mesmo, e eu trouxe ele pra casa. Eu peguei ele né, pus ele no colo, e ele disse: minha filha...todo machucado, porque o ônibus passou por cima dele. Levaram a gente pra um hospital lá, queriam por meu pai no necrotério. Briguei com o médico. Aí uma senhora disse: vem cá minha filha, vamos lá em casa porque você está toda cheia de sangue. Meu irmão que foi comigo, esse que já morreu também, o Toninho, foi, e ficou com ele. Falei: não deixa tirarem ele daqui não...e mandei recado pra minha mãe, tudo, tudo. Aí, quando eu cheguei em casa, aí eu apaguei. Arranjaram um taxi. Eu chorei tudo em Chapecó, porque morreram 8 pessoas no acidente, e as pessoas tudo paravam para ver os corpos. Era uma cidade pequena. Mamãe tinha quebrado um braço um dia antes. E tava esperando eu chegar pra tomar conta das crianças, dos meninos, e ela ia pra Natal pra engessar.

P: A senhora teve que amadurecer bem rápido na vida né?

F: Mas é. A mãe dela na mesma idade era casada né?

M: (ri).

F: E eu ainda moro com a minha mãe Chris

M: E vai morar sempre. Eu dou graças a Deus que ela não casou

F: Olha, tá vendo?

P: A senhora cuidou da Paula, da Sandra., do seu pai, da sua mãe, dos irmãos?

M: Eu não cuidava da minha mãe não, quem cuidou foram minhas irmãs. E eu estava casada e já morava aqui (SP). A hora que casei eu vim pra cá e as minhas irmãs. Eu cuidei dos meus irmãos. Tem uns que tinha até medo de mim.

F: Porque ela batia neles Chris

M: É, tinha que ser né? Tudo menino, tudo criança...mas dei conta.

P: Você conheceu, teve contato com essa família, apesar de morarem longe?

F: Conheci bem Chris. Sempre falo com eles. Essa tia moderninha, tem WhatsApp. Tem filhas dessas pessoas que são bem amigas. Sempre que eu vou pra Natal eu fico na casa da Tia Lucia, e sempre vejo todos.

P: A senhora também vai pra lá?

M: Vou...

F: Ela foi a última vez faz uns 4 anos.

M: Não, depois que o L morreu eu fui.

F: Nós fomos pra Natal tinha uns 6 meses que meu pai tinha morrido. Assim, ela encontrou minha madrinha, que é bem moderna

M: Me levou pra Fortaleza.

F: Aí ela chega e encontra minha mãe ...ela quis levar o luto né, quis continuar o luto, toda triste, e minha madrinha diz: pode parar! Vamos viver a vida, vai pra Fortaleza comigo. Toca eu comprar passagem lá em Natal pras duas. Foram pra Fortaleza e aí Chris...quando voltou de Fortaleza pergunta: Aí foi maravilhoso, nós fomos pra praia...e ela melhora, minha madrinha já dá uma sacudida nela. Minha madrinha é viúva há muitos anos, e trabalha, vai ver o filho que mora na Alemanha, costura pros vizinhos dele, pega o dinheiro e volta a viajar.

M: Eu ainda vou viver muito, ainda vou dar muito trabalho.

Parte não gravada:

Após a entrevista, a mãe contou que sua filha “faz pacotinho”, explicando que a coloca para dormir, embrulhando-a no cobertor todas as noites na hora de dormir, com expressão alegre como de uma criança.

Família B – Transcrição da Entrevista:

Contexto da situação de entrevista: Mãe e filha moram no mesmo quintal. A mãe sozinha, e a filha com o marido. Foi realizada na residência da filha, na sala de estar. Iniciamos com a construção do genograma, sendo a maioria das informações fornecidas pela filha, que sabe em detalhes da história da família devido a relação próxima que teve com a avó, que lhe contava muitas histórias. Ela se emocionou em vários momentos, demonstrando prazer em relembrar tais histórias.

P: Estamos estudando as relações entre os pais e filhos, quando os pais se tornam idosos. Percebemos que algumas vezes os filhos passam a cuidar dos pais. Vocês percebem se isso está acontecendo na família de vocês?

F: Tem uma grande mudança, mas que já começou já com a minha avó doente, acamada. Eu dava banho nela, trocava as fraldas. Minha mãe fazia comida e cuidava das roupas; meu pai também ajudava a fazer comida. Foi uma grande mudança; mas todos nós nos dividimos, cada um fazia uma coisa, pra cuidar dela. Logo depois, eu cuidei da minha sogra, e depois da avó do meu marido. Aí depois meu pai. O baque foi maior. Meu irmão não queria contar pra ele que ele estava com câncer. Ele entrava no setor de oncologia e nunca se ligou que era câncer. Ele era uma pessoa muito trabalhadora, lutou muito com a minha mãe na vida. E de repente, ficou doente. Ficava com feridas, e eu cuidava. Mas ele lutou contra a doença até o fim, não se dava por vencido. Valentia. Ele passou isso pra gente. A parte mais difícil, foi quando eu tive que dar banho nele (começou a chorar muito). Sabe, eu fui ensinada que o corpo é muito seu. Nunca teve essa coisa de eu andar de calcinha e sutiã pela casa, tanto meu pai quanto minha mãe. E de repente me vi tendo que trocar meu pai. Eu não via, mas sentia, era mais difícil pra mim. Ele teve uma infecção urinária, e tinha que colocar o urupê (me explicou que é uma espécie de sonda, no pênis). Eu pedi pra minha mãe fazer, que ela era a mulher dele, mas ela falava pra eu fazer.

M: Eu não conseguia, escapava aquela coisa... (demonstrava raiva na fala).

F: A D. C., veio aqui por 3 meses, e me ensinou a colocar o urupê e cuidar das feridas (escaras). Ele tinha 3, mas eu sarei todas. Quando ele morreu só tinha uma, que estava quase boa. Eu cega e minha mãe falou: “Eu não vou fazer”.

M: Eu não conseguia.

F: Ela suava frio. Foi o momento mais difícil da minha vida, de coração. Invadir a intimidade de uma pessoa. Meu pai fechava o olho.

P: Por quanto tempo fez isso?

F: 20 dias. Fora o tempo das fraldas. Minha mãe operou a vista nessa época. Começamos a revezar. O Maurício (irmão), uma noite cada um. Ele ajudava a rodar, a mudar de posição na cama. Praticamente a família inteira se envolveu. Meu filho não queria que eu fizesse força. Consegui uma cadeira de banho, uma cadeira de rodas. No final, ele falava: “Chama o XI” (neto, solteiro na época). A minha filha era casada, não dava para fazer muito. No hospital, quem acompanhou foi eu, o Seu Américo e a Luci (amigos da família, que a ajudavam também a ir até o hospital, devido a falta de visão). O meu marido estava desempregado. Meu avô também ficou muito doente; ele morreu um mês antes da minha filha nascer. Ele morreu dia 05 de julho, e ela nasceu dia 5 de agosto. Meu irmão tinha discutido com meu pai antes dele morrer. Estávamos no hospital, e eu pedi pra Mari avisar pro meu irmão que o pai estava nas últimas. A mulher dele que atendeu, disse que ele estava ocupado, fazendo massagem (ele é massagista). Minutos depois meu pai morreu, dando as mãos para mim. A gente tem que ter muito cuidado para falar com as pessoas. Eu aproveitei muito. Fiquei com o meu pai. Eu falei tudo o que eu tinha que falar para ele. Ele estava na UTI fechou os olhos, não respondeu nada. Daí eu falei: “Pai, abra os olhos”. Ele abriu, e eu falei: “Pai, eu amo você”. (Chorou nesse momento, a mãe também se emociona). Ninguém é santo, teve muita coisa que me magoou na minha vida com meu pai; mas meu pai sofreu demais. Agora, a minha mãe, sempre foi independente. Você vê, ela veio para cá (Brasil) atrás do grande amor da vida dela, que era meu pai. Nunca deixou meu pai. Lutou muito, pra ter a sua casa. Lembro da minha mãe bordando até meia noite, para ajudar. Tem um gênio terrível. Hoje, ela fala muito mais o que pensa.

M: E ela não gosta, entendeu? Mas hoje tem uma psicóloga aqui, e vamos falar. Né? Não percebe que eu tenho um bom coração e que ajudo todos?

F: Ela sempre teve o domínio de tudo. Só que agora, com a morte do meu pai...ela continuava a administrar tudo. Ela sempre administrava o dinheiro. Foi 9 vezes para Portugal sozinha.

M: *Eu fazia tudo, trocava dinheiro, via as passagens, tudo. Só que agora tenho que viver num aperto, com um salário mínimo. Sempre comprava presentes para todos, nunca deixei de presentear toda a família. Agora com essa vista de bosta...estou amargando com isso.*

F: *Chris, ela não tem mais meu pai, pra levar ela pra lá e pra cá.*

M: *Eu tenho domínio das minhas coisas”.*

F: *Chris, com a minha cegueira, eu sempre trabalhei na escola, eu fazia tudo sozinha. Ela tem que se adaptar.*

P: *Me expliquem melhor o problema de visão da família de vocês?*

F: *Eu enxerguei bem até os 8 anos. Meu irmão até os 5. É por causa da igualdade de sangue. Eles são primos diretos. Minha mãe tem diabetes, pressão alta, e o problema de visão, que veio da diabetes. Ela tem dificuldade para se adaptar.*

M: *Eu também tenho catarata. Eu tinha que operar, mas por causa do meu problema, o médico disse que podia dar certo ou não. Ah...eu não vou fazer nada! E esse SUS de merda...eu faço comida, limpo a casa, faço tudo. Mas tá me faltando a visão para fazer crochê. Eu um dia desses fiz e desmanchei um monte de vezes.*

F: *Hoje ela tem que aprender a delegar algumas coisas, e não é brincadeira.*

M: *Não tem ninguém pra ajudar! A (neta) quando se separou, morou 4 anos comigo! Eu doei a minha casa, que eu morava sozinha, pra ela vir morar com a minha bisneta (que tem esclerose tuberosa, requerendo muitos cuidados, e tem comportamento hiperativo). O (neto) depois veio morar comigo, mas a mulher quis alugar uma casa. Ela não presta. Ela tinha todo o conforto, pra que alugar uma casa? Agora paga aluguel de um cômodo. E ela tem o focinho levantado.*

F: *Cada um tem um jeito de ser. Eu achei que a minha filha não deveria se precipitar..., mas se casou (pela segunda vez).*

P: *O que aconteceu, que parece que causou um mal-estar?*

F: *Ela avisou um dia que no dia seguinte ia se casar, que se quiséssemos ir, que fossemos. Eles namoravam, ele tem um filho, é vendedor, e com essa crise, não está vendendo nada. A Patrícia de novo está pagando aluguel da casa que está no nome dela, sustentando tudo. Mas...sabe, o problema é dela, penso assim se ela quer viver assim, esse é um problema dela.*

M: *Ela casou. Eu falei não ponho o pé no cartório e não fui. E o meu neto. Eu não fui no aniversário do meu bisneto.*

F: *Você vê. Que tem conflito de gerações. Ela não aceita a modernidade de hoje.*

M: O meu neto de vez em quando vem aqui (na casa da filha), e nem passa em casa, e pergunta: “ Como vai, velha filha da puta? ” Faz 5 meses que ele não vem em casa. Enquanto ela (esposa do neto) não tirou ele daqui ela não descansou.

P: O que vocês fazem juntas, na rotina, e separadas?

F: Quando dá, fazemos compras com o meu marido. Eu também vou com a mãe, de bengala. Uma cega ajudando a outra (risos).

M: Eu sem enxergar...não veio o IPTU esse mês. Veio conta. Meu genro pagou duas vezes a conta de água. Está zerada.

F: Eu também já estou entrando na velhice...

M: Ela fica calada. E não responde. Ela tem o dinheiro dela.

P: (para a filha) vocês estão falando do seu marido?

F: Eu não penso assim. Tem coisas que a gente tem que levar com paciência. O silêncio é o melhor. Tem coisas que me magoam.

M: O que esperar de mim? Além de eu limpar a casa, fazer comida...? Os que podem não ajudam! Não preciso dar nomes! (Muito brava)

F: É , ela está falando também do meu marido.

M: Hoje eu tenho que ir até a Drogaria SP (é longe pra ir caminhando com dificuldades de visão). Você não sabe a dificuldade que estou tendo!!! Agora o salão está desalugado.

F: A minha mãe na rua voa; somos duas cegas mas vamos embora.

P: O que vocês acham que poderia ajudar nesse momento?

M: Que eles nos ajudem! O meu problema? Quer ir ao banco? No supermercado? Ninguém vem!

F: Eu fico entre a cruz e a caldeirinha. Eu joga água. Hoje eu teria que ter coragem para dizer chega. O (marido) é um eterno pessimista. E me diz: “ Você vê a vida cor de rosa”. Tem coisas que me magoam muito. Eu limpo a casa sabe, mas tem coisas que eu não consigo ver, e alguém precisa me mostrar. Se tiver uma teia de aranha de aranha aqui, eu te peço desculpas; mas não tem como eu limpar se alguém não me mostrar. E ele reclama, apontando uma sujeira. Meu marido ficou impotente devido a diabetes há 3 anos. Mas tem coisas que a gente quer que não é só sexo. Dá vontade de um abraço, de um carinho. Mas eu não recebo.

M: Você não responde! Tu escutas e não dá um chega pra lá.

F: Deus vai me dar o momento certo. Ele é inteligente, Só que na parte administrativa, não sabe executar. Qualquer desafio ele senta e chora.

M: Tu sabes mais do que ele. Foi assim desde o começo. Já falei que ela tem que abrir os olhos. Não é nem brigar, é conversar.

F: Na casa da minha mãe era muitas brigas, 37 anos. Sempre procuro o momento certo entende? Era maneira de...

M: e continua assim até agora.

F: Quando eu ainda admiro e respeito (falando do marido). Quando a doação é maior, aí é duro. Eu estou assim. Coisas que eu não via antes. No momento com o marido, com a vida. Não esperar dos outros nada. Toda a minha vida foi trabalhar para cuidar dos filhos, pagar contas...hoje...péra lá...preciso de coragem para tomar decisões. Só que é na minha hora.

P: Falta ajuda?

F: Com meu irmão eu não posso contar. Eu não gosto da minha cunhada nem ela de mim. Desde que numa briga, eu entrei para defender a minha mãe. Com a minha filha, posso contar mais do que com meu filho. Dia desses ela me deu R\$ 50,00. Quando tem ela me dá. Meu filho não. Ela chamou uma moça para limpar a minha cozinha. Eu não preciso limpar a minha cozinha com ajuda. Só preciso que alguém me diga “ Olha, aqui está sujo”, que eu vou e limpo.

P: Você se incomodou dela chamar uma pessoa para limpar sua cozinha?

F: É, me senti incapaz, sabe. Eu não preciso de ninguém para limpar a minha casa, nunca precisei.

P: Quais sentimentos estão mais presentes nesse momento na vida de vocês?

F? Medo.

P: do que?

F: Será que eu vou ter apoio que a minha mãe teve como eu dou?

D: Eu não tenho mais nada. O que eu pude ajudar eu já ajudei. E depois de mim? Quando eu bater a bota? Como vai ser a vida dela? Eu me preocupo muito com ela.

F: Estou me sentindo uma estrangeira. Fomos na festa de aniversário (numa casa que elas não dominam o ambiente) e eu e minha mãe estávamos na cozinha. Eu tinha pedido pra minha filha, se você for lá pra fora, me leva? Teve uma hora que eu e minha mãe ficamos sós. Todo mundo no quintal.

M: Velha e cega.

F: Quando meu marido chegou pedi p me ajudar a sentar. E ele sumiu. A minha norinha, passou e nem fez nada. E eu fiquei ali, calada. Ah , me desculpa, eu falei demais. Falei mais coisas que acho que não tem nada a ver, daí você me desculpa, mas foi tão bom conversar.

Família C – Transcrição da Entrevista

P: Obrigada por participarem dessa entrevista, que tem como objetivo estudar o envelhecimento, quando os pais envelhecem e como ficam as famílias, e o relacionamento pais e filhos, nesse momento. Vamos conversando livremente, e caso vocês não queiram falar alguma coisa, só avisar, não precisam responder.

M: E tú também me avisa se eu estiver saindo muito do tema.

P: Vocês têm percebido alguma diferença com o envelhecimento da Amélia na relação familiar, algo diferente, se muda alguma coisa nesse momento de vida, para cada uma de vocês.

M: Quem que tu quer que fale primeiro?

P: Tanto faz, fiquem à vontade.

F: Eu sinto pouca diferença em relação à idade dela, eu sinto que ela que a mudança tá sendo grande, mas eu não sinto como ela sente. Acho que a dinâmica familiar continua a mesma, mas acho que um pouco de mudança que eu sinto pra mim um pouco, é tentar acompanhar mais ela pra ir a um médico, mas não é assim toda vez que ela vai ao médico eu vou junto. Não. Eu me ofereço, ela diz não precisa, mas eu digo não, mas eu vou pra te fazer companhia...isso aconteceu uma vez. (As duas riem). Outra vez ela precisava de um acompanhante. Esses dias eu precisei fazer um exame que necessitava de um acompanhante, e ela não se sentiu à vontade pra ir. Porque ela disse que ficaria muito nervosa, ia demorar o exame e ela ficaria nervosa, então ela pediu que fosse uma amiga minha. E...tem um pouco a coisa de não ouvir muito bem, mas acho que é uma coisa que já acontecia antes. Que não é a falta de audição. É a falta de comunicação mesmo, né. Eu acho que a nossa família é uma família super disfuncional...hã...não sei se isso tem a ver com a questão. Então é(...) tudo meio cobrado reclamado, cobrado reclamado, e não sai disso.

P: Tá. De uma comunicação difícil que já acontecia antes.

F: Isso, de uma dificuldade de comunicação que já acontecia antes, e que ela tá dando muito valor à idade, assim. Ah eu tô ficando surda...e eu não acredito que seja muito a surdez; acho mais a falta de compreensão que já existia antes. E, ela reclama bastante de assim, porque eu tô velha agora vocês me tratam diferente. E não sei, eu trato ela do jeito que eu sempre tratei, eu sou às vezes meio explosiva, às vezes eu sou maio grossa, e, continuo sendo. E ela acha que é por causa da idade. Diz que porque eu não estou escutando...

M: Eu quero falar em relação ao que ela falou.

P: Sim, pode falar à vontade.

M: É...na verdade de um tempo pra cá eu senti que eu envelheci muito rápido. Eu sentia muito orgulho de ser ativa, de ir pra lá e pra cá, firme...sabe, eu me sinto uma velhinha ativa, e, de uns tempos pra cá eu senti que eu envelheci muito. Eu enfraqueci muito. E é difícil a gente se dar conta de estar perdendo a força, está perdendo a capacidade. Eu sou uma mulher que sempre trabalhei, toda a minha vida, desde quatorze anos; tive muitos sucessos no meu trabalho, mas eu nunca tive um mês de férias (ri), eu nunca tive férias vividas, eu tive férias através do trabalho. Trabalhando, então eu tinha algumas distrações, hotéis...

P: Mas nunca parou.

M: Nunca, eu nunca tive férias de ficar de papo pro ar. Até hoje. Nunca fiz isso sem me preocupar com nada e dizer eu estou vivendo as minhas férias né? Então eu acho a minha vida muito difícil; eu sempre trabalhei, trabalhei...ou trabalhar em casa, ou trabalhar na minha profissão, e (...) eu sou uma pessoa meio independente. Orgulhosa talvez. Eu não peço nada pra ninguém pra me ajudar; nunca pedi. Eu acho, eu sou movida a desafios. Por exemplo, eu quero fazer essa blusa de tricô. Eu faço cheia, trabalhada, tá, eu consegui fazer esse ponto difícil. Eu não faço mais. É sempre um desafio, que eu me cobro, que eu me coloco. Eu quero saber se eu tenho capacidade. Sei lá o que é na minha cabeça. E, agora, eu não tenho vontade de um desafio; eu não quero mais nada. Eu não tenho vontade de fazer tricô, de fazer vestidinho pra minha neta que eu sempre fiz, cheio de detalhes, cheio de trabalho, e eu não tenho mais vontade. Eu olho pra um monte de tecido de eu comprei e digo, eu não tenho coragem, eu não tenho vontade. E essa coisa de envelhecer eu digo pros meus filhos, eu tô velha, eu não ouço, e talvez eu tenha sido sempre assim. Mas eles agora também estão mais velhos, e eles não ...se eu não ouço, eles dizem, não é nada, não é nada...eu fico com muita raiva, porque eu digo, não é nada, eu também não vou ter que repetir pra minha mãe, tudo de novo, né? E, então por isso que eu digo agora que estou velha, e vocês não tem complacência comigo. Porque na verdade eu acho...é ruim ser velha. Mas é ruim ser sozinha. E eu me sinto sozinha. Com dois filhos, que me ajudam, que eu sei que me amam, mas eu me sinto sozinha (chorando), talvez pelo meu temperamento de não querer pedir apoio. Eu faço, eu sempre fiz tudo sozinha. E eu continuo assim; eu ainda acho que eu posso, eu vou fazer sozinha. Eu dô ideias, eu digo eu tenho que fazer tal coisa, é muito difícil; um dia tu me ajuda? Pro meu filho eu quase não peço, mas pra Laura, que convive mais comigo. Eu peço, eu falo; ela se propõe a me ajudar. Mas também nunca tem tempo pra me ajudar. Ela também tem os problemas dela, e eu não peço a segunda vez. Eu fico chateada, me sentindo,

que eu tenho que fazer sozinha. E eu vou e faço. Mesmo as coisas que eu não tenho mais condições de fazer (com respiração ofegante). Eu acho que sim e eu faço. E é ruim isso. E eu sinto a fraqueza nas pernas, já entrei pra um lugar pra cuidar disso, mas era caro demais, era um horror. Eu fiquei três meses e desisti. Pra fortalecer pernas, fortalecer braços...entrei pra uma academia específica de idosos, mas era caríssimo demais, então, eu não é que esteja aceitando a minha deficiência de idade, me sentindo uma coitada. Eu não me sinto uma coitada, eu sinto que eu tô velha, que não sou mais a mesma pessoa. Quando eu tenho um trabalho, que eu ainda trabalho, e é um trabalho que eu gosto muito, eu fico bem, eu fico...eu me sinto jovem, eu rio, eu digo bobagens, eu sou tratada com muito carinho porque eu sou velhinha, e o pessoal todo é jovem, me tratam quer uma aguinha? Quer isso, quer aquilo. E eu fico meio eufórica demais sabe? Eu acho que às vezes eu exagero, porque eu fico sorridente demais, eufórica demais, e eu acho que até não é bom isso, pro meu trabalho. Mas é assim. E, agora...a história da Laura, da minha filha, que falou que ela é grosseira comigo. Ela é grosseira mesmo, e às vezes até eu brinco com ela, que as coisas que ela é grosseira comigo, “ por que tu não faz assim, eu já disse que tinha que ser assim..., tu sempre esquece, não organiza...”e ela também faz, e eu digo “ viu? Tu fez a mesma coisa, é muito mais moça e tu fez a mesma coisa que eu. E acontece (rindo). Não é? (Pergunta pra filha)

F: É.

M: E ela também diz que eu não dou atenção pra ela, que eu só dou atenção pro outro filho...O outro filho tá deprimido, tá num período difícil, e eu me preocupo muito com ele, porque eu dediquei toda a vida a ele, porque ele perdeu o pai muito moço, 7 anos, criança. E, existe um ciúme, que pra mim, eu acho que não devia ter ciúme nenhum, por que...eu faço tudo pela minha filha também. Ela sabe, eu saio, compro uma coisa diferente, e divido com ela. Eu compro fruta a mais, dou pra ela. E ela acha que não, que eu não me lembro dela, que eu só compro coisas boas pro Ricardo. Então, isso me incomoda também, muito. Me incomoda muito, porque eu acho que tinha que ter compreensão, porque cada um é diferente do outro, e...eu acho que eu respondi né? Não precisa dizer mais.

P: Sim. Quais sentimentos, ou preocupações estão mais presentes nesse momento, pra cada uma de vocês?

F: Financeira (risos), totalmente. Em primeiro lugar, financeira. Em segundo lugar, essa mudança da mãe pra casa do Ricardo, meu irmão, de problemas que podem acontecer. Então eu tenho muita preocupação com o meu irmão, e com a minha mãe. E da relação dos dois, juntos. E como eu sei, que muitas vezes um justifica um comportamento em função do

comportamento do outro. Tô mal por causa de ti, e o outro tô mal por causa de ti. Então a preocupação principal é financeira, e dessa mudança agora, que minha mãe tá voltando a morar com meu irmão. E a preocupação com dinheiro. Essa é em relação à família né? E a minha falta de contribuição financeira também né, que me preocupa bastante também.

M: É. É desesperador.

P: O que ajudaria vocês, nesse momento?

F: Dinheiro (risos). Mas como né, dinheiro não cai do céu, né. O que ajudaria, ajudaria muito o meu irmão sair da depressão que ele está. Eu ter um emprego que pelo menos me manter, mesmo que eu não pudesse ajudar a minha mãe. Porque só isso já é uma ajuda. E que meu irmão também conseguisse sair da depressão, melhorasse de vida, trabalhasse, contribuir também com os gastos dele né? Pois aí cada um tinha o seu dinheiro, os seus gastos, e eu também fico muito preocupada porque acaba sendo um peso a mais pra minha mãe.

M: Uma angústia.

F: É, sobrecarga, um peso, uma angústia, um desespero, pânico, tudo. Por ter que ficar morando num lugar que o espaço é pequeno pra ela, mas não tem jeito, é uma obrigação, não tem como pagar outro lugar. E em parte, eu e o meu irmão temos culpa nisso, porque senão ela teria o dinheiro dela. Em parte, não. Totalmente, né? Se o dinheiro dela fosse só pra ela, ela poderia morar num lugar bom, ser feliz.

M: Sim, eu tenho uma casa...

F: É, não, tem uma casa e meia.

M: É, não, uma casa, e, a gente tá alugando, porque também...

F: É e eu também não tenho casa nenhuma, isso que eu quero dizer. Se eu tivesse um trabalho, eu teria um dinheiro que seria de moradia, alimentação e tudo. Me sustentar em todos os sentidos.

M: É, eu morrendo, né, não acontece mais nada. Eu morrendo, nem tu nem o Ricardo tem como sobreviver.

P: É isso que te aflige?

M: Muito.

F: Não.

M: Sim (chora). É, com a tua idade é difícil pegar trabalho. Tu não tem uma formação superior. Por falta de dinheiro também, mas muito por erros da tua juventude, por loucuras.

F: Hã hã

M: E, não tem saída. E o Ricardo, agora ele tá melhorando; se Deus quiser. Mas eu vendo meus filhos e...

P: É o que te daria paz?

M: Sim, sem dúvida. Minha maior preocupação é porque eu sou a gestora. Sou a única pessoa que pode, com quem eles contam. Se eu não existisse, não existiria esse apartamento, nem o outro. E, a sobrevivência, também sou eu...por isso que agora eu tô no zero. Isso pra mim parece que é uma falha minha, entende?

F: Não é...

M: Eu sei que não é falha minha (chorando), mas também não tenho ideia como vai ser quando eu morrer. Eu tenho ideia, a pior possível. Então eu não quero morrer. Às vezes eu quero, eu não quero mais viver. Mas eu tenho que viver (soluçando) porque eu não quero morrer, porque vocês vão ter muita dificuldade.

F: E tu não fica com raiva? Da gente? Da gente não ter nem condições de se manter?

M: Eu não sei se eu tenho raiva. Mas devo ter sim. Devo ter raiva do Ricardo ter tido sucesso na carreira, ser uma pessoa super inteligente, e agora, tá sem condições...é um peso de, muitas vezes quando tu era bem moça, tem coisas que ficam gravadas. Eu te paguei um ano inteiro, pra fazer preparação pra educação física. E tu fez até um pouquinho, e largou tudo. Eu acho que eu fui muito permissiva a vida inteira. Tu alugou um apartamento com um namorado, eu fui fiadora. Tive que mentir que não tinha marido, que meu marido sumiu, porque eu não queria que ele soubesse. Aí eu fui fiadora, seis meses depois vocês foram embora. E eu não tinha experiência. Eu fiquei pagando até o final. Os seis meses restantes eu fiquei pagando o apartamento vazio. Vocês queriam botar um amigo lá, eu disse não, porque né, eu era a responsável. E teve muita coisa, que não foi pensada em mim. Foi pensado: “Vamos para Florianópolis, vamos mudar de vida”. E eu, aguentei tudo isso, segurei tudo isso. Isso é coisa da juventude, isso é coisa antiga, mas são coisas que ficam na memória, e no meu desgosto. Tu teve tudo pra estudar, e botou fora. Quando tu tava mal em Floripa, eu disse: “Larga tudo, deixa refrigerador, deixa tudo e vem embora pra cá”, quando teu pai morreu. E tu fez isso. Tu tava mal, queria, enfim; eu acho que eu sempre te dei apoio. Acho que eu sempre dei apoio pros meus filhos. Mesmo pra (filha mais velha), que tinha formação jornalística, tinha sucesso, que botou tudo fora, muitas vezes; muitas vezes eu ajudei ela com dinheiro. Eu já falei demais, se eu começo a falar, eu não paro mais...

P: Quer um café? (Se servindo)

M: Até o aluguel da casa, do terreno. O IPTU ela não pagava. E eu, pagava. Ela deixava juntar, e eu tinha que pagar, não queria perder a casa (respira fundo). Então, eu sempre aceitei tudo. Eu acho que, meu erro maior é isso. É achar que eu posso. Eu nunca deixo de dar nada pra ela, nem que seja cem reais quando ela diz que tá mal. Mesmo que eu esteja mal. Eu acho que eu sou exemplo da minha mãe. Sempre fez tudo pros filhos. Não tinha lugar pra dormir, ela dormia no pior lugar, nós tínhamos a cama, o quarto (para, chora, ofegante, descansa).

P: Vocês cuidaram de algum idoso na família de vocês?

M: Da minha mãe. Eu cuidei. Dos meus irmãos, nenhum...eu tinha uma irmã mais velha, a Terezinha, que era uma pessoa muito diferente, muito dona de si. Ela nunca trabalhou. Ela trabalhava uma semana, e saía. Mandavam embora, ou ela saía. Chegava em casa já sem dinheiro. E a minha avó era a madrinha dela, era a queridinha; e a minha avó favorecia, comprava roupinha nova pra ela, o que dava, bobagens; mas o vestido de 15 anos minha vó que fez pra ela, cheio de detalhes.

P: As outras não tinham?

M: Não. Aí eu disse “vó quando eu fizer 15 anos também eu quero um vestido como esse. Ela respondeu “Ah, só se eu juntar (eu tinha 3 anos a menos) um tostão por dia pra ter dinheiro pra comprar pra ti. Quem fez meu vestido de noiva fui eu. Não (ri), fui eu mesmo, mas não era isso que eu ia dizer. Quando eu fiz quinze anos, era isso que eu ia dizer, eu fiz o meu vestido com a colcha da minha mãe. Eu costurava do jeito que dava, mas eu já fazia as minhas roupas. Aí eu fiz um vestido; minha mãe tinha uma colcha do casamento, que ela gostava muito, e era muito linda a colcha, com bordado, e era de tafetá, não; aí um tecido de seda, esqueci o nome. Um tecido transparente. Tinha um forro embaixo, amarelo. E aí ela me deu, coitada. Deve ter sofrido porque eu pedi “mãe, eu queria fazer um vestido de 15 anos. E eu retalhei a colcha toda e fiz um vestido de 15 anos.

P: E teve festa?

M: ah teve lá uma comemoração, uma baboseira. E aí no meu casamento também fui eu que fiz. Minha vó era costureira e eu sempre tava do lado dela, olhando. E aprendi na marra, fazendo; e a minha avó olhava e dizia “ah tá...da outra vez tu faz assim...”mas eu nunca lembro dela me ensinar realmente; mas eu ficava junto. Acho que eu admirava muito porque ela era uma pessoa muito ativa e muito inteligente. Ela não sabia ler nem escrever, e ela costurava (chorando emocionada, ofegante o tempo todo), media; e ela era perfeccionista, e eu também sou perfeccionista até hoje com roupa. Eu fico olhando, aquela cava tá mal

colocada (ri), eu fico vendo na televisão, uma bobagem. E eu sou muito exigente, então eu não quero mais costurar porque é demorado, tem que chulear, tem que...

F: Alta costura, feita à mão, é alta costura...

M: É...eu sei, mas eu não tenho mais paciência (as duas riem, o clima fica mais leve).

P: A sua mãe ficou acamada?

M: Não, minha mãe tinha um filho atrás do outro. Que morreu com 39 anos.

F: Não mãe, a avó não morreu com 39 anos.

M: Não, ela ficou viúva com 39 anos. E com 8 filhos, a mais moça tinha 10 meses. Ah, me perdi.

F: Não, é que assim, quando a filha mais moça morreu, que teve um acidente, que ela morreu, ela tava grávida, a vó, tua mãe, foi pra Curitiba, que era onde ela morava né?

M: É. O marido dela era militar.

F: E a minha vó foi pra lá, foi cuidar de tudo, e não sei o que...

M: Minha mãe não tinha experiência nenhuma; meu pai fazia tudo, comprava tudo. Ela tinha um filho atrás do outro.

F: é, ela fazia comida, cuidava das crianças.

M: Sim, ela era dona de casa, é.

F: E aí ela teve que ir lá e resolver; era a pessoa mais próxima, responsável.

P: Pro enterro?

M: Pro enterro, tudo.

M: Ela tava lá grávida, pra morrer, pro nenê nascer; e eu tava no Rio de Janeiro, com meu marido e os filhos. E eu fiquei desesperada, queria ir pra lá, e meu marido me fez desistir (chorando). E até hoje eu me sinto culpada, porque eu tinha mais afetividade com a minha mãe que a minha irmã, que sempre foi meio...

F: A tia foi junto?

M: foi. Foi com a mãe.

F: Ah, pensei que foi sozinha.

M: E ela ficava... (chorava)

F: Bom, a questão é que a minha avó teve um AVC, logo depois, dessa situação, depois da morte da filha. E aí ela teve um AVC bem grave e ela ficou dependente.

P: Teve sequelas.

F: Teve sequelas bem graves.

P: E onde foi morar?

F: Ela foi morar conosco.

M: Não, primeiro ela foi morar com a (irmã), que cuidava dela. Aí os irmãos davam um dinheiro para ajudar; mas aí começaram a implicar, que ela não trabalhava, e só cuidava da mãe

F: tá, táe

M: Começou a querer tirar a mãe de lá, botar num asilo. Aí acharam um asilo bem barato, que era uma porcaria. Que as freiras não cuidavam, batiam nas velhinhas porque não queriam tomar banho. E eu era a única, e meu marido ia comigo.

F: E eu também.

M: Sim, sim, a minha família. Ia visitar a avó, e eu me dei ao trabalho de contar os comprimidos que ela tinha que tomar, diabetes, pressão alta, tinha várias coisas que ela tinha que tomar. E eu contava quantos, pra daqui 4 dias quando eu ir lá, ver se elas estavam dando os medicamentos. E elas não davam os remédios pra minha mãe. Então lá era um depósito de defunto próximo. Era só pra morrer. Um dia eu cheguei lá com meu marido, devia ser umas duas horas, a minha mãe tremia, tremia, tremia, chorava, e tava com febre alta, e ninguém tinha se havido disso, ninguém tinha visto. Aí eu fiquei mal, e meu marido disse: tú queres levar ela lá pra casa? Eu disse quero. E aí como os irmãos não tinham pagado a parte deles, era uma merreca, porque era uma porcaria de lugar, mas cada um ia dar uma parte, porque eles que tiveram a ideia de levar a mãe pra lá. Eu tinha ido na casa dessa irmã, e ela tava dando comida comprada, porque ela não fazia comida, não fazia nada, era porra louca; aí eu levei a vó pra casa, ela só podia levar as roupas que estavam com ela, os restos ficou preso, e eu disse, não faz mal mãe, depois eu venho aqui e pago. Aí pagamos a parte que eles não pagaram, e eu levei ela pra minha casa. Aí ela ficou, eu não tinha mais lugar, ela ficou numa sala de jantar, numa caminha, e ficou morando sempre na minha casa.

F: É assim, ela ficou com a mobilidade bem comprometida

M: É, ela não podia caminhar, tinha que ajudar.

F: Usava fralda, ela tinha um sininho que ela tocava quando precisava ir ao banheiro...

P: Você tinha que idade? (Pra filha)

F: Era mocinha, pré-adolescente.

P: Ela ficou quanto tempo com vocês, até falecer?

F: Ela visitava as outras filhas, passou dias na casa da Tereza; aí um dia ela foi visitar a X, , que era a outra irmã

P: Por acaso, juntou em algum momento a situação da sua mãe, com a doença do Marcos (o marido)?

M: Não, não, foi antes. Foi exatamente quando ele descobriu a doença. Eu já tava grávida, no final da gravidez do Ricardo que ele descobriu a doença. Aí ele foi viajar. Ele pediu licença pra viajar, porque era doença grave, e era mesmo. E ele nunca tinha ido a Paris, e enfim. Eu tava grávida de 8 meses. Ele foi pra Machu Pichu, primeiro, ficou em lugares mais baratos, viajou de trem. Aí voltou. E ele viu que ia morrer. Então falou: eu vou pra Europa. O pai dele tinha condições, e ofereceu passagem pra ele, e ele ficou acho que dois meses na Europa. O Ricardo tinha 6 meses, quando ele foi. Ele até me convidou, vamos juntos. E eu falei não posso deixar o Ricardo com as meninas, que ele tem 6 meses.

P: E a sua mãe?

M: A minha mãe também tava lá; a mãe morreu, porque a X, a minha irmã quem primeiro cuidou dela, falou deixa a mãe vir pra cá, passar um fim de semana. E a outra irmã, a X,, que morou um tempo comigo, e quando eu morei aqui em São Paulo ela morou comigo, eu tinha filhos pequenos, pra ela me ajudar; e ela estudar, estudava em colégio particular; ela foi pra lá também, pra ficar com a minha mãe. E as duas eram mais da mesma idade, ficavam conversando na cozinha, e a minha mãe morreu sozinha, no quarto. E eu fiquei muito frustrada porque podia ter acontecido junto da minha casa, mas eu era mais atenta às coisas, entende? E eu acho que como elas tavam no bate papo, minha mãe deve ter chamado, ela não deve ter ouvido. Quando elas viram, ela já estava morta.

Família D – Transcrição da Entrevista:

P: Temos percebido que com o envelhecimento de um familiar, muitas vezes os filhos começam a cuidar mais dos pais. Eu queria saber se vocês percebem se tem acontecido isso na família de vocês, e como tem sido esse momento na vida de vocês.

F: Bom na verdade, como a minha mãe mora aqui do lado, bem perto...na verdade a gente mora bem perto há 22 anos. Ela foi envelhecendo, e a gente também né? A convivência já vem de muitos anos perto.

N: E antes também era perto né? Não tanto...

F: Enfim aos poucos, a gente vai, como tá bem próximo, a gente vai pegando né?

N: Assumindo mesmo

F: É, ela precisa mesmo de alguns cuidados, precisa de companhia. Não pode ficar isolada. E pelo fato de morar do lado, a minha mãe tem isso de bom, ela não fica isolada, ela tá muito próxima da gente né? Só na hora de dormir mesmo, ela fecha a porta e vai dormir sozinha aqui; mas a gente tá muito próximo né?

M: Tem a campainha, é só tocar.

F: É, foi colocada uma campainha na cabeceira dela; vamos supor que ela sinta alguma coisa então só toca no nosso quarto, então isso bom porque ela vai deitar sossegada, porque ainda que está bem próxima, ainda tem isso né? Não precisa nem pegar o telefone, é só tocar.

P: Que bom, isso deve dar uma paz.

F: É então, a gente fica sossegado e ela também.

M: A porta também, a gente fecha só ali, na parte de baixo (me mostrando) se eu precisar já abre, tem uma chave lá nos fundos.

F: A gente tem uma chave...

M: Se precisar eles entram, e eu também.

F: Então na verdade ela mora sozinha, tem essa autonomia, mas tá próxima da gente.

N: Tem um portãozinho também, que liga, as duas casas.

F: A gente sempre achou importante né, ela ter o cantinho dela. E também a gente nunca a tratou com muita frescura, sempre tratou normal assim. Porque se você começar a achar que a pessoa está mais velha e não pode fazer nada...é claro que a gente pede pra ela não subir a escada que vai lá pra cima, que é uma escada perigosa

N: E ela vai (risadas)

F: Não, ela não sobe mais, só eventualmente.

M: Essa semana eu subi, mas não subo com a bacia, só subi com o balde (rindo). Tem duas pecinhas de roupa, eu subo. Se for só com a bacia eu subo, porque tem 2 corrimões...

F: É mas é assim, a gente acaba pegando um pouco no pé, né?

P: E a rotina de vocês, o que vocês fazem junto, e separados?

M: Eu faço comida, lavo minha roupinha, lavo quintal, cuidado das plantas. Você ainda não viu as minhas plantas né? Lá no fundo. Eu vou te mostrar. Agora limpeza não, né? Tem uma moça que vem aqui limpar uma vez por semana. Mas de resto eu faço tudo. Eu faço hidroginástica.

P: Ah que legal, há quanto tempo?

M: Uns quinze anos.

F: Ela só mudou o horário, agora vai com uma amiga dela. Às 15h é um horário mais para o idoso né. Ela também fez muito tempo tai chi

M: Eu deixei por causa da artrose. Tinha que por um tênis, e eu não conseguia, doía muito. E tem que pôr tênis né? Não pode fazer sem.

P: E você também mora perto?

N: Sim.

F: Ela também entra no esquema. De vez em quando eu e o José, a gente viaja, e ela fica aqui, dorme aqui. Ela ficou aqui o que? Um mês, 20 dias, porque estava reformando lá, e ficou aqui com a avó. (Quando a bebê nasceu). Agora são as quatro (se referindo às quatro mulheres, com o nascimento da bisneta)

P: Que bonito, tem que tirar uma foto de vocês 4.

M: É, quatro gerações.

M: Eu tenho mais duas bisnetinhas lá de Franca. Essa semana acho que a Marcela vai ter né (um bebê).

F: Os 3 irmãos vão ter bebê.

P: Médico...precisa de cuidados, tem alguma doença?

F: São tudo, aquelas coisinhas, meio normalzinha, ela não tem nada especial, nenhuma doença grave. Vários remedinhos de todo dia, pra pressão, pra diabetes. Ela é super certinha, toma tudo na hora certa; e vai o médico. E hoje ela acordou com a perna inchada, a médica falou que foi uma infecção; acho que como ela tem um pouco de varizes.

M: Fez ultrassom, deu medicação, um antibiótico e anti-inflamatório.

F: Mas ela falou que não é nada grave. Fez exame pra ver se não era trombose, mas não é

P: São coisinhas que às vezes aparece

P: Hoje quais são os sentimentos, uma preocupação que vocês têm em relação a esse momento de vida. Crianças chegando...

M: Bebês chegando, avó...

F: É tudo junto e misturado. É legal assim. Se você for pensar, é interessante isso, porque pra minha mãe é muito bom ter um bebê no meio de tudo isso. Cada bebê que aparece é uma alegria, né mãe? Quando o (neto) nasceu, quando a (neta) nasceu, agora quando a X nasceu.

M: A X(outra bisneta).

F: Ainda mais a Júlia, que tá muito próximo porque mora aqui perto, a Luaciana tá aqui todo dia, porque está de licença.

M: A mariana vem todo dia! Né Luciana?

M: Se não vem liga.

F: Mesmo antes do bebê ela sempre vinha, ela é muito grudada na minha mãe. Na gente né? E aí ela sempre vinha muito.

N: Agora só devo trabalhar fim do ano, novembro.

P: Você trabalha o dia inteiro?

N: Agora sim, porque dou aula em duas escolas. Entrei na prefeitura também.

P: E aí?

N: Aí, apontando pra mãe e rindo.

F: É só um mês.

N: Ano que vem ela vai ficar meio período com o pai, meio período na creche. Eu acho. Vamos ver.

F: Então a gente tava falando assim. Nesse momento a gente está assim. Nós compramos um apartamento em Peruíbe, que era um sonho nosso, meu e do meu marido. Isso é assim, por um lado é muito bom por outro lado é complicado, porque por exemplo, qual é o nosso objetivo, ficar indo pra lá; não ficar lá direto, mas assim, deu vontade, vai.

P: Ele trabalha?

F: Não ele é aposentado, eu também. Em abril fez um ano. Eu era assistente social, trabalhava na secretaria de assistência. Daí a gente tem assim vontade de ir pra praia e ir, mas é lógico que por exemplo, a minha mãe tá incluída nos nossos planos né? Lógico. Então o que a gente pensa? Da gente ir pra lá e minha mãe ir junto. Passar 3 dias...ou 4 ou 2, depende, e vem né? Tipo assim vai numa sexta e volta na segunda. E assim, minha mãe, é complicado uma pessoa quanto mais idade a gente tem, pra pessoa assim sair do seu, da sua origem de conforto, do seu canto, pra você ir pra um outro lugar. Eu e ele

M: Tem as minhas plantas...

N: Pode levar as plantas junto (rindo; porque ela tem muitas plantas em casa)

F: a gente ainda tá com disposição pra isso, mas agora a gente não pode obrigar que a minha mãe tenha a mesma disposição. Mas assim uma vez ou outra, não é obrigar, mas ela precisa ir com a gente, porque senão ela vai ficar aqui sozinha? Não dá. Também depender de uma outra pessoa de fora ficar aqui...por exemplo, se perguntar pra ela, mãe vai lá, dorme dois dias na casa da X, que é minha irmã, ela não quer ir, ela não vai, entendeu? Mas eu entendo né. Mas aí aqui sozinha ela não pode ficar.

M: Até 11h assim, eu fico bem. Mas depois já não...eu tenho receio.

F: E também eu acho que pelo fato da gente ter morado sempre perto, a gente vai se acostumando com isso, com essa dependência, é normal

P: Com a sua presença.

F: Com a nossa presença. Mesmo que eventualmente a gente sai, ela sabe que a gente volta. Um pouquinho mais tarde, mas volta, quando ela não vai junto, que às vezes acontece.

P: Os outros filhos participam, dessa olhadinha, porque ela não tem nenhum problema...

N: O problema é que eles moram longe né? Um mora lá na angélica. E o outro mora ali na Bela Vista.

F: Por exemplo, se eu viajo e a Luciana não vem aqui, aí eles vêm, passam o fim de semana aqui

N: Ah eles vêm visitar

P: Quando sua mãe não está, dá para dizer que você assume? (Para a neta)

N: Sim

F: É, ela sempre assumiu, até então. Agora ela está com o bebê, mas está de licença. Quando ela voltar a trabalhar aí já muda, porque você tem que cuidar de uma criança e ainda sair para trabalhar, então é mais complicado né? Mas de qualquer forma, a gente vai encontrando alternativas.

P: Tem alguma coisa que vocês imaginam que ajudaria nesse momento?

F: Eu imagino assim, se ela viajar começar a viajar com a gente e gostar, e achar bom, né? Porque ela precisa achar bom, a gente não vai obrigar, se ela falar. Ah bom que legal, gostei e tal, tudo bem. Se acontecer dela falar assim, eu só quero ir a cada 6 meses, eu não quero ir sempre.

M: Eu vou, só não quero ficar muitos dias.

F: Então aí...nem a gente pode ficar muito mãe.

M: Tenho que regar as plantas.

N: Eu venho regar as plantas vó. Não venho todo dia (ri) mas eu venho, um dia sim um dia não.

M: essa bebê aí não deixa!

N: Ela vai ajudar a regar daqui a pouco! Vai ser a primeira a pegar na mangueira e me ajudar as regar as suas plantas (sorrindo)

F: Aí, a gente pensa que se tivesse alguém de confiança, que diz eu me comprometo a dormir, lógico, pagando, que chegasse 9h da noite e ficasse nem que fosse até 7h da manhã, seria uma opção boa.

N: Quanto é que você vai pagar pra mim? (Ri). Se você pagar bem eu não vou nem dar aula!

F: A Luciana tando perto...morar por perto da família, não precisa ser tão perto, mas é bom né?

M: Quantos filhos você tem? (Para mim)

P: Tenho dois, uma menina e um menino.

M: Ah um casal!

P: Eu gostaria de saber se alguma de vocês já cuidou de algum familiar idoso?

M: Minha sogra, eu cuidei da minha sogra. Da minha mãe não, ela morava longe, em Itaquaritinga, interior de São Paulo.

N: Onde você morar daqui um tempo.

F: O apartamento que nós compramos, fica na rua Itaquaritinga, o mesmo nome da cidade que eu nasci. A Mariana fica enchendo o saco dizendo que a mãe vai morar lá (rindo). Só a minha mãe que saiu de lá e veio pra cá. Porque se casaram, ele veio pra cá e ela veio também.

P: Quantos anos ficaram casados?

M: 50, acho que 52.

F: Ele morreu em 2002.

P: Seus outros filhos também são presentes?

F: Ah sim, eles vêm muito pra cá, trazem as crianças

M: Aliás, quase todos domingos eles vêm pra cá.

F: fazem questão de ver a vó...aliás eles chegam e vem direto aqui.

M: Nossa eu tenho um neto maravilhoso viu?

F: Mas como deu oportunidade deles conviverem. A gente conhece, acho que todo mundo conhece família que ficando meio distante dos avós, né? E aí, a criança não aprende a

respeitar o idoso. Então assim, eu vejo o X,, que é o meu neto que vai fazer 4 anos. A minha nora e o meu filho fazem questão de ensinar a vem ver a bisa, fazem questão de beijar antes de sair, e ele adora a minha mãe. O outro que mora longe, nunca conviveu né? De vez em quando junta os 4 aqui.

Chega o marido.

E a esposa comenta: Esse aqui ficou um mês lá no sertão de Alagoas, foi cuidar do pai. Agora quem fica adulando ela é ele viu? Não eu. Que leva ela pra onde ela quer...

N: É filho da minha avó.

M: O amor é como se fosse.